

Lilia Maria Rosado da Fontoura

**Sexualidade segundo jovens de dois grupos
socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2011.**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de São
Paulo para obtenção do título
de Mestre em Ciências

São Paulo

2012

Lilia Maria Rosado da Fontoura

**Sexualidade segundo jovens de dois grupos
socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2011.**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de São Paulo
para obtenção do título de Mestre
em Ciências

Orientadora: Prof^a. Dr^a.

Mara Helena de Andréa Gomes

São Paulo

2012

FICHA CATALOGRÁFICA:

Fontoura, Lilia Maria Rosado da

Sexualidade segundo jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2011. / Lilia Maria Rosado da Fontoura. – São Paulo, 2012.

ix, 144. f .

Tese (mestrado)–Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Título em inglês : Sexuality by two socioeconomic groups of young people from S. P. , 2011

1. Adolescentes 2. Sexualidade 3. Juventude 4. Escolares
5. Estudantes

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA**

Chefe do departamento:

Prof^a. Dr^a. Rebeca de Souza e Silva

Coordenadora do curso de pós-graduação:

Prof^a. Dr^a. Suely Godoy Agostinho Gimeno

TERMO DE APROVAÇÃO:

Lilia Maria Rosado da Fontoura

**SEXUALIDADE SEGUNDO JOVENS DE DOIS GRUPOS
SOCIOECONÔMICOS DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2011.**

Presidente da Banca:

Prof^a. Dr^a. Mara Helena de Andréa Gomes

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Katia Cibelle Machado Pirotta

Prof^a Dr^a. Cristiane Gonçalves Silva

Profa. Dr^a. Paulete Goldenberg

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Mara Helena de Andréa Gomes, por ter me acolhido e por ter me dado a oportunidade de realizar o mestrado na UNIFESP, o que tanto desejei. Em especial, agradeço à professora Wilza Vieira Villela, que me acompanhou em grande parte do processo, oferecendo orientações e indicações nesta jornada de busca de conhecimentos e aprendizado.

Agradeço aos professores Luiz Francisco Marcopito e Pedro Paulo Gomes Pereira, que também me ajudaram nesta caminhada. E, também, à secretária Sandra Fagundes, que sempre me atendeu com muita simpatia.

Agradeço aos diretores das escolas, que gentilmente me acolheram e permitiram fazer as entrevistas de que precisava para montar o meu corpus de trabalho. Também agradeço imensamente ao apoio dos jovens que foram entrevistados, que confiaram em mim e que me ensinaram muito com seus relatos de vida.

Agradeço, com imenso carinho, a toda minha família, ao meu esposo, a meu filho e, em especial, a minha filha, Suellen Rosado da Fontoura, que foi muito companheira durante todo o período desta pesquisa. Meu especial agradecimento as minhas grandes amigas Luciane Garcia Blanco e Maria Virgínia Pereira, que muito me apoiaram e não me deixaram desistir dos meus objetivos acadêmicos, em alguns momentos difíceis. E também agradeço a Maria José de Moraes e Renata Lucia Moreira que muito me ajudaram.

Por fim, agradeço a Deus, por ter recebido a graça de vivenciar tantos momentos positivos, de conhecer pessoas que me ensinaram com os seus exemplos de vida, e por ter crescido como pessoa e como profissional com cada jovem que conheci durante esta pesquisa.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS:	v
RESUMO:	iv
APRESENTAÇÃO:	x
1. INTRODUÇÃO:	1
1.1 Justificativa:.....	8
1.2 Objetivos:.....	10
2. REVISÃO BIBLIGRÁFICA:	11
2.1- Sexualidade e a Escola:.....	11
2.2- Sexualidade e a Família :.....	13
2.3- Iniciação Sexual	14
2.4 - Gravidez na Adolescência	16
2.5 - Anticoncepção	17
2.6 - Informação sobre Sexualidade	17
3. METODOLOGIA:	20
3.1-Tipo de pesquisa.....	20
3.2- Sujeitos	20
3.3- Instrumentos e coleta de dados	20
3.4- Aspectos Éticos.....	21
3.5- Sítios de Pesquisa	21
3.6- Análises dos dados.....	22
4. TRABALHO DE CAMPO	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
5.1- Características dos Sujeitos	24
5.2 – Categorias.....	25

1-Sexualidade e a Escola.....	26
1.1-Abordagem do tema na escola.....	26
1.2-Atuação dos professores.....	31
1.3-Sugestões dos Alunos.....	34
1.4-Informações sobre Sexualidade.....	40
2-Sexualidade e a Família.....	42
2.1-Diálogo com a família.....	42
2.2 -Aceitação da vida sexual do jovem pela família.....	47
3-Juventude e Sexualidade.....	51
3.1-Como o assunto sexualidade surge entre os jovens.....	51
3.2- Por que e quando os jovens fazem sexo.....	53
3.3-Relacionamento entre os jovens (ficar e namorar).....	55
4-Vivências da Sexualidade pelos jovens.....	56
4.1- Iniciação Sexual.....	56
4.2- Impressões e Fantasias Sexuais	72
4.3 - Uso de Anticoncepcional.....	76
6. ANATOÇÕES FINAIS.....	81
7.ANEXOS.....	84
ANEXO.1 Mapa da localização da escola pública.....	84
ANEXO.2. Mapa da localização da escola privada.....	85
ANEXO.3. Mapa da Juventude de São Paulo.....	86
ANEXO.4. Parecer do Comitê de Ética.....	88
ANEXO 5. Quadros de respostas dos entrevistados da escola pública.....	90
ANEXO 6. Quadros de respostas dos entrevistados da escola privada.....	103
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	123

9. ABSTRACT

10. APÊNDICES

APÊNDICE 1. Autorização para a realização da pesquisa

APÊNDICE 2. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE 3. Formulário de identificação dos estudantes

APÊNDICE 4. Roteiro de entrevista

RESUMO

O presente estudo tem como propósito a descrição do modo como os jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo veem as questões sobre a sexualidade. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo descritivo e exploratório, utilizando uma abordagem qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas com 24 adolescentes que cursavam a 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública e de uma escola privada da cidade de São Paulo. A partir da coleta de dados, foi realizada a categorização e as respostas dos jovens entrevistados foram agrupadas nas seguintes categorias temáticas: 1- sexualidade e escola; 2- sexualidade e família; 3- juventude e sexualidade; 4- vivências da sexualidade pelos jovens. A análise das entrevistas com os jovens confirma que o tema sexualidade, tanto na escola pública como na escola privada, não é abordado de forma sistematizada, embora esteja contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) desde 1998 como um dos temas transversais. Os entrevistados de ambas as escolas consideram que é necessário abordar a temática sexualidade de maneira mais aprofundada no Ensino Médio e sem tabus. Eles, também, sugeriram que o tema da sexualidade deveria ser trabalhado de forma diferenciada das aulas tradicionais, ou seja, através de dinâmicas e debates, o que propiciaria a ocorrência de uma maior integração entre os jovens. As entrevistas também mostraram que o diálogo sobre sexualidade nas famílias é difícil e a maioria dos entrevistados demonstrou ter grandes dificuldades de relacionamento com os pais. Geralmente, eles procuram os amigos para falar sobre o tema. Entre as motivações para a iniciação sexual, foram destacadas pelos jovens a curiosidade e o desejo da descoberta. Para a maioria, a iniciação sexual foi algo novo, natural e agradável. Tanto a afetividade como o diálogo sobre o tema entre os parceiros foram salientados como sendo importantes, para que a relação sexual fosse possível, principalmente, para as meninas. Quanto aos métodos contraceptivos mais conhecidos e utilizados pelos entrevistados, estão o preservativo e a pílula. A partir dos dados analisados nesta pesquisa, foi possível destacar a necessidade de conscientização e da preparação dos pais e dos professores, para possibilitar o diálogo com os adolescentes, responder suas dúvidas e orientá-los a perceber a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde e que se expressa no ser humano em todas as fases de sua existência.

Palavras-chave: 1. Adolescentes 2. Sexualidade 3. Juventude 4. Escolares
5. Estudantes

APRESENTAÇÃO

Trabalho como professora há mais de 20 anos. A convivência diária com adolescentes durante esse período mostrou-me uma característica comum entre os jovens: a de questionar a si mesmo e, ao mesmo tempo, buscar a construção da própria identidade. Como educadora, passei a analisar a maneira como alguns setores da sociedade respondiam aos anseios e às dúvidas dos jovens. Observei, por exemplo, que questões relacionadas à sexualidade nem sempre são abordadas de modo a expor as opiniões dos próprios jovens, os quais estão mais sujeitos às cobranças, como disciplina e obediência, do que às orientações para enfrentar desafios cotidianos.

Durante esses 20 anos, trabalhei em escolas públicas e privadas, com jovens de diversas condições socioeconômicas, e percebi que esses ambientes apresentavam variações em relação aos valores, às oportunidades e às perspectivas para o futuro. Ao conviver, nesses diferentes ambientes, notei a importância da esfera educacional, devido a sua interferência no comportamento, na postura e, até mesmo, no processo de construção de identidade pelo qual o jovem passa.

Desta forma, passei a acreditar que é importante criar, na escola, espaços apropriados para disponibilizar e transmitir informações, sobretudo diante da diversidade de dados acessíveis com a internet. Além de informações, esse espaço deve permitir que o jovem compartilhe seus anseios e dúvidas em relação à sexualidade. Um ambiente sem censura, de partilha e de discussão, de diálogo e de questionamentos.

Incentivar diálogos em direção a mudanças capazes de transformar tabus relacionados à sexualidade foi o que me motivou a fazer essa pesquisa. Resolvi coletar opiniões de jovens que frequentam uma escola pública e de jovens que frequentam uma escola privada, por acreditar que é importante compreender a experiência de jovens inseridos em cenários socioeconômicos distintos, suas maneiras de sentir, de pensar e de buscar informações relativas à sexualidade. Queria compreender seus diferentes valores e conhecimentos sobre esse tema.

1 INTRODUÇÃO

Juventude e Sexualidade são temas sempre muito debatidos, em diferentes áreas do conhecimento, sem que, no entanto, haja concordância entre os autores com relação às definições desses termos. Por exemplo, para Bourdieu, (1983), a “juventude é apenas uma palavra”; já para Morin (1984), a juventude existiria como um grupo de idade identificado aos modelos culturais das sociedades de massa, e, segundo Chamboredon (1985), “a juventude enquanto categoria estaria dissolvida em uma inerente diversidade recoberta pelas múltiplas classes sociais”.

De acordo com Coimbra (2005), juventude é uma construção social: “a simples troca de palavras, de adolescência para juventude, não garante a quebra de naturalizações, uma vez que sendo o conceito de juventude uma construção social, pode também ser intuído e capturado para questionar o conceito de adolescência”.

Existem também diferenciações no conceito de adolescência, sendo mais aceito na área da saúde aquele proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera adolescência como “um período compreendido entre 10 e 20 anos”. Essa definição leva em consideração aspectos biológicos, psicológicos e econômicos.

As ciências biomédicas, em geral, trabalham com a concepção de puberdade, referindo-se à adolescência como um período ou fase de transformações no corpo infantil que vai se tornando maduro. Entretanto, “as Ciências Sociais optam pelo conceito de juventude como uma fase de transição” (GROPPO, 2000).

Segundo Oliveira (2009), a juventude é uma fase em que ocorre grande parte do processo de crescimento e desenvolvimento sexual do sujeito, com um acentuado amadurecimento corporal, além de significativas transformações emocionais e construção de novas relações interpessoais, resultando na formação de uma identidade própria.

As definições de juventude geralmente se fundamentam em dois critérios que, apesar de terem relações um com o outro, nunca se harmonizam totalmente: o critério etário e o critério sociocultural.

Com relação ao critério etário, verificam-se dificuldades em estabelecer parâmetros para o grupo correspondente à juventude. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por exemplo, crianças são pessoas de até 12 anos incompletos, e

adolescentes estão na faixa compreendida entre 12 e 18 anos de idade. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), por sua vez, a adolescência refere-se à segunda década da vida, enquanto a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Esses conceitos comportam desdobramentos, identificando-se adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e adultos jovens (de 20 a 24 anos).

Segundo o Ministério da Saúde (2007), a adoção do critério cronológico prioriza a orientação da investigação epidemiológica, as estratégias de elaboração de políticas de desenvolvimento coletivo e as programações de serviços sociais e de saúde pública, mas ignora as características individuais.

Quanto aos critérios socioculturais relacionados à juventude, entende-se que o jovem e seu comportamento modificam-se de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, os contextos nacionais e regionais. A juventude como categoria social é vista como uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens.

Com relação à sexualidade, percebe-se que ela está presente em todas as fases do indivíduo e, isto, também através dos tempos. Segundo o Ministério da Saúde (2007), a sexualidade deve ser entendida como uma construção histórica e não como uma condição natural. Pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte, manifestando-se em todas as fases da vida (infância, adolescência, fase adulta e velhice), sem distinção de raça, cor, sexo ou caso de deficiência.

Segundo Abramovay (2004), a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. Ela é experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos.

Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de afirmar que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, mas também ao prazer. Assim, para alguns estudiosos, a sexualidade corresponde à própria vida e envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (ABRAMOVAY, 2004).

A sexualidade não seria, então, apenas uma parte do sujeito, mas uma dimensão de todo o humano. O progresso das ciências sociais e humanas, as descobertas da psicanálise e as reflexões da filosofia moderna demonstraram que a sexualidade, sem

deixar de se enraizar no biológico, é humana na sua própria estrutura, ou seja, é marcada pela história e pela cultura.

Como a sexualidade é uma construção social é importante contextualizar os limites e a forma de atuação do Estado em relação ao jovem e a sua sexualidade, destacando as políticas públicas atuais.

A orientação sexual nas escolas está prevista nos Parâmetros dos Currículos Nacionais (PCNs), desde 1998, como um dos temas transversais, destacando que: “ao tratar do tema Orientação Sexual busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até à morte. Essa engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo, ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista” (MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO, 1998).

A sexualidade é abordada pelos PCNs, que consideram a distinção entre os conceitos de organismo e corpo e sublinham a importância do segundo. O organismo representa a estrutura constitucional herdada, a infraestrutura biológica básica dos seres humanos. O corpo, por sua vez, é um conceito mais amplo, pois nele estão impressas as influências do meio ao qual o ser pertence, as aprendizagens, vivências e experiências obtidas ao longo da vida. Para Schiviavo (2004), ao se trabalhar com a temática “corpo”, pretende-se abordar muito mais do que os aspectos anatômicos e funcionais do organismo, pois há outros fatores além dos biológicos atuando sobre o organismo: os psicológicos e os socioculturais. O corpo, portanto, deve ser concebido como um todo integrado, incluindo as emoções, os sentimentos, as sensações, bem como os valores morais e sociais.

A abordagem dos jovens e sua relação com a sexualidade vêm ganhando relevância em espaços acadêmicos de discussão e investigação, tanto no campo da educação como no da saúde, com a finalidade de subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas para jovens (OLIVEIRA, 2009).

Em 1º de fevereiro de 2005, a Política Nacional de Juventude foi criada por meio da Medida Provisória 238. Ainda nesse ano, o Presidente da República criou a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude. Também foram criados os Fóruns Nacionais de Gestores Municipais e Estaduais de Juventude, que vieram fortalecer ainda mais a política juvenil.

Além de integrar programas e ações do governo federal, a Secretaria Nacional de Juventude visa a reforçar a política juvenil, juntamente com o Conselho Nacional da

Juventude, que tem como finalidades formular e propor diretrizes da ação governamental voltadas à promoção de políticas públicas para a juventude e fomentar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica juvenil profissional. A ação desse Conselho reside prioritariamente em buscar o reconhecimento e a legitimidade da temática juvenil perante os governos, a opinião pública e a sociedade (POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2005).

É este reconhecimento que pode alavancar a formulação de políticas mais sintonizadas com as características e necessidades dos jovens e estimular a montagem de Programas intersetoriais, voltados para a juventude, por meio de gestões compartilhadas entre diferentes Ministérios.

Entre os programas e ações governamentais tiveram destaque o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), que tem como principal objetivo proporcionar formação integral aos jovens, por meio de uma efetiva associação entre a formação básica e a da cidadania, incluindo a qualificação profissional, que possibilitou um ingresso significativo de jovens ao mercado de trabalho.

A maioria desses programas foi iniciada na gestão 2003-2006 do Governo Federal. Destacam-se: Escola de Fábrica; Escola Aberta; Diversidade na Universidade; Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE); Programa de Educação de Jovens e Adultos (Proeja); Fazendo Escola; Projeto Brasil Alfabetizado (com foco em juventude); Programa Universidade para Todos (PROUNI); Programa de Apoio à Extensão Universitária para Políticas Públicas (PROEXT); Familiar para os jovens (Pronaf Jovem); Terra Negra; Agente Jovem13, e também a redação da Carta de Julho, contra a homofobia, lançada nos marcos da Parada Gay de 30 de julho de 2006, no Rio de Janeiro (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Em 2007, por meio do Decreto Presidencial de número 6.286, de 05/12/2007, foi instituído o Programa Saúde na Escola (PSE) que, além de institucionalizar o já existente Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, ampliou o propósito das ações de saúde na escola. O programa tem como objetivos

“contribuir para a prevenção da infecção pelo HIV, outras doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada, entre jovens; contribuir para a redução de preconceitos e estigmas relacionados à raça, etnia e orientação sexual, bem como a promoção da igualdade de gênero; envolver toda a comunidade escolar na promoção de ações em saúde sexual e saúde reprodutiva”

O Programa Saúde na Escola (PSE) já levou a 8 milhões de estudantes orientações sobre a saúde sexual. A parceria entre os Ministérios da Saúde e da Educação permite que, em sala de aula, sejam abordados conteúdos como sexo seguro, álcool e drogas.

Na educação preventiva dos jovens, o foco do Programa DST-AIDS do MS foi decisivo para a maior conscientização deles sobre saúde sexual e reprodutiva. Segundo a PeNSE (Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar), 76% dos escolares que iniciaram a vida sexual utilizaram o preservativo na última relação. Os jovens têm acesso gratuito às camisinhas nos postos de saúde da rede pública. Mais de 700 milhões de unidades foram distribuídas para toda a população em 2008 e 2009 (PeNSE, 2010).

Foram implantados também projetos sobre a temática de sexualidade nas escolas. O GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual) desenvolveu, para a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo, um amplo projeto de “Orientação Sexual na Escola”. Esse projeto foi implantado em toda a rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, em dois momentos: de 1989 a 1992, e em 2003 e 2004.

O projeto se dirigiu aos educadores de todos os níveis de ensino: educação infantil (inclusive creches), ensino fundamental, médio, educação especial e de jovens e adultos. Cerca de 100.000 alunos se beneficiaram com as ações desenvolvidas e que tiveram como objetivo a discussão sobre a sexualidade, os preconceitos, os tabus, as emoções e as questões sociais, políticas e culturais que permeiam o tema. As suas estratégias levaram a uma reflexão dos jovens sobre os seus próprios valores e os dos outros, bem como uma vivência da sexualidade com maiores possibilidades de segurança, de prazer, de amor e do exercício da liberdade com responsabilidade (EGYPTO, 2004).

O projeto “Prevenção Também se Ensina”, coordenado pela Secretaria de Estado da Educação – SEE de São Paulo, é executado desde 1996 em escolas da rede pública estadual de ensino. Ele abrange todas as escolas das 91 Diretorias de Ensino do Estado, beneficiando alunos dos ensinos Fundamental e Médio. A iniciativa é voltada à promoção da cidadania saudável e à redução da vulnerabilidade da comunidade escolar à gravidez na adolescência, ao uso indevido de drogas e às DST/AIDS (doenças sexualmente transmissíveis/síndrome da imunodeficiência adquirida).

O Projeto “Vamos Combinar” (fruto de uma parceria entre a ONG NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre as Sexualidades) e o GIPA (Grupo Integrado de

Prevenção e Assistência à AIDS e à tuberculose) foi realizado em função da disciplina de Psicologia Comunitária, cursada no 3º ano do curso de graduação em Psicologia na UNESP- Assis. Foram realizados encontros de junho a novembro do ano de 2008. O projeto tinha como um dos objetivos, por meio de oficinas, orientar, conscientizar e incentivar os estudantes a refletir em relação a diversos temas, como os cuidados de si, sexualidades, diversidade sexual, prevenção a DSTs/HIV e gravidez não planejada (CAMARGO 2, 2009).

Contudo, mesmo com a aplicação de projetos e programas educativos relacionados à prevenção, sem o reconhecimento social – e escolar – sobre os modos de pensar, sentir e agir dos jovens sobre a sexualidade, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado em suas vidas. Segundo Alves (2009), o exercício da sexualidade, pautado por conhecimentos e contando com a interlocução entre os jovens, seus pais, profissionais da saúde e da educação, resulta em práticas sexuais mais responsáveis, refletindo positivamente no uso de métodos contraceptivos, nas taxas de fecundidade e na proteção às DSTs/HIV.

De acordo com os estudos de Souza (2007) é necessário ter maior investimento na aquisição de conhecimento sobre sexualidade na área da saúde. Em sua pesquisa, na avaliação final de 10 oficinas realizadas com 150 adolescentes, foi observado pelos docentes/facilitadores que cada grupo de adolescentes expressou uma forma diferente de se envolver e participar nas atividades. Além disso, o movimento grupal relacionado aos temas ou tarefas foi caracterizado principalmente pela coesão, o que favoreceu o alcance dos objetivos propostos. Com isso, o autor concluiu que é necessário estimular a participação dos jovens em programas educativos relacionados à sexualidade, considerando que é no diálogo aberto e reflexivo que o educando parte de sua própria realidade para interagir, trocar experiências e adquirir novos conhecimentos.

A pesquisa de Leite (2001) reforça essa ideia, pois, no seu estudo realizado com 2.470 adolescentes, estudantes de 10 a 19 anos, em uma amostra estratificada proporcional de escolas públicas e particulares de Maceió, os resultados mostraram que na opinião da maior parte dos adolescentes os pais estimulam mais os filhos homens a praticar sexo e reprimem a sexualidade das filhas. A pesquisa mostrou também que os métodos anticoncepcionais mais usados na iniciação sexual são o preservativo e o coito interrompido e, na relação sexual mais recente, o preservativo e a pílula. Entre os adolescentes, 86% dos rapazes e 31,1% das moças já se masturbaram. Através de uma regressão logística, observou-se que a probabilidade de iniciar a atividade sexual era

maior entre os adolescentes do sexo masculino, sem religião, com idade mais avançada e atrasada em relação à idade/série escolar. Diante desses resultados, sugeriu-se a implantação de debates a respeito de temas sobre saúde sexual e reprodutiva nas escolas, voltados para alunos, pais e professores, de forma a fornecer subsídios suficientes para diminuir as dúvidas dos adolescentes e preparar os pais e professores para melhor orientar e conviver com esse grupo etário.

Trabalhar com a temática da sexualidade requer capacitação dos profissionais tanto da saúde quanto da educação. Borges (2006), em pesquisa realizada com 382 adolescentes de 15 a 19 com o objetivo de identificar com quem os jovens compartilham informações e diálogos sobre sexualidade, mostrou que os amigos foram apontados como os indivíduos com quem os adolescentes mais frequentemente conversavam sobre sexo. Os professores e profissionais de saúde são consultados quando os jovens têm dúvidas sobre a prevenção de DST/AIDS. Os pais foram referidos por aproximadamente 20% dos adolescentes como fonte de esclarecimento de dúvidas, independentemente do assunto abordado.

Os professores, profissionais da saúde e pais, ao serem interlocutores no diálogo com adolescentes sobre sexo, gravidez e DST/AIDS, precisam ser agregados como partícipes das ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Com isso, é necessária uma capacitação para que cada profissional possa fazer intervenções além do modelo biológico, iniciar discussões e incitar reflexões acerca da sexualidade enquanto dimensão socialmente construída. É preciso contemplar, dessa maneira, as perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, no intuito de estar mais próximo do adolescente e alcançar com mais pertinência a promoção de sua saúde integral.

1.1 Justificativa

Questões ligadas à educação, à sexualidade e à fecundidade dos adolescentes são objeto de pesquisas institucionais e governamentais. É importante considerar, nesses estudos, o espaço social, na medida em que o ambiente urbano é elemento essencial de construção de referenciais que interferem na maneira como o jovem vê e interage com a sociedade.

O presente trabalho pretende descrever aspectos relacionados à sexualidade de jovens estudantes de diferentes grupos socioeconômicos na cidade de São Paulo. Tem como pressuposto o de que existem responsabilidades da família e da escola frente à educação sexual dos adolescentes.

Existem pesquisas sobre o tema da sexualidade que abordam a experiência dos jovens relacionada ao meio em que vivem. A pesquisa de Cotrim (2000) fez um levantamento que buscou conhecer a realidade de adolescentes procedentes de diferentes estratos sociais. Nessa pesquisa, foi realizado um inquérito epidemiológico sobre comportamentos relacionados à saúde entre estudantes de 12 a 18 anos de duas redes de ensino: rede estadual (993) e rede privada (815) da cidade de São Paulo, SP.

Os resultados da pesquisa de Cotrim (2000) indicam que uma proporção significativa de estudantes apresenta comportamentos que podem levar ao risco para a sua saúde, principalmente na faixa de 15 a 18 anos de idade. Tanto nas escolas públicas como na rede particular de ensino, o mais frequente comportamento de risco relacionado à sexualidade foi a não utilização de preservativo nas relações sexuais.

Outro aspecto importante, como afirma Alves (2009), é identificar representações e práticas de jovens de diferentes segmentos no que tange à gestão da vida íntima e de suas interações com as instituições da família, da escola e de grupo de pares.

Tanto a escola como a família estão distantes dos jovens quanto à temática sexualidade. Segundo Augusto (2005), isso se deve porque, “quando se discute o convívio entre gerações, a socióloga Marialice Foracchi lembra que a relação estabelecida entre os adultos e os jovens se caracteriza por um antagonismo constante e árduo, cuja modificação, sendo difícil, não é, entretanto, impossível”. Nos termos em que a autora propõe a discussão, o adulto aparece como alguém distante do jovem, tornando difícil, mas possível, a troca de experiências e o diálogo entre ambos.

Além disso, muitos pais experimentam dificuldades em abordar a temática sexual entre eles mesmos e, ainda mais, com seus filhos. Mesmo assim, tanto os pais, como a família, queiram ou não, são os primeiros educadores sexuais. A maneira como se respeitam, hierarquizam ou ironizam as diferenças entre os sexos e para com a sociedade, fica internalizada, adquirindo forte significado na formação da personalidade dos filhos.

Outros fatores que dificultam a relação pais e filhos são as transformações ocorridas na sociedade e na estrutura familiar. Segundo Pratta (2007), “a literatura consultada salienta que as transformações ocorridas na sociedade, na estrutura familiar e na forma como os pais foram educados provocaram dificuldades referentes à educação dos filhos, principalmente na adolescência”.

Como a família não consegue suprir as necessidades de diálogo e informação sobre sexualidade, cabe à escola complementar o papel de orientação na área da sexualidade, juntamente com os profissionais da saúde. Moizes (2010) afirma que “a escola pode ser o recurso para ajudar familiares, professores e escolares a compreenderem melhor os pressupostos da educação sexual e profissionais da saúde são grandes aliados, no sentido de conscientizá-los e orientá-los”.

Segundo Alves (2009),

“há pouco espaço para o acolhimento dos jovens nos serviços de saúde e escolas, impedindo que as questões sobre sexualidade sejam tratadas de maneira a sensibilizá-los. Há também barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade para que o tema seja abordado de maneira menos preconceituosa, tornando a iniciação sexual um processo repleto de silêncios e reprovação moral.”

Para Alencar (2008), “educar significa formar alguém, proporcionando condições para que este cresça consciente e responsável pelos seus atos”, sendo responsabilidade de todos - pais, educadores e pessoas, direta ou indiretamente relacionadas com a saúde da juventude - uma atuação mais concreta e contínua na formação dos jovens. Para isso, tornam-se necessários os debates, no país, sobre sexualidade juvenil, pois esses são uma via importante para a reflexão sociológica no campo da Saúde Coletiva.

E, como enfatiza Carvalho (2005), os adolescentes não são, em absoluto, uma massa amorfa e alienada. Há uma multiplicidade de experiências e trajetórias e, muitas vezes, os esforços empreendidos para entender esses sujeitos correm sérios riscos de homogeneizá-los em suas vivências e contextos sociais. Dessa forma, este estudo

apresenta uma amostragem sobre opiniões, sugestões e vivências dos jovens relacionadas à sexualidade que representa um momento específico de uma geração e de uma cultura, localizadas no tempo e espaço.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral:

Descrever o modo como os jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo veem as questões sobre a sexualidade.

Objetivos Específicos:

- _ Identificar o papel da escola na formação do jovem em sua sexualidade;
- _ Reconhecer a participação da família em sua sexualidade;
- _ Identificar as fontes de informações que os jovens têm sobre a sexualidade;
- _ Descrever as vivências nas perspectivas dos jovens entrevistados.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Sexualidade e a Escola

A sociedade e, mais especificamente, as instituições responsáveis pelo processo educacional e de desenvolvimento social e psicológico dos indivíduos tornam-se também responsáveis pela estruturação do desenvolvimento da juventude. Bourdieu (1983) expressa que “a escola, sempre se esquece disto”. Para ele, “a escola não é simplesmente um lugar onde se aprende coisas, saberes, técnicas, etc.: é também uma instituição que concede títulos, isto é, direitos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações” (BOURDIEU, 1983).

A escola desempenha, portanto, papel fundamental na abertura e no desenvolvimento de temas relacionados às necessidades dos jovens. Queiroz (2002) afirma que a escola deve ser um laboratório de vida democrática, possibilitando que a sala de aula seja um local de aprendizagem, de debate, de argumentos, com regras claras relacionadas às necessidades da discussão. Só podemos visualizar com mais clareza o sentido da escola, se a aprendizagem desempenhar um papel fundamental no aprendizado democrático.

Os debates e dinâmicas são importantes para facilitar o aprofundamento do tema e o diálogo sobre sexualidade no ambiente escolar. Segundo Freitas (2010),

“Considera-se importante destacar que as percepções dos adolescentes sobre sua sexualidade surgiram no âmbito dos debates e aliança de saberes durante as dinâmicas. Isso contribuiu para o estabelecimento de um novo ambiente de diálogo no contexto escolar que promoveu e facilitou o aprofundamento da temática, em linguagem acessível, e em parceria com os adolescentes.”

Para Jeolás (2003), as oficinas sobre sexualidade propiciam melhor interação entre os adultos e os jovens estimulando a reflexão sobre o tema a ser desenvolvido.

“Oficinas de prevenção possibilitaram melhor interação entre os profissionais do serviço e os adolescentes, além de representarem um espaço de reflexão sobre assuntos relacionados à sexualidade, temas dificilmente discutidos com a família ou na escola. As oficinas apresentam-se, portanto, como instrumentos eficazes de prevenção e de promoção à saúde, podendo ser operacionalizadas, nos serviços de saúde, por equipes interdisciplinares.” (JEOLÁS, 2003).

Quanto ao desenvolvimento da temática sexualidade, na escola, ainda é encontrada uma centralização nos aspectos biológicos e as disciplinas que mais desenvolvem o tema são: Ciências, no Ensino Fundamental e Biologia, no Ensino Médio. Como afirma Abramovay (2004),

“O perigo de se inscrever a temática da sexualidade no campo de informações sobre o que fazer, quando e o que evitar tem sido motivo de críticas de distintos autores que advertem que essa temática, no contexto da sala de aula, vem sendo desenvolvida, tradicionalmente, como um conteúdo restrito ao campo disciplinar da Biologia, reificando-se o corpo como aparato reprodutivo, o que molda a compreensão a respeito da saúde e da doença.”

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, realizada pelo IBGE em 2008, o Brasil tinha 17,5 milhões de adolescentes com idade entre 10 e 14 anos e outros 17,0 milhões, na faixa etária de 15 a 19 anos, e a maioria desses adolescentes frequentava a escola (97,9% e 84,1% para as faixas etárias de 10 a 14 anos e de 15 a 17 anos, respectivamente). Deste modo, a escola constitui um espaço que os jovens frequentam, o que torna apropriado o desenvolvimento de políticas públicas relacionadas à saúde dos jovens escolares.

Mesmo com as políticas públicas atuais existe um distanciamento entre as necessidades e a oferta de programas na área da sexualidade para a juventude. Segundo Heilborn (2006), são necessárias mais ações educativas abrangentes para a juventude na esfera da sexualidade, uma vez que “no Brasil, as políticas voltadas à prevenção das DST/AIDS não incorporam em seu bojo a contracepção, sendo necessário ampliar o foco dessas políticas direcionadas à juventude”.

A falta de informação sobre prevenção e sexualidade foi demonstrada na pesquisa de Hamann (1995), na qual foram entrevistados 416 estudantes dentro do marco institucional-assistencial do Centro Brasileiro da Infância e Adolescência. Os entrevistados manifestaram dúvidas e desconfiança nas informações recebidas sobre sexualidade e mostraram uma escassa compreensão sobre certos aspectos a respeito do contágio e da prevenção de doenças. O não uso de contraceptivo foi atribuído à impossibilidade de prever que os encontros sexuais iriam ocorrer e apontou a necessidade de estudos adicionais nessa área, para fortalecer a implantação de ações estratégicas, voltadas à saúde de adolescentes, nas escolas.

É importante a integração entre a escola e a família no que se refere ao desenvolvimento da temática sexualidade com o jovem, como afirma Abramovay (2004):

“A escola, sendo também um espaço que deveria congrega os pais dos alunos, tem possibilidade de colaborar para que a família também reflita sobre como vem ou não lidando com práticas sexuais de prevenção, relações não discriminatórias, ética de convivência inclusive nas relações afetivo-sexuais e ruptura na cadeia de reproduções de tabus e intolerâncias.”.

2.2 Sexualidade e Família

Segundo Almeida (2009), existe dificuldade de diálogo entre pais e filhos sobre a temática da sexualidade. Sua pesquisa foi realizada em uma escola privada do município de Toledo, Paraná, onde participaram do estudo 10 pais de alunos da 7ª e 8ª séries. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada e analisados conforme o método do Discurso do Sujeito Coletivo. Os pais fizeram considerações sobre o modo como orientam os filhos sobre a sexualidade, entre elas, sobre a importância do diálogo e da conversa franca entre pais e filhos; a dificuldade na comunicação entre eles; dificuldades relacionadas à educação recebida; ensino de valores, e a importância da educação compartilhada com a escola.

As relações afetivas na família são consideradas importantes pelos jovens, bem como a atuação da família na educação voltada para a saúde sexual da juventude. Borges (2006) afirma que

“nas estratégias de educação voltadas para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, é preciso considerar sua rede de relações e abarcar, não apenas os professores e profissionais de saúde e outros adolescentes como fontes de informação e diálogo, mas também, os pais, as mães e os outros membros da família...”

Apesar disso, de acordo com Leite (2001), na maioria das famílias, há uma dificuldade de pais e filhos estabelecerem um diálogo sobre sexualidade e anticoncepção.

As relações afetivas entre pais e filhos atuam em ações de maior proteção dos jovens. Segundo Taquette (2008), “as adolescentes com investimento afetivo familiar se apropriam mais de sua sexualidade, agem com maior proteção e não se submetem meramente à satisfação dos desejos de outrem”.

2.3 Iniciação Sexual

Com relação à iniciação da sexual, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar - PeNSE (2009) mostra que 30,5% dos escolares com idade entre 13 a 15 anos já tiveram relação sexual alguma vez. O percentual de escolares adolescentes do sexo masculino que tiveram relação sexual foi de 43,7%. Nas escolas públicas, um maior percentual de alunos já havia iniciado a vida sexual (33,1%), quando comparados aos das escolas privadas (20,8%).

Relacionando a iniciação sexual dos jovens aos níveis socioeconômicos aos quais pertencem, Romero (2008) conduziu um estudo transversal em amostra aleatória e representativa de 1066 jovens de 15 a 19 anos. Segundo o autor, a iniciação sexual foi similar para todos os jovens pertencentes aos diferentes níveis socioeconômicos, destacando-se que, em geral, o predomínio desse início é causado por desejo sexual, e notou-se uma baixa frequência no uso de métodos anticoncepcionais, embora, entre os que o usaram, tenha predominado o método de barreira.

O exercício sexual entre jovens permanece encoberto, como afirma Brandão (2009) em sua pesquisa com 73 jovens de ambos os sexos, de 18 a 24 anos de idade, provenientes de três capitais do país (Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre) e de dois segmentos sociais (popular e médio), e que passaram por ao menos um episódio de gravidez na adolescência. De acordo com Brandão (2009), “o exercício sexual entre adolescentes não é assumido publicamente, no início das trajetórias sexuais das jovens, de ambas as classes sociais pesquisadas. Em ambos os segmentos sociais, os adolescentes não assumem suas responsabilidades contraceptivas”.

Muitos jovens reproduzem valores quando se referem às vivências sexuais. Já outros demonstram uma maior abertura sobre a temática, como Vidal (2008) afirma:

“de maneira geral, os alunos e alunas desta pesquisa apresentaram por meio de suas escritas concepções que reproduzem muitas vezes valores tradicionais, alguns preconceitos, idéias e atitudes padronizadas, às vezes confusas, contraditórias e incoerentes. Alguns mostram uma abertura, um pensar um pouco mais crítico, certa irreverência e contestação diante de determinados assuntos.”.

As diferenciações de comportamento dos jovens podem ser decorrentes de suas vivências, as quais estão muitas vezes ligadas a padrões de controle que têm o intuito de produzir sujeitos autodisciplinados. Segundo Altmann (2001),

“Através da colocação do sexo em discurso, parece haver um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, o qual se exerce

não tanto através de proibições e punições, mas através de mecanismos, metodologias e práticas que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade.”.

Existem diferenças entre os sexos em relação à iniciação sexual. Para as meninas, é importante o vínculo afetivo, como relata Taquette (2008):

“Observou-se também que, na opinião das entrevistadas, a iniciação sexual, independente do matrimônio, pareceu ser aceita, mas foi largamente relatado o desejo da existência de vínculo afetivo-amoroso com o parceiro da primeira prática sexual, reforçando que o tradicional papel atribuído à sexualidade feminina, pelas relações de gênero, ainda forma a base do comportamento sexual dessas garotas.”.

Para as meninas, existe uma dificuldade de dissociar o sexo do amor, o que não é sempre demonstrado pelos meninos, como afirma Vidal (2008):

“Ficou exposta a grande dificuldade que principalmente as meninas possuem em dissociar o sexo do amor. Para os meninos isto não parece ocorrer. Na verdade, eles devem buscar outras experiências para testar e provar a virilidade perante os outros e para isso eles não precisam ‘amar’.”.

Apesar dessas constatações, a pesquisa realizada por Borges (2007) demonstrou uma diversidade entre a ligação do amor com o sexo. Nessa pesquisa, foram entrevistados 184 homens, de 15 a 19 anos de idade, residentes no Município de São Paulo, e os resultados revelaram um duplo padrão social: há a valorização do sentimento de amor e entrega à pessoa amada e, simultaneamente, há a premência física e instintiva para o sexo. Isso mostra que, segundo o autor,

“padrões tradicionais de masculinidade, como a dissociação entre sexo e amor, parecem estar sendo transpostos no tocante à iniciação sexual, revelando diversidade nos modos de viver a sexualidade na adolescência que, por sua vez, estão relacionados à saúde sexual e reprodutiva dos homens e suas parcerias.” (BORGES, 2007).

Quanto à virgindade, também encontramos diferenças entre meninas e meninos. A virgindade assume uma grande importância para as meninas e, quanto aos meninos, eles sentem-se pressionados para perdê-la. Segundo Vidal (2008), “vê-se também que dão grande importância à virgindade, mesmo não defendendo a ideia de preservá-la até o casamento. Diferentemente dos meninos que querem ou se obrigam a "perdê-la".

2.4 Gravidez na Adolescência

Mesmo havendo uma queda na fecundidade em todo o Brasil, é preocupante a gravidez em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IBGE/IPEA), a taxa de fecundidade adolescente, em 2006, cresceu em 0,14 % nas classes econômicas mais baixas.

Em 2007, ocorreram 2.795.207 de nascimentos no país, dos quais 594.205 (21,3%) foram de mães com idade entre 10 e 19 anos. No Brasil, do total de partos atendidos no SUS em 2007, entre os partos de adolescentes e jovens na faixa etária de 10 a 24 anos, é possível obter os seguintes dados: partos de mulheres na faixa de 20 a 24 anos representam 31%; partos de adolescentes de 15 a 19 anos representam 23%, e partos de adolescentes entre 10 e 14 anos representam 1%.

A gravidez em adolescentes e jovens, embora nem sempre desejada, pode ser apenas mais uma etapa da vida, desde que a gestante seja acompanhada por uma equipe de saúde responsável pelo pré-natal. Em alguns casos, a gravidez pode fazer parte dos projetos de vida de adolescentes e até se revelar, nessa faixa etária, como um elemento reorganizador da vida e não desestruturador.

Priorizando os contextos e valores sociais (tradicionalistas ou modernos), Gonçalves (2006) fez um levantamento sobre os fatores associados à gravidez juvenil com 420 jovens, que foram investigados por meio de um estudo de caso-controle. Com esse estudo foi possível compreender que a gravidez é uma decorrência positiva do envolvimento afetivo com o companheiro, pois grande parte das gestações ocorreu em relações de namoro. Como mais da metade das jovens permanecia com o companheiro da primeira gestação, consolidando a união a partir da gravidez, houve mudanças em alguns planos das jovens. A gravidez, ao expor a sexualidade juvenil, parece conferir novo *status* no grupo e dá certa autonomia social e foi, na maioria das vezes, considerada positiva.

Dias (2000) destacou três aspectos relacionados à incidência de gravidez na adolescência: “1) reafirmou a liberdade e iniciativa da mulher em relação à sua sexualidade; 2) confirmou a ausência da discussão franca e informada sobre sexualidade, e 3) mostrou a substituição do mito do amor romântico pela expectativa clara do sexo prazeroso.”.

2.5 Anticoncepção

A PeNSE (2009) investigou o uso de preservativos pelos escolares. Nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, dentre os 30,5% entrevistados que tiveram relação sexual, 75,9% disseram ter usado preservativo na última relação sexual. A menor frequência de uso de preservativos entre os escolares foi observada em São Luís, 68,3%, e a maior em Rio Branco, 82,1%. Não há diferença significativa entre as respostas obtidas por sexo. Também não foi relevante a diferença desse uso entre escolares de escolas privadas (76,1%) e públicas (75,8%), para o total das capitais e Distrito Federal.

Segundo Camargo (2009), “os métodos anticoncepcionais mais conhecidos são o preservativo e a pílula”. O uso de preservativo pelos jovens ocorre mais nas primeiras relações sexuais, pois está associado ao envolvimento afetivo e deixa de ser usado à medida que o relacionamento se torna duradouro. Alves (2009) afirma que “foi encontrada também forte associação entre o uso do preservativo e o sentimento de confiança na(o) parceira(o), ou o tempo de duração da relação”.

Os jovens estão usando a pílula de emergência de forma recorrente e devido ao não uso de outros métodos anticoncepcionais de forma regular, como afirma Bataglião (2011):

“Destes que responderam ter feito o uso, em geral afirmam que foi por conta própria, sem indicação médica; e os principais motivos foram a falha do preservativo (ruptura) e o não uso de método contraceptivo regular. Isso nos leva a pensar que a pílula está sendo usada para o seu propósito, evitar uma gravidez indesejada em determinadas situações de emergência. Porém, é preocupante o fato de esses estudantes não fazerem o uso de nenhum método contraceptivo, visto que a pílula CE tem sua eficácia diminuída com o uso recorrente.”.

2.6 Informação sobre Sexualidade

O reconhecimento da sexualidade do jovem é um dos fatores importante para que as informações sejam significativas em suas vidas. Neste sentido, Altmann (2009) afirma que:

“Não reconhecer a sexualidade adolescente pode estar distanciando esses jovens do uso de preservativos ou de métodos anticoncepcionais. Sem o reconhecimento social – e escolar – das diversas formas de os adolescentes relacionarem-se sexualmente, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado em suas vidas.”.

Segundo Borges (2006), “alguns adolescentes relataram não conversar sobre sexualidade, mas a maioria aponta os amigos como principal fonte de informações sobre sexo”. Em contraponto, Romero (2007) afirma que muitos jovens têm os pais como principal fonte de informação.

Oliveira (2009) afirma que a descoberta da sexualidade, vivenciada cada vez mais precocemente pelos adolescentes, tende a torná-los vulneráveis a determinadas doenças e causar conflitos pessoais e emocionais. Além disso, a necessidade de pertencer ao grupo contribui para a exposição desses jovens aos riscos para a sua saúde sexual.

No que diz respeito à prevenção de DSTs, Camargo (2006) relata que a prática do sexo seguro depende das informações que os adolescentes possuem sobre o tema, da sua atitude em relação ao preservativo e do seu medo diante da epidemia de HIV. Deve-se rever a maneira como o tema é abordado, re-valorizar a família como interlocução, além da utilização de material informativo sobre AIDS apropriado para os adolescentes.

A proporção de nascimentos no Brasil, cujas mães tinham idade entre 10 e 19 anos, em 2007, segundo o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde - SINASC, foi de 21,1%. Além disso, constatou-se que a ausência da proteção é fator de risco para doenças sexualmente transmissíveis - DST, como a AIDS. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), das 30 milhões de pessoas infectadas pelo HIV no mundo, pelo menos um terço tem idade entre 10 e 24 anos.

A última edição da PCAP (Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População), que avalia o comportamento sexual do brasileiro, foi divulgada em junho de 2009. Essa pesquisa foi realizada durante o ano de 2008, em todas as regiões do Brasil e ouviu oito mil pessoas de 15 a 64 anos de idade. A pesquisa detectou que os jovens, hoje, demonstram ter comportamento sexual mais seguro. Além disso, revelou que as principais diferenças de comportamento estão entre homens e mulheres. Entre eles, 13,2% tiveram mais de cinco parceiros casuais no ano anterior à pesquisa; entre elas, esse índice é três vezes menor (4,1%). Outro dado revelado nesta pesquisa é o de que 10% dos homens tiveram, pelo menos, um parceiro do mesmo sexo na vida, enquanto só 5,2% delas já fizeram sexo com outras mulheres. A vida sexual deles também começa mais cedo: 36,9% deles tiveram relações sexuais antes dos 15 anos; entre elas, esse índice cai para menos da metade, 17%.

Desde o início da epidemia, em 1980, até junho de 2011, O Brasil tem 608.230 casos registrados de AIDS (condição em que a doença já se manifestou), de acordo com o último Boletim Epidemiológico. Em 2010, foram notificados 34.218 casos da doença e a taxa de incidência de AIDS no Brasil foi de 17,9 casos por 100 mil habitantes.

Quanto à forma de transmissão, entre os maiores de 13 anos de idade, prevalece a sexual. Em números absolutos, é possível ver a redução de casos de AIDS que passou de 863 casos, em 2000, para 482, em 2010. Houve, então, uma redução de 55%.

Em relação aos jovens, os dados apontam que, embora eles tenham elevado conhecimento sobre prevenção da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, há tendência de crescimento do HIV. De acordo com o Boletim Epidemiológico 2010 da pesquisa do PCAP, os casos de AIDS em homens e mulheres jovens, de 13 a 19 anos, de 1980 até junho de 2010, correspondem a um total de 12.693.

A faixa etária em que a AIDS é mais incidente, em ambos os sexos, é a de 25 a 49 anos de idade. Chama a atenção a análise da incidência da AIDS entre os jovens de 13 a 19 anos. Essa é a única faixa etária em que o número de casos de AIDS é maior entre as mulheres: oito casos em meninas para cada dez em meninos. A inversão apresenta-se desde 1998.

Em relação ao uso da camisinha, a pesquisa PCAP (2008) mostra que, entre jovens de 15 a 24 anos, as meninas estão mais vulneráveis ao HIV. Em todas as situações, os meninos usam mais preservativo do que elas. Na última relação sexual com parceiro casual, o percentual de uso da camisinha entre as meninas é consideravelmente mais baixo (49,7%) do que entre os meninos (76,8%). Quando o relacionamento se torna fixo, apenas 25,1% delas utilizam a camisinha com regularidade; entre eles, o percentual é de 36,4%.

Uma das medidas tomadas pelo governo brasileiro para que a prevenção se torne um hábito na vida dos jovens foi a distribuição de preservativos no país, que cresceu mais de 60% entre 2005 e 2010 (de 202 milhões para 327 milhões de unidades). Os jovens são os que mais retiram preservativos no Sistema Único de Saúde (37%) e os que se previnem mais. Em relação à taxa de mortalidade, foi sinalizada uma queda de 17%, pois em 12 anos, a taxa de incidência baixou de 7,6 para 6,3 a cada 100 mil pessoas (PCAP, 2009).

Outros dados levantados nessa pesquisa do PACAP (2009), em que foi feito um levantamento entre jovens, num total de 35 mil meninos de 17 a 20 anos de idade, indicam que, em cinco anos, a prevalência do HIV nessa população passou de 0,09%

para 0,12%. O estudo também revela que, quanto menor a escolaridade, maior o percentual de infectados pelo vírus da AIDS (prevalência de 0,17% entre os meninos com ensino fundamental incompleto e 0,10% entre os que têm ensino fundamental completo).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo descritivo e exploratório, utilizando uma abordagem qualitativa, com adolescentes que cursam a 3^a série do Ensino Médio de uma escola pública (E1) e de uma escola privada (E2) da cidade de São Paulo.

3.2 Sujeitos

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi realizada com a participação dos coordenadores das duas escolas, que acompanharam a pesquisadora até os alunos para que fossem dadas as explicações sobre a realização da pesquisa. Após a explanação, foi realizado um levantamento daqueles alunos que, voluntariamente, se dispuseram a participar da pesquisa. Entre os voluntários, foram sorteados 12 jovens de cada escola, sendo 6 do sexo feminino (F) e 6 do sexo masculino (M). Cada entrevistado foi identificado por um número, para que sua identidade fosse preservada. Assim, foram entrevistados, no total, 24 jovens da terceira série do ensino médio das duas escolas. Com o sorteio de 6 jovens de cada sexo em cada instituição, foi possível chegar ao encontro das respostas dos objetivos propostos.

3.3 Instrumento e Coleta de Dados

Para levantar as informações foram elaborados dois instrumentos: formulário e roteiro de entrevista semi-estruturada (Apêndices 3 e 4). As perguntas do formulário tiveram a finalidade de delinear o perfil socioeconômico dos jovens; enquanto o roteiro de entrevista formulou perguntas abertas sobre sexualidade, envolvendo temas relacionados à escola, à família e às vivências dos entrevistados. Previamente à

realização do trabalho de campo, foi realizado um pré-teste dos instrumentos. Foram feitas, portanto, treze entrevistas, nove em uma escola pública e quatro em uma escola particular, visando a adequação da metodologia de trabalho.

Tanto o formulário como a entrevista foram aplicados individualmente, no ambiente escolar. Previamente ao início da entrevista, foram apresentados a cada estudante os objetivos da pesquisa e também a possibilidade de esclarecimento de possíveis dúvidas.

Em cumprimento aos direitos dos sujeitos pesquisados, foi reforçado que a sua participação era livre e voluntária, não tendo obrigatoriedade de responder a todas as questões, podendo desistir a qualquer momento. Além disso, foi explicado que o nome de cada participante não seria citado, pois as informações colhidas seriam analisadas através de numeração.

As entrevistas foram gravadas e transcritas pela pesquisadora (Anexos 5 e 6).

3.4 Aspectos Éticos

Foram respeitadas as exigências das Diretrizes e Normas de Pesquisas em seres humanos, apresentadas na Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (**CEP 1300/10**).

O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE, Apêndice 2) foi assinado após a sua leitura integral realizada pelo pesquisador, em voz alta, junto com o jovem.

Todos os entrevistados tinham 16 anos ou mais, o que dispensou a autorização dos pais, conforme a orientação do Comitê de Ética.

Para não interferir na dinâmica escolar, a aplicação do formulário e das entrevistas foi previamente agendada em cada instituição. A pesquisadora firmou o compromisso de devolver os resultados obtidos na pesquisa às escolas envolvidas, que será feito pessoalmente, para esclarecimentos de possíveis dúvidas.

3.5 Sítios de pesquisa

Os sítios de pesquisa foram duas escolas, uma pública e uma privada, respectivamente, com 440 alunos, atendendo do ensino fundamental ao ensino médio

em três períodos, e com 2200 alunos, atendendo nos três períodos, do maternal ao ensino médio.

Um dos sítios de pesquisa foi uma escola pública estadual situada na região sudeste da cidade, na área demográfica da Vila Prudente, região com 96.441 habitantes e renda média de R\$ 1.345,63.(Anexo 1) O outro sítio é uma escola privada situada na região central da cidade, sendo que o valor da mensalidade da terceira série do ensino médio é de R\$ 1.710,00. O colégio fica localizado na Avenida Paulista, área demográfica do centro expandido, região com 44.991 habitantes, a renda média é de R\$ 4.094,68. Esses dados são do Censo 2010. (Anexo 2)

Tendo como referência os dados de Bousquat (2003), a escola pública da pesquisa está localizada na Zona 3, enquanto a escola privada encontra-se na Zona 1. Essa pesquisadora criou o *Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo* com objetivo de articular a dimensão do espaço urbano da metrópole paulista com questões específicas das juventudes paulistanas. Com a construção do mapa, traçou-se o perfil dos jovens por meio da delimitação de cinco Zonas Homogêneas Juvenis, nas quais foi possível observar a presença de importante padrão de segregação socioespacial. A Zona 1 é aquela que reúne os distritos com as melhores condições para os jovens, e a Zona 5, as piores condições (Anexo 3).

3.6 Análise dos Dados

Para a análise dos dados das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo e dos aportes de Laurence Bardin.

Bardin (1977) explica que a análise de conteúdo é

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (pag. 42)

Após a transcrição das entrevistas, seguindo as orientações de Bardin (1977), na fase da pré-análise (fase de organização), foi feita a leitura flutuante dos dados coletados e a elaboração dos indicadores para fundamentar a interpretação dos dados.

Na segunda etapa, que se refere à exploração do material, foram codificados os dados a partir das unidades de registro.

Na terceira etapa, foi realizada a categorização, que consistiu na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e também por diferenciação. Em função das características comuns, esses elementos foram reagrupados em categorias temáticas.

Para identificação das falas foi utilizada a seguinte legenda: o primeiro número corresponde a identificação do jovem entrevistado, E1-escola pública, E2- escola privada, F-sexo feminino, M- sexo masculino, e a idade do jovem.

4 TRABALHO DE CAMPO

Um dos critérios para a realização das entrevistas foi quanto à escolha de um local isolado, onde a possibilidade de interferências pudesse ser anulada. Na escola pública, o local escolhido foi a sala de informática que podia ser trancada. Na escola privada, foi usada uma sala da coordenação, que não era ocupada nos horários agendados para as entrevistas.

As entrevistas na escola pública foram realizadas em quatro dias diferentes, no período de duas manhãs e duas noites e, em cada período, foram entrevistados três jovens. No período da manhã, uma professora de Química, indicada pela Coordenadora, auxiliou no contato com os jovens sorteados que estavam em período de aulas regulares e que foram chamados individualmente. No período da noite, o auxílio foi dado pela Vice-Diretora.

Na escola privada, as entrevistas foram realizadas em dois períodos: manhã e tarde. Nessa escola, a ajuda recebida foi do Assessor de Coordenação, que encaminhava os jovens sorteados para as entrevistas.

Foi esclarecido para cada jovem sobre o uso do gravador, que ficou em local visível e todas as gravações das entrevistas foram permitidas pelos entrevistados.

Em ambas as escolas houve um bom acolhimento, tanto pelo Vice-Diretor, coordenadores, assessor, professores como também pelos jovens que participaram efetivamente da entrevista e demonstraram interesse pelo assunto, espontaneidade e vontade de falar sobre suas opiniões e vivências.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Características dos Sujeitos

As entrevistas com os 24 jovens, sendo 12 de uma escola pública e 12 de uma escola privada do município de São Paulo, revelaram que 23 se consideram solteiros e uma jovem da escola pública se considera em união estável há dois anos e meio. Em cada instituição, participaram da pesquisa seis jovens do sexo masculino e seis do sexo feminino.

Tabela 1: Característica dos sujeitos da pesquisa

		N- E1(pública)	N- E2(privada)
Sexo	Masculino	6	6
	Femino	6	6
Cor:	Branca	12	12
Idade:	16 anos	4	-
	17 anos	3	12
	18 anos	2	-
	19 anos	2	-
	20 anos	1	-
Só estuda Trabalha e estuda		6	12
		6	-
Mora em casa própria	Sim	5	12
	Não	7	-
Com quem mora	Pai e Mãe	4	11
	Mãe	5	1
	Avó	2	-
	Só com os Irmãos	1	-
Nível de instrução do pai	Fundamental I	3	-
	Fundamental II	2	-
	Ensino Médio Incompleto	3	-
	Ensino Médio Completo	-	-
	Superior Incompleto	1	1
	Superior Completo	1	10
	Mestrado	-	1
	Não sabe	2	-
Nível de instrução da mãe	Fundamental I	2	-
	Fundamental II	5	-
	Ensino Médio Incompleto	1	-
	Ensino Médio Completo	4	1
	Superior Incompleto	-	-
	Superior Completo	-	9
	Mestrado	-	2
Renda Familiar	R\$1000,00 a R\$2000,00	5	-
	R\$2000,00 a R\$3000,00	5	-
	R\$3000,00 a R\$4000,00	1	2
	R\$4000,00 a R\$5000,00	1	-
	R\$5000,00 a R\$6000,00	-	1
	Acima de R\$6000,00	-	8
	Não sabe	-	1

5.2 Categorias

Através da análise por categorias temáticas, tentamos encontrar, como orienta Bardin (1977),

“Uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador” (p. 67).

Após a leitura detalhada das transcrições das entrevistas foram escolhidas quatro Categorias para a análise: Sexualidade e a Escola, Sexualidade e a Família, Juventude e Sexualidade e Vivências da sexualidade pelos jovens. Em cada uma das categorias, foram abordados os temas recorrentes nas falas dos jovens entrevistados, como relacionado abaixo:

1-Sexualidade e a Escola:

- 1.1-Abordagem do tema na escola;
- 1.2-Atuação dos professores;
- 1.3-Sugestões dos Alunos;
- 1.4-Informações sobre sexualidade;

2-Sexualidade e a Família:

- 2.1-Diálogo com a família;
- 2.2 -Aceitação da vida sexual do jovem pela família;

3-Juventude e Sexualidade:

- 3.1-Como o assunto sexualidade surge entre os jovens;
- 3.2-Por que e quando os jovens fazem sexo;
- 3.3 -Relacionamento entre os jovens (ficar e namorar);

4-Vivências da sexualidade pelos jovens:

- 4.1-Iniciação Sexual;
- 4.2-Fantasias Sexuais;
- 4.3-Uso de Anticoncepcional.

1 Sexualidade e a Escola:

1.1 Abordagem do tema na escola

Quando questionados se, na escola, o tema sexualidade é apresentado, 08 da escola pública e 04 da escola privada relataram que o diálogo ocorre somente entre os amigos e baseia-se no relato de experiências pessoais e de brincadeiras. (quadros 1 e 11 dos Anexos 5 e 6):

“Ah [fala-se] com todo mundo, todo mundo comenta o que faz no feriado, ai tipo vai... foi para um baile funk, ai comenta o que fez no baile funk, o que acontece no baile funk.” (2- E1-F-16 anos)

“A gente dá risada. Um conta: “Ah! foi assim com o namorado a primeira vez...” Como foi? O que aconteceu no final de semana? Um fala as coisas assim...” (3- E1-F-17 anos)

“Se fala mais entre os próprios amigos assim né, assim... Ah, entre nós colegas, entre nós amigos” (11- E2- F-17 anos).

Isso vai ao encontro da pesquisa de Borges (2006), que afirma que, na escola, os jovens compartilham informações e diálogos sobre sexualidade, principalmente, entre os amigos.

Nas duas escolas da pesquisa, o tema foi abordado no ensino fundamental. Na escola pública, isso ocorreu na quinta e oitava séries, por meio de palestras com pessoas que não faziam parte do corpo docente da escola. Segundo uma jovem entrevistada, o palestrante *“falava sobre [sexualidade], dava instruções sobre uso de camisinha, essas coisas. Que eu me lembre foi na oitava série.” (7- E1-F-16 anos)*. Segundo dois jovens entrevistados na escola pública, isso ocorre de forma pontual e à medida que se vai aumentando nas séries, o assunto vai diminuindo: *“Aprendi na quinta série [...] a professora da biblioteca deu uns livros e começou a falar mais abertamente. Na quinta série, só que assim, depois de lá vai diminuindo as falas assim aos poucos.” (12- E1-M-17 anos)*. O mesmo ocorreu na escola privada, como afirmaram três jovens: *“Se falava muito antigamente, antes no Ensino Médio, na verdade, quando a gente tinha aula de*

sexualidade, de assuntos sexuais mais na quarta série, quando a gente tinha apenas uma introdução” (12-E2-M-17anos).

A abordagem do tema sexualidade, no ensino fundamental, estava vinculada ao estudo do corpo humano, segundo um jovem da escola pública e um jovem da escola privada:

“No [Ensino]_Fundamental, muito. No Fundamental mais na parte de Ciências assim, quando todo mundo tava aprendendo o corpo humano, né. A professora acaba falando sobre espermatozóide, essas coisas; a gente até teve uma palestra sobre o uso da camisinha e tal, né. (10- E1-M-20 anos)

“A vida sexual ao como era o corpo humano e como se dava toda essa relação” (12-E2-M-17anos).

Com relação às disciplinas, o assunto é abordado em Ciências, no ensino fundamental, e, em Biologia, no ensino médio, nas duas instituições. Quatro alunos da escola privada e um da escola pública reforçaram que as informações sobre sexualidade estão relacionadas ao sentido biológico.

“Eu acho que fala mais naquela época em que a menina está menstruando e essas coisas, mas depois no ensino médio, eu acho que não fala muito disso. Depois em Biologia quando a gente aprende ciclo menstrual só, é uma coisa bem biológica” (4- E2- F- 17 anos).

“Não, não são todos os professores [que falam sobre a sexualidade], é mais de matéria para matéria. A gente aprende mais sobre sexualidade mais na área da Biologia” (8- E1-F-19 anos).

Por meio das colocações feitas pelos alunos das escolas, observa-se que o tema sexualidade, quando trabalhado na escola, ocorre no Ensino Fundamental de forma pontual e na disciplina de Ciências. No Ensino Médio, a temática é mais desenvolvida através dos conteúdos da Biologia. Isso caracteriza a falta de adequação às recomendações dos PCNs (1998) quanto à Orientação Sexual nas escolas.

As colocações dos alunos quanto à abordagem do tema sexualidade ser restrita às aulas de Biologia remetem às afirmações feitas por Borges (2006), quando este constata que a visão da sexualidade está centrada nos aspectos biológicos. O autor sugere que os professores sejam capacitados a desenvolver o tema, seguindo reflexões sobre a sexualidade nos sentidos emocional e social, saindo da perspectiva somente biológica e promovendo, assim, a saúde integral de seus alunos.

O distanciamento entre o que a escola oferece e as expectativas dos jovens aparece nos relatos de um jovem da escola pública e dois jovens da escola privada, que afirmam que não obtiveram nenhuma informação sobre sexualidade na escola:

“Em nenhum momento é falado.” (9- E1-F-16 anos)

“Eu na verdade não tive nenhuma aula sobre isso, porque algumas instituições colocam uma carga horária é... Educação familiar, essas matérias que são para sexualidade, mas eu... Nas duas escolas que eu estudei não tive nenhum tipo de aula sobre isso.” (8- E2- F-17 anos)

Dois jovens da escola pública destacaram que os alunos trocam as informações entre si, inclusive por meio de conversas paralelas em sala de aula, falando em voz baixa, para que os professores não escutem suas falas. Para eles, quando o tema é trabalhado na escola, fica restrito aos conteúdos programáticos. Segundo jovens da escola privada, existem, também, “tabus” para falar sobre o tema na escola e, quando o assunto é tratado, ocorre através de brincadeiras ou estão relacionados à prevenção de doenças, sem um aprofundamento sobre as dúvidas e ansiedades dos próprios jovens.

“Não, a gente não comenta muito com os professores. Os professores mais são para matéria. A gente comenta mais entre a gente, os professores ficam mais de fora” (7- E1-F-16 anos).

“Ah, eu acho que ainda é muito tabu assim o assunto. Ainda é meio não totalmente livre e aberto, que nem fala que hoje em dia é tranquilo. Eu acho que ainda tem muita, muito... Pela escola você fica muito com o pé atrás de falar abertamente

assim. Não passa daquele tipo: “Usem camisinha!” Eu acho que podia abrir um pouco mais assim.” (6- E2-M-17 anos)

Abramovay (2004) reforça que a temática deve ser trabalhada na escola de forma transversal e chama a atenção para o fato de ser comum aos professores admitirem a dificuldade em trabalhar sobre sexualidade e afetividade em sala de aula.

Na escola privada, foi relatado por um entrevistado que existe a proibição com relação às atitudes de namoro dos alunos no ambiente escolar. Um jovem da escola privada relatou que o assunto sexualidade não é abordado pelos professores e a escola exerce o papel repressor, com julgamentos moralistas, implicando em punições no que diz respeito ao comportamento do jovem. Entre os jovens da escola pública, não houve relato sobre a existência de proibições para o relacionamento entre os alunos.

“O colégio, às vezes, repreende porque é o colégio está preocupado com a sexualidade do aluno. A única vez que eu vi, o máximo que fez foi ligar para casa do aluno e falar com os pais porque fica se beijando de uma forma meio inapropriada no corredor. Mas eu acho que, acho que isso é uma atitude errada até porque acho que na vida pessoal do aluno, não tem que se intrometer assim” (1- E2-M-17 anos).

Os relatos lembram as afirmativas de Altmann (2001), quando explica que o aumento do controle sobre os indivíduos, exercido não tanto através de proibições e punições, mas através de mecanismos, metodologias e práticas, visa à produção de sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade.

Um jovem da escola privada relatou que um fator que dificulta a discussão sobre sexualidade na escola privada são os princípios religiosos, por se tratar de uma escola católica que recebe influência da religião. Temas como o preconceito contra a homossexualidade não são tratados nas aulas de Ética, pois não são aceitos pela Igreja Católica. A influência da religião na abordagem do tema na escola não foi apontada por nenhum jovem da escola pública.

“No Ensino Médio a gente não tem mais aula de Religião, a gente tem aula de Ética e de Sociologia. Eu acho que

[homossexualidade] *deve ser tratado como um ponto ético. (...) Especialmente por a gente estar em um colégio católico eu vejo muito a influência da religião, muito, inclusive os meus amigos até brincam que a gente não tem aula de Ética, a gente tem aula de Religião. Eu acho que, às vezes, por causa desse enfoque, os professores ficam meio acanhados de falar alguma coisa que supostamente vai contra a Igreja*” (4- E2- F- 17 anos).

O embate vivido entre a sexualidade e os preceitos religiosos pelos jovens é tratado no estudo de Silva (2008), que afirma existir um discurso moral entre os jovens e as autoridades religiosas bem como entre a tradição e a modernidade relacionada ao tema da sexualidade.

Outro fator que distancia a discussão da temática sexualidade no ensino médio é a grande preocupação da escola com a aprovação dos estudantes no vestibular. Esse fator foi destacado por um jovem da escola privada e não apareceu em nenhum relato dos jovens da escola pública.

“É, como eu estou no terceiro ano eu acho que a gente já está mais englobado com o assunto. Mas o que a gente fala de sexualidade aqui dentro é com as pessoas que a gente tem mais afinidade. E é muito difícil, as aulas que a gente tem são voltadas para vestibular.” (5- E2- F- 17 anos)

Esses relatos nos reportam aos estudos de Abramovay (2004), que chamam a atenção para o fato de que é importante que o tema sexualidade seja abordado na escola, pois ela é um espaço que deve congrega pais, alunos e professores, tornando-se um espaço de participação onde não sejam tratados somente temas clássicos como também os relacionados à cultura juvenil. Reportando aos estudos de Bourdieu (1983), citados anteriormente, lembramos que a escola se esquece de que não é um lugar só de saberes e títulos, mas também um direito que confere aspirações.

1.2 Atuação dos Professores:

Quando questionados sobre como os professores atuam com relação ao tema, cinco jovens da escola pública destacaram que somente a professora das disciplinas Química e Biologia fala de sexualidade (quadro 2 do Anexo 5). Na escola privada, cinco jovens dos doze entrevistados relataram que os professores até conversam sobre sexualidade e sobre as dúvidas que aparecem em sala de aula por meio de brincadeiras entre os jovens, mas isso ocorre de maneira superficial, sem que haja um esclarecimento das necessidades do jovem sobre os temas sexo e prevenção (quadro 12 do Anexo 6).

“A gente geralmente pergunta para a professora Elaine que ela é professora de Química e de Biologia, então ela tem uma forma de falar assim... Quando a gente tava com problema a gente chega nela e conversa ou então ela explica, mas não naquele jeito malicioso, não... Ela explica normal, é um assunto agradável. Só se surgir o assunto” (1- E1-F-19 anos).

“Eles comentam o assunto... De repente a brincadeira não é uma brincadeira de bom gosto, eles comentam o perigo da brincadeira. Ou assim se alguma duvida que, às vezes, está na sala, às vezes, o professor até esclarece, mas assim, não aprofunda muito a ideia.” (12- E2-M-17 anos)

Existem dificuldades de diálogo dos jovens com os professores sobre sexualidade em ambas as escolas pesquisadas. Segundo um jovem da escola privada e uma jovem da escola pública, os professores têm uma atitude de distanciamento quando se trata desse assunto, não ocorrendo nem mesmo uma tentativa de abordagem direta sobre a temática.

“Diretamente assim não, tipo... Os professores não tentam, não abordam muito assim esse tema” (9- E2-M-17 anos).

“Não, eles [os professores] são mais fechados, nem quando a gente faz uma brincadeirinha assim, eles são mais fechadões, não falam sobre o assunto.” (1- E1-F-19 anos)

De acordo com alguns jovens da escola privada, outro fator que dificulta a orientação adequada sobre sexualidade na escola é a presença de um “tabu” entre os professores. Para alguns jovens da escola pública, existe, também, um distanciamento entre os professores e os alunos, e, muitas vezes, os professores ignoram as conversas sobre a temática, que acontecem em sala de aula entre os jovens.

“Eu acho que os professores, não sei... Tem meio que um tabu. Eu acho que já falaram, mas muito pouco assim... Não que não teve uma orientação, mas poderia ter uma orientação maior assim. Eu acho que a gente teve duas aulas de religião, algo assim...” (10- E2- M-17 anos)

“Ah, quando a gente fala, a maioria das vezes a gente fala sempre baixo. Sabe? Entre nós, assim, e o professor praticamente nem escuta. Eles não falam nada... Olha... quando a gente fala nesses negócios sempre rola um palavrão ou outro. A única coisa que eles falam é chamar atenção para não ficar falando muito alto também.” (5- E1-M-16 anos)

Como afirma Altmann (2009), o distanciamento e o não reconhecimento da sexualidade do adolescente e das suas diversas formas de se relacionar sexualmente tornam a transmissão de informações limitada, distanciando o jovem da possibilidade de se informar sobre a prevenção.

Além disso, a discussão sobre a temática sexualidade está relacionada ao temperamento do jovem. Uma jovem da escola privada destacou ter vergonha de falar sobre o tema com os professores, coordenador ou pessoas mais velhas: *“Entre os professores e coordenador é mais difícil, mesmo porque assim, eu tenho muita vergonha quanto a isso de falar com uma pessoa mais velha do que eu, falar com uma pessoa que, sei lá, impõe respeito” (11- E2- F-17 anos)*. Outra jovem, da escola pública, relatou que ela considera que é mais fácil falar com o professor sobre o assunto do que com o ginecologista: *“Bom, eu particularmente, eu me abro muito com professor, qualquer dúvida desse assunto eu procuro, porque ginecologista eu vou, só que eu não me sinto muito a vontade. E com professor, como eu já conheço faz anos, aí eu consigo me abrir mais.” (2- E1-F-16 anos)*.

Foi destacado por um jovem da escola privada que existem diferenças entre os professores, pois, para ele, os mais jovens são mais abertos para falar sobre o tema do que os mais antigos, que falam somente sobre os conteúdos programados ou notícias e informações. Os jovens da escola pública não fizeram diferenciação entre os professores. Mas afirmam que somente a professora de química e biologia fala sobre o assunto:

“Olha, aqui tem diferentes tipos. Tem aquele professor mais jovem que se formou faz pouco tempo que também é natural, sai, o assunto flui. Não é nada... E tem professores mais ortodoxos, não sei se é ortodoxo a palavra, que tão há mais tempo, que na aula, não tem... É aula, você presta atenção, o professor está lá e não sai muito outros assuntos. Você pode até comentar notícias, essas coisas, mas outros assuntos não. Com professores que são mais novos, mais eu não sei se é “relaxado” a palavra, mas acontece, sai mais natural.” (2-E2-M-17 anos)

Segundo um jovem entrevistado da escola privada, não são todos os professores que estão preparados para falar sobre o tema, o que pode se tornar constrangedor para o professor e para o aluno. Além disso, foi destacada por vários jovens a necessidade de trabalhar a temática de maneira mais aprofundada no ensino médio e sem tabus.

“Não é todo professor que sabe falar disso [sexualidade]. E também, é uma coisa muito feita em grupo, ninguém se sente muito a vontade, é coisa muito estranha. (...) Então é uma coisa que fica desconfortável tanto pro aluno quanto pro professor. (...) Quando a gente está no ensino médio, deveriam tratar mais desse assunto, não como se fosse um tabu, como eles tratam.” (4-E2-F-17 anos)

Para Borges (2006), é necessário um maior preparo e capacitação dos profissionais, tanto da área da saúde como da educação, para trabalhar com a temática sexualidade. Esse preparo deve estar embasado em uma formação em que cada

profissional possa incitar reflexões e discussões sobre sexualidade, para que os jovens possam dialogar e compartilhar suas dúvidas e ansiedades, em uma dimensão socialmente construída.

1.3 Sugestões dos Alunos:

Todos os jovens entrevistados, tanto na escola pública como na escola privada, sugeriram que o tema sexualidade deve ser trabalhado na escola para esclarecer dúvidas sobre o assunto. A maioria dos jovens sugeriu que a temática deve ser trabalhada de forma diferenciada das aulas tradicionais, sem formalidades, para ter uma proximidade maior com os jovens. Segundo os alunos, as aulas deveriam ser sem livros, dinâmicas, em forma de entretenimento, debates de experiências e acompanhadas por alguém que pudesse acolher e escutar o jovem (quadros 3 e 13 dos Anexos 5 e 6).

“[as aulas deveriam ser] diferenciadas, assim, aulas dinâmicas, com bastante dinâmica, porque hoje eu vejo, da minha parte, eu gosto muito de dinâmica, entendeu? Gosto bastante de dinâmica porque dá para se interagir, você não fica preso para você com você mesmo, tem conversa né. Ah, como se fosse um debate.” (10- E1-M-20 anos)

“Ah, eu acho que devia ser... Uma coisa assim... Sem livros porque isso é uma coisa que deve ser debatida com a própria experiência, exemplos e com casos. Eu acho que tem que ter uma interação muito grande, se houver isso na escola... Uma interação muito grande do professor com os alunos, alguém que possa acolher os alunos, que possa escutar ou acertar nos assuntos... Assim, prática, entretenimento, porque não como se fosse uma matéria com nota e ter que escrever e fazer redação e pesquisa sobre isso... Mas uma coisa assim de conhecimento, de curiosidade, de trazer pras crianças.” (8- E2- F-17 anos)

Esses relatos vão ao encontro das colocações feitas por Jeolás (2003), que afirma que a realização de oficinas de prevenção representa um espaço para a reflexão sobre

assuntos relacionados à sexualidade e possibilita uma maior integração entre os profissionais e os adolescentes.

Para Alves (2009), o exercício da sexualidade, pautado por conhecimentos e contando com a interlocução entre os jovens, seus pais, profissionais da saúde e da educação, resulta em práticas sexuais mais responsáveis, refletindo positivamente no uso de métodos contraceptivos, nas taxas de fecundidade e na proteção às DSTs/HIV.

Segundo Freitas (2010), as dinâmicas e debates estimulam uma maior percepção dos adolescentes sobre sua sexualidade, pois, através do diálogo em linguagem acessível, ocorrerá um maior aprofundamento sobre a temática.

A atuação de profissionais da área da saúde na orientação sexual foi destacada como importante para os jovens de ambas as escolas. Dos entrevistados, três jovens da escola privada e dois da escola pública destacaram a importância de palestras na escola. Uma jovem da escola privada relatou que uma médica ginecologista, por ser uma pessoa de fora do ambiente escolar, torna-se imparcial, dando uma maior liberdade para questionamentos e exposição de dúvidas e ansiedades. Muitos jovens sentem-se constrangidos com os professores, pais e o seu ginecologista com os quais, por serem seus conhecidos, não se sentem muito à vontade para falar sobre seus problemas íntimos.

“Mas eu penso, às vezes, em trazer assim, sei lá, uma mulher, uma médica ginecologista, que tem muita menina que eu conheço que tem muita vergonha de ir ao médico ginecologista e de pedir para mãe para ir [...] se trouxesse no colégio e pudesse depois ter um tempo de tirar dúvida particular, seria um modo de instruir a pessoa sem que ela precisasse passar por um constrangimento por parte da família, ou até dos amigos [...]. Porque o problema meu com o professor é que quando o professor, por exemplo, dá aula para gente e também perguntar sobre essas coisas para mim particularmente, sei lá, eu acho meio estranho. O professor saber da intimidade, depois ele vai dar aula para mim, é meio estranho, eu tenho um pouco de vergonha. Por isso que eu acho que o papel de chamar uma pessoa especialista ou alguém de fora, é bom, porque cria um pouco de... Sei lá,

imparcialidade, distanciamento entre as pessoas, entendeu?”

(11- E2- F-17 anos)

“Sabe... Uma vez a cada mês, não sei, trazer um ginecologista, conversar com todo mundo, explicar, botar como você ta fazendo em uma sala reservada pra todo mundo conversar, ter uma certa liberdade...” (1-E1-F-19 anos)

Um jovem da escola pública destacou a importância de se ter um espaço na escola para o atendimento individualizado e a realização do levantamento de dúvidas dos jovens por um profissional da área da saúde. Outro jovem da escola privada relatou que as dúvidas deveriam ser anônimas devido à vergonha que alguns jovens têm de falar sobre sexualidade na frente de um grupo:

“Tinha que abrir pelo menos uma sala para tirar as dúvidas de cada um, porque tem gente que não tem dúvida hoje, amanhã pode ter. Com uma pessoa que tenha experiência médica, possa dar orientação, tudo certo”. (6- E1-M-17 anos)

“Eu acho que poderia ter, como a gente vê, ter aula de Educação Sexual. Eu acho que nós nunca tivemos aqui e se teve foi uma só, uma vez. Eu lembro que quando nós tivemos as aulas, que as pessoas também ficavam com vergonha de perguntar. Mas eu acho que poderia ser feito de um modo assim... As pessoas, perguntarem as suas duvidas por meio de um papel anônimo e o professor respondendo, eu acho que pode ser uma coisa assim. Eu que, mas eu acredito que foi bom o que nós tivemos, mas que poderia ser com uma frequência maior, com uma carga maior.” (10- E2- M-17 anos)

Moizés (2010) confirma a aceitação por parte da sociedade quanto às orientações dos profissionais da saúde sobre a sexualidade. Para ele, esses profissionais são grandes aliados na conscientização e orientação dos familiares, professores e escolares no que se refere à compreensão da Educação Sexual.

As atitudes de vergonha, constrangimento e medo, relacionados ao tema sexualidade, são discutidas por Alves (2009) que, em sua pesquisa, conclui que a existência de barreiras culturais dificulta uma maior abertura pela sociedade, para que as questões sobre a sexualidade sejam abordadas e aceitas de uma forma menos preconceituosa.

Um jovem da escola privada sugeriu a existência de reuniões de discussão na escola, mesmo que sejam extracurriculares, em que fossem trabalhadas as dúvidas, o que ajudaria a tornar a temática da sexualidade mais livre, sem segredos e proibições.

“Ter tipo umas reuniões de discussões a respeito, nem que seja extracurricular para quem tiver mesmo dúvida, ou quiser saber como funciona, ou como fazer, sabe? Para tipo... Abrir mesmo! Para não ser um assunto que você tenha que ficar conversando baixo com os amigos e ser aquela coisa de “Ah ninguém pode ouvir”. (6- E2-M-17 anos)

A ideia de realização de debates sobre o tema sexualidade é sugerida por Queiroz (2002), para quem a escola deve ser um ambiente democrático, tornando-se um lugar de aprendizagem, através do debate, do argumento e com regras claras para a discussão com liberdade.

Todos os jovens entrevistados enfatizaram em suas falas a importância da temática sexualidade ser discutida no ambiente escolar. Foi destacado por um jovem da escola pública que as aulas sobre sexualidade deveriam ser obrigatórias na escola, pois há muita desinformação sobre doenças. Foi reforçada em sua fala a necessidade da presença de um professor que explique diretamente para o jovem sobre o assunto, pois as fontes na internet são vagas e podem deixar muitas dúvidas.

“Acho que essa aula seria obrigatória assim nas escolas porque tem gente que fala que não se cuida por falta de assunto. Acho que se cuidar, todo mundo sabe que tem preservativo de graça, remédio é só ir no posto, tem como se cuidar. Só que tipo doença, essas coisas a gente é muito desinformado, tem em site, mas a gente gostaria de entender, porque em site a gente só lê, tem coisa que a gente não

entende. Ai o professor explicando a gente entende, a gente procura se informar mais. Eu acho que precisa ter aula, assim alguém explicando, falando, comentando.” (2- E1-F-16 anos)

Pelos relatos, verificamos que, para os jovens, a informação é necessária na prevenção de doenças, o que confirma a assertiva de Camargo (2006), quando mostra que a prática do sexo seguro depende do contexto informacional do jovem, da sua atitude perante o uso de preservativo e das informações em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Para esse autor, deve-se rever a estratégia de prevenção dos meios multiplicadores.

A relação entre falta de informação e gravidez na adolescência foi destacada por duas jovens da escola pública, sendo que uma delas já é mãe e a outra estava grávida de cinco meses. A adolescente-mãe sugeriu que seria importante a presença na escola de um profissional da saúde, pelo menos uma vez por semana, para dialogar com os alunos. Isso porque as informações recebidas na escola, relacionadas à prevenção e anticoncepção, são importantes para evitar a gravidez na adolescência, principalmente, para os alunos do ensino fundamental, que estão em uma fase de maior curiosidade sobre o assunto da sexualidade.

“Ah, eu acho que deveria separar tipo um tempo para um profissional vir, pelo menos uma vez por semana, e conversar com os mais jovens, de quinta a oitava série que são os que tão começando mais agora, que tem cabeça mais fraca sobre o uso de preservativo, anticoncepcionais essas coisas... Para não ocorrer uma gravidez precoce como aconteceu comigo.” (7- E1-F-16 anos)

As sugestões dessa jovem nos reportam aos estudos de Dias (2000), que afirma que a falta de informação sobre sexualidade é um dos aspectos responsáveis pela gravidez na adolescência e recomenda que as orientações devam ser realizadas em forma de discussão franca com os jovens.

Entre os doze jovens entrevistados na escola pública, um relatou a necessidade de aula sobre sexualidade na escola devido à dificuldade de comunicação do jovem com a família. Segundo o entrevistado, eles não se sentem à vontade para conversar sobre o

tema em consequência da falta de aceitação dos pais em estabelecer um diálogo sobre o assunto. Os jovens da escola privada não relacionaram a família com a escola.

“Ah, acho que deveria ter aula de sexologia, de doenças né... Porque a gente fica meio sem graça de falar pros pais né... Porque tem pais que não aceitam essas coisas, né. Então eu acho que na escola você fica mais livre porque tem seus colegas, então eu acho que deveria ter mais...” (3- E1-F-17 anos)

Essa colocação nos reporta aos estudos de Almeida (2009), que reforçam a dificuldade de diálogo entre pais e filhos, bem como um distanciamento relacionado à educação recebida pelos pais e a realidade atual dos filhos e à importância da educação compartilhada com a escola.

Dois jovens da escola privada salientaram sobre a importância de ter aulas específicas de Educação Sexual, sendo que um deles destacou que a atuação do professor responsável deveria ser de forma aberta, com liberdade de expressão, e que isso implicaria em possíveis reações de estranhamento por parte dos próprios alunos.

“Eu acho que deviam colocar dentro do colégio Educação Sexual com um professor mesmo. Claro que eles teriam que procurar uma pessoa aberta, com bastante liberdade de expressão porque no começo ia ser um pouco marginalizado isso no colégio sabe... Um professor de Educação Sexual... Porque o pessoal falaria: “Nossa porque que ele não está dando aula de saúde ou de alguma coisa?”Entendeu? “(8- E2-F-17 anos)

Ao se referir a “uma pessoa aberta”, a jovem nos remete, acima, às afirmativas de Augusto (2005) sobre as relações entre os adultos e os jovens. Neste sentido, o adulto aparece como alguém distante do jovem; mas é possível, como sugere a jovem entrevistada, a troca de experiências e o diálogo entre ambos.

1.4 Informações sobre Sexualidade:

Quanto à busca de informações sobre sexualidade, a metade dos jovens entrevistados na escola pública e nove jovens dos doze entrevistados na escola privada destacaram os amigos como informantes. Os membros da família para a obtenção de informações sobre sexualidade também foram destacados por oito jovens da escola privada e cinco da escola pública. (quadros 4-5 e 14-15 dos Anexos 5 e 6)

“Ah eu tento buscar sozinho. Sabe? Com os amigos, falar com os amigos assim, ai eu pergunto” (5- E1-M-16 anos).

“Ela falava para mim tomar muito cuidado. Usar o métodos certos e tipo, depois de um tempo ela falava para mim falar, para a menina falar para família dela, também, que ela tava tendo relações sexuais.” (11- E1-M-18 anos)

“Prioridade primeira, meus pais. Eu converso com eles e meus amigos também porque meus amigos eu acho até uma coisa, a questão da maturidade... Eu não sei, por eles conhecerem minha namorada tal, eu acho que até meio desrespeito em relação a ela.” (9- E2-M-17 anos)

A família como fonte de informação foi evidenciada por Borges (2006), que afirmou, em sua pesquisa, que os pais foram citados por aproximadamente 20% dos adolescentes como fonte de esclarecimento de dúvidas sobre sexualidade. Já Romero (2007) afirmou que muitos jovens têm os pais como principal fonte de informação. Nos dados encontrados, os amigos, juntamente com a família, estão como principal fonte de informação sobre sexualidade.

Um aluno da escola privada salientou que os jovens estão explorando o campo da sexualidade de forma individual, através de suas próprias experiências e vivências e, quando precisam de alguma orientação, procuram a família. Contudo, quanto às descobertas é uma busca solitária.

“Ah, eu acho que, eu acho que eu to explorando, como todo jovem, a gente está explorando esse campo meio que sozinho e se a gente diverge muito do que é considerado correto é trabalho dos nossos pais falarem: “Olha isso aqui está errado, para de fazer isso, precisa adequar isso”. Mas eu acho que assim, a vida não vem com manual de instrução, então a gente tem que se adequar a ela. Eu acho que quem realmente nos ensina sobre sexualidade é realmente a própria pessoa.” (1-E2-M-17 anos)

Muitos jovens estão sozinhos na busca de informações sobre sexualidade e, de acordo com Souza (2007), torna-se necessário estimular a participação dos adolescentes em programas relacionados à sexualidade, pois a informação estimula o exercício da cidadania.

A escola foi citada como o local de trocas de informações sobre sexualidade por quatro jovens da escola privada e três da escola pública. O ginecologista também foi citado como procurado para obter informações sobre sexualidade por quatro jovens da escola pública e uma jovem da escola privada.

“De ginecologista, a escola deu [orientação], mas eu tava, se não me engano, na quinta ou na sexta série, quando trouxeram umas folhas mostrando doenças sexualmente transmissíveis, como usar uma camisinha. Só, mas isso faz muito tempo... No ensino médio ainda não, nunca mostraram nada assim.” (1-E1-F-19 anos)

“Mas, a maioria das informações, eu recebi pela minha mãe. Também quando eu tenho uma dúvida eu ligo pra minha médica, (5-E2-F-17 anos)

A mídia também foi citada pelos jovens como fonte de informação. Cinco jovens da escola pública e três da escola privada citaram a internet como fonte de busca de informações sobre o tema. Os livros e revistas foram citados como fonte de informação apenas por dois jovens da escola privada. Um jovem da escola privada destacou a TV

como uma das principais fontes que estimulam o jovem a pensar mais em sexualidade, tornando-a assunto comum no dia a dia.

“Pela internet, a internet acho que é o único meio. Tudo bem que tem ginecologista, tem médico, mas sei lá, acho que a internet divulga muito, qualquer dúvida a gente coloca lá e lá mostra, tem imagem, tem tudo.” (2- E1-F-16 anos)

“Não, eu acho que a gente é estimulada sim, diariamente acredito. Por filme, por TV, por diferentes mídias, até... Eu acho que a gente é estimulada o tempo inteiro a pensar mais na sexualidade. É um assunto que não envergonha você a pensar no assunto. Eu acho que é uma coisa que ocorre diariamente. Então, eu acho que quando você se sente a vontade já está acostumada a ver, ouvir falar... É querer evoluir, esse algo a mais, é querer avançar digamos.” (7- E2-F-17 anos)

“Ah minha mãe me passou, acho que colégio passou... Eu acho que também, desculpa, mas ler [a revista] Capricho ajudou.” (4-E2-F-17 anos)

2 Sexualidade e a Família:

2.1 Diálogo com a família:

Dos vinte quatro jovens entrevistados, seis da escola pública e oito da escola privada destacaram que procuraram a mãe como a pessoa da família para falar sobre as suas experiências sexuais, mas a maioria só falou sobre sexualidade de forma superficial depois de ter tido relações sexuais. Quatro jovens, no total, relataram que são virgens e que não falam sobre sexo com a família (quadros 6 e 16 dos Anexos 5 e 6).

“A minha mãe só teve conversa sobre relação, essas coisas, depois que ficou sabendo que eu já tinha perdido [a virgindade].” (9- E1-F-16 anos)

“Eu esperei bastante tempo, eu esperei praticamente um ano e meio para falar para minha mãe.” (11- E2- F-17 anos)

O tema não é abordado com naturalidade com a família, pois dos 24 jovens entrevistados somente duas jovens da escola pública e dois jovens da escola privada relataram terem total liberdade com os pais e que a comunicação entre eles sempre foi aberta e informativa sobre vários assuntos.

“Falei porque eu era muito aberta com a minha mãe, tanto é que ela me levou no ginecologista e disse: “Não, vamos no ginecologista, pra tomar anticoncepcional, pra não acontecer uma gravidez...” Porque ela falou: “Não, você é muito nova, mas é normal porque hoje em dia...”

(7-E1-F- 16 anos)

“A gente conversou para aprender, para saber como é que era né. Mas com a minha família sempre foi abordado desde que eu era pequeno. Até a questão das drogas e do sexo, sempre foi um tema abordado que é importante usar camisinha, que é importante respeitar a menina, com certeza.”

(9- E2-M-17 anos)

Os dados demonstraram que, para a maioria dos jovens de ambas as escolas, existe um distanciamento dos pais quando o assunto é sexualidade. Uma jovem da escola privada comentou que o diálogo que tem com a mãe é de forma generalizada e nunca sobre a sua sexualidade. E outra jovem da escola pública relata que percebeu um certo desinteresse da mãe quando foi falar sobre sua iniciação sexual.

“Tenho[diálogo]. Com a minha mãe eu tenho mais. A minha mãe, a gente conversa bastante sobre o assunto, mas nunca sobre mim, é mais sobre outros casos, sobre coisas que aconteceram... Que se vê no jornal, que se ouve falar, é mais sobre isso, nunca é sobre mim. Então assim, a minha sexualidade é um assunto que nunca foi tocado.” (7- E2- F-17 anos)

“[Falei] para minha mãe, ela levou na brincadeira.” Ah! cê está brincando né?”. Eu falei: “Não, é sério, eu perdi [a virgindade]”. Ai ela pensou que era com meu namorado, só que eu falei que não era, ai ela meio que ficou em choque, mas depois, minha mãe não é de conversar sobre isso, então para ela, ela ficou quieta na dela, foi trabalhar...” (2- E1-F-16 anos)

Os fatores que dificultam o diálogo dos jovens com a família sobre o tema são os problemas de relacionamento. Na escola privada, alguns jovens demonstraram um distanciamento da mãe ao falarem que ela é brava ou fechada. Uma jovem da escola pública relatou que não procura ninguém da sua família para falar sobre o assunto e que, quando tem dúvidas, pede informações para o namorado, que é enfermeiro.

“Minha família, quem mais eu me sinto livre para conversar é a minha mãe. Não, eu não falei e eu comecei a tomar... Eu só ia no ginecologista assim periodicamente, eu comecei a tomar pílula só falando com o ginecologista, sem falar com a minha mãe. E, na verdade, eu fiquei com medo de contar para ela que, no começo ela não era... Não aceitava. Quando ela descobriu ela ficou muito chateada, muito brava.” (8- E2- F-17 anos)

“[Não falo com] ninguém, eu simplesmente deito e choro. Mas não teve... Não tem essa... é porque assim a minha mãe ela não tem..., ela não sabe chegar. Ela não tem esse sentimento de mãe, ela não tem essa coisa: é minha filha eu vou sentar, vou conversar. Ela nunca teve isso pelo fato de eu vim morar com ela eu tinha 12, 11 anos, quando eu vim morar com ela.” (1- E1-F-19 anos)

Outro fator que distancia o diálogo é o receio da reação dos pais com relação às suas experiências sexuais. Isso foi evidenciado por sete jovens da escola privada e seis da escola pública (duas jovens que não falaram com o pai sobre a gravidez e quatro jovens evangélicos).

“Talvez até tentando proteger um pouco ela [mãe], depois da reação que eu vi que ela teve com eu ter pedido pra tomar pílula. Não que ela ia conseguir levar isso muito bem... Talvez daqui alguns anos eu diga: “Ah lembra, em 2011 foi quando aconteceu...” (4- E2- F- 17 anos)

“Não, ele [o pai] sabia [da gravidez] porque a minha mãe falou. Eu não falei pro meu pai, mas minha mãe falou, aí senta os dois e conversa. Só veio ter a certeza assim depois que ele ficou sabendo que eu estava grávida. Senão até hoje eu também não iria falar.” (7-E1- F-16 anos)

“Meu pai é pastor de Igreja. O que ele ia falar pra mim? Ele já ia começar a me dar sermão, começar a me dar sermão, ele não ia querer entender algumas coisas...” (10-E1-M-20 anos)

A dificuldade descrita pelos jovens em estabelecer diálogo com os pais sobre sexualidade vai ao encontro das afirmações feitas por Leite (2001), que constata o hiato existente entre pais e filhos, no que diz respeito à sexualidade e à anticoncepção.

No grupo de jovens entrevistados nesta pesquisa, tanto na escola pública como na escola privada, o diálogo dos filhos com o pai sobre a sexualidade parece ser menos significativo, pois apenas dois jovens da escola pública do sexo masculino relataram conversar sobre o tema com o pai e, na escola privada, nenhum jovem destacou somente o pai para o diálogo. Em geral, a mãe ou os pais (os dois juntos) foram citados.

“Eu só converso com meu pai pela internet porque ele mora longe. Aí tipo, eu conversava com ele normal, tipo falava o que eu tinha dúvida e ele me explicava.” (4- E1-M-18 anos)

Alves (2009) alerta para a necessidade de romper as barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade, tanto na saúde como na escola e na família, para que a iniciação sexual do jovem seja abordada sem preconceitos, silêncios e reprovação moral.

Outros membros da família como avó, primo, tia e irmão também foram destacados como escolha para falar sobre sexualidade por quatro jovens entrevistados

na escola pública. A jovem 3 da escola pública afirma que *“comentei com a minha avó, né... porque eu falo mais com a minha vó do que com a minha mãe. A minha mãe trabalha muito para fora então, eu tenho mais contato com a minha avó.”* (3- E1-F-17 anos). Os jovens da escola privada não mencionaram outros membros da família como participantes de diálogos sobre sexualidade, provavelmente, porque 11 entrevistados moram com os pais e apenas 1 mora somente com a mãe.

Outro fator que estabelece um distanciamento entre pais e filhos no que tange ao tema sexualidade e que foi evidenciado nas entrevistas de quatro jovens da escola pública foi a religião. Por pertencerem a família de evangélicos, o assunto sexualidade, entre muitos jovens da escola pública e sua família, converte-se em um tabu, sendo reprimido quando surge. A religião da família não foi citada pelos jovens da escola privada como fator que traz dificuldades ao diálogo com a família.

“Minha mãe nem pode saber disso... Não [aceita] porque é de família evangélica, ela não aceita esse tipo de coisa. Só depois do casamento... E como a gente segue a religião, eu quebrei uma regra dela e da religião.” (6- E1-M-17 anos)

O distanciamento das famílias evangélicas em relação ao diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos é explicado por Silva (2008), que relata que o exercício da sexualidade, tanto para os jovens como para as autoridades evangélicas, só deve ser praticado após o casamento, pois, antes disso, o sexo é entendido como pecado e é considerado ilícito e ruim. Neste sentido, os jovens de famílias evangélicas que tiveram sua iniciação sexual antes do casamento não falam sobre a temática com os pais.

Apesar da disponibilidade de diálogo de alguns pais em relação à sexualidade, alguns jovens não se sentem à vontade para discutir tal assunto com os mesmos, preferindo falar com os amigos ou com o(a) namorado(a). Entre os jovens da escola pública, não foi relatada a predisposição dos pais para o diálogo sobre a sexualidade com os filhos.

“É primeiro ele [namorado] né, depois minha mãe” (5- E2- F-17 anos).

“Como eu também podia chegar para os meus pais, não tem problema nenhum, mas é que eu não sei... Eu tenho muita vergonha assim de... A gente conversa muito eu meus pais,

mas não sei, pra esse assunto, eu tenho um pouco de vergonha.” (10- E2- M-17 anos)

“Ah falo com os meus amigos na verdade, acho que essa conversa sobre sexualidade com o meu pai, eu nunca fui tão aberto. Eu acho que quando eu conversei com o meu pai sobre sexualidade, foi ele que puxou a conversa. Eu nunca tive [conversa] com o meu pai, eu sempre falava com os amigos. E meu pai, alguma coisa errada ele falava comigo. “(1- E2-M-17 anos)

2.2 Aceitação da vida sexual do jovem pela família:

Dos vinte e quatro jovens entrevistados, seis da escola privada e quatro da escola pública relataram que a família sabe que eles têm relações sexuais, mas não falam sobre o assunto e não permitem que os jovens durmam juntos em suas residências. Quando dormem no mesmo quarto, é em camas separadas. Para alguns jovens, isso representa uma forma de respeito pelos pais. (quadros 7 e 17 dos Anexos 5 e 6)

“Ah, não! Não é aberto totalmente, sabe-se que tem uma relação e tudo, mas ainda é meio escondido assim as coisas. Não é tipo... Então, quando os pais dela tão lá e tudo, eu durmo num quarto, se eu durmo na casa dela, eu durmo num quarto e ela no outro. É ainda tem essas coisas... Mas tipo quando não tem ninguém assim, os pais viajaram, ela está sozinha em casa, a gente vai.” (6- E2-M-17 anos)

“E também, eu acho que não é uma questão só dois pais. A minha mãe nunca falou que não podia, é uma questão mais de respeito... Parte da gente também.” (8- E2- F-17 anos)

“Bom, com a minha mãe não [falo], porque minha mãe é muito fechada. Ela sabe, mas ela finge que não sabe, vamos dizer, eu saio de casa com o cabelo solto, seco e volto com ele molhado. Ela finge que não sabe...” (1- E1-F-19 anos)

Através dos relatos dos jovens entrevistados, percebe-se que, mesmo sabendo das relações sexuais dos seus filhos, os pais preferem que essas permaneçam encobertas, não sendo assumidas socialmente, o que condiz com as afirmações feitas por Brandão (2009).

Uma jovem da escola privada relatou que a sua mãe teve dificuldade em aceitar suas vivências sexuais e ficou muito brava quando descobriu que ela estava tomando anticoncepcional oral e, também, quando achou um saco de camisinha em sua casa. *“Ela viu a embalagem do meu remédio. E ela ficou muito brava. Depois ela acabou aceitando. Depois aos poucos, muito devagar, eu comecei a conversar com ela, entendeu?”* (8- E2- F-17 anos).

Pratta (2007) afirma que os pais demonstram preocupação com a iniciação sexual precoce dos filhos, mas as transformações na sociedade e na estrutura familiar e na forma como eles, os pais, foram educados dificultam a educação dos filhos.

Outra jovem da escola privada demonstrou no seu relato a preocupação com a aprovação e o julgamento dos pais quanto as suas ações:

“Os meus pais, eu sempre fico pensando, pensando assim no que eles aprovam e no que eles não aprovam, entendeu? Claro que eles nunca vão imaginar eu fazendo qualquer coisa sexual com alguém. Mas assim... Eu sempre fico pensando se não ia ser uma coisa meio, que eles iam falar: “Meu Deus, quem faz isso é só menina vulgar, só menina assim...” Eu penso mais esse tipo e também assim, é muito pelo que eu escuto. Eu tenho primas mais velhas e tudo, então, era muito do que elas falavam: “Que menina suja, menina não suja, mas menina que não se dava respeito.” Eu me movo, muito família assim...” (11- E2- F-17 anos)

Augusto (2005) explica que muitos pais experimentam dificuldades para abordar a temática sexual, entre eles mesmos, e, ainda mais, com seus filhos. Mesmo assim, tanto os pais como a família, queiram ou não, são os primeiros educadores sexuais, são os primeiros modelos que a criança recebe. A maneira como se respeitam, hierarquizam ou ironizam as diferenças de sexo entre eles e para com a sociedade fica internalizado, adquirindo forte significado na formação da personalidade dos filhos.

De todos os jovens entrevistados na escola pública, quatro afirmaram que a família sabe e aceita abertamente seus relacionamentos sexuais com os(as) namorados(as) e permite que se encontrem e durmam juntos em suas residências. Entre esses, uma jovem relatou ter uma união estável, explicou que a avó sugeriu que o namorado fosse morar com a família, quando tinha três meses de namoro. Isso não foi relatado por nenhum jovem da escola privada.

“A reação foi normal, foi: “Nossa a minha filha não é mais aquela menina de antes, agora ela é uma mulher”. Entendeu? Mas ela com a preocupação de mãe falou os cuidados que tem que ter com essas coisas...”(8-E1-F- 19 anos)

“Ele mora em casa agora. Ah! Foi tranquilo, sim, porque eles conversaram tudo direitinho, minha vó, minha mãe. A minha vó que falou para ele morar lá porque ele mora longe, aí fica melhor o acesso” (3- E1-F-17 anos)

A não aceitação das vivências sexuais dos jovens pelos pais foi evidenciada entre quatro jovens da escola pública, que afirmaram que a família jamais aceitaria suas experiências sexuais devido a princípios religiosos, e explicaram que os evangélicos não permitem relações antes do casamento. Um dos jovens demonstrou certa culpa por ter quebrado as regras da família e gostaria de que as relações sexuais fossem liberadas pelos pais. Entre os jovens da escola privada, uma jovem afirmou que não falou para a sua mãe sobre a sua iniciação por receio da sua não aceitação.

“E como a gente segue a religião, eu quebrei uma regra dela [mãe] e da religião. Gostaria que eles me ajudassem né, liberassem isso para mim, mas não dá, então deixa quieto... (6- E1-M-17 anos)

“Ah, eu acho que minha mãe ela, tem uma cabeça muito fechada. Ela acha que se eu fizer sexo eu vou engravidar, assim sabe. E como os meus pais são separados, ela tem meio que medo porque, se acontecer alguma coisa comigo, ela pode perder minha guarda.” Ah, eu acho que eu to bem, tirando o fato da minha mãe não saber... ”(3-E2-F-17anos)

Um jovem da escola pública relatou que até a masturbação é considerada pecado pelo pai, que é pastor. *“Não, não. Meu pai... Meu pai, a única vez que ele falou comigo [sobre a sexualidade] foi sobre masturbação que ele falou: “Ah, que não sei o quê, você sabe que é pecado.” Ai, eu fiquei quieto na hora, não falei nada.”* (10- E1-M-20 anos). Somente um jovem, virgem e evangélico da escola pública, relatou que se masturbou e os demais jovens de ambas as escolas nada relataram sobre masturbação.

Silva (2008) mostra em sua pesquisa que, para os jovens evangélicos, assim como para suas autoridades, o exercício da sexualidade deve ser prática permitida apenas no casamento, pois, antes disso, o sexo, inclusive a masturbação, significa "pecado", "fornicação". O sexo é considerado como uma dádiva de Deus e pode ser bom, quando lícito, e ruim, quando ilícito.

Existe uma diferenciação entre os pais em relação à aceitação da iniciação sexual dos filhos. A mãe geralmente tem um maior diálogo e aceitação da iniciação sexual da filha do que o pai. Duas jovens da escola pública afirmaram que a mãe sabe sobre suas vivências sexuais, mas o pai não, pois este não aceitaria com naturalidade. Entre as jovens da escola privada, a figura do pai foi pouco citada no que diz respeito à sexualidade dos jovens.

“Ele sabia também que eu namorava, mas não sabia da relação.” (9- E1-F-16 anos)

“Não, meu pai não sabe. Da família dele, a única pessoa que sabe é a irmã e a mãe, que eu também converso muito com elas. Agora o pai e o irmão não sabem. Não é que ele não permite, é que ele é meio a moda antiga...” (2- E1-F-16 anos).

Ah não sei, pro meu pai eu vou morrer virgem! Meu pai sabe que eu vou ter meus filhos e vou continuar virgem...” (4- E2- F-17 anos)

3 Juventude e Sexualidade:

3.1 Como o assunto sexualidade surge entre os jovens:

Quando questionados sobre a maneira como o assunto sexualidade surge entre os jovens, cinco jovens da escola pública e quatro da escola privada relataram que o tema sexualidade é falado entre amigos ou com os que estão mais próximos. Segundo eles, os motivos que levam os jovens a falarem sobre a temática são: relato de experiências pessoais, sentimentos, curiosidade para saber da vida sexual do outro colega, compartilhamento de ideias para tirar dúvidas e as trocas de experiências (quadros 8 e 18 dos Anexos 5 e 6):

“É sempre quando tem tipo... Começa a namorar... O pessoal sempre acaba conversando e tal: “Como é que está com o fulano e se gosta de outra pessoa...” E ai vai fluindo... Com os mais próximos você acaba se abrindo mais, você conversa mais. Se você já tem uma intimidade maior com uma menina ou não... Ai quando você começa a namorar e ai por ai vai...”
(9- E2-M-17 anos)

“A gente dá risada. Um conta: “Ah! foi assim com o namorado a primeira vez...” Como foi? O que aconteceu no final de semana? Um fala as coisas assim...” (3-E1-F- 17anos)

Foi demonstrada uma diferença entre os jovens para falar sobre o tema sexualidade: três jovens da escola privada e um da escola pública relataram que o assunto surge de maneira mais natural nas conversas entre os meninos.

“Eu acho que é de modo bem espontâneo, como tem aquela coisa “Ah, de ficar ou de ir na balada.” Eu acho que também, assim, os jovens, eu não sei como são as meninas, mas os meninos são de um jeito bem tranquilo assim...” (10- E2- M- 17 anos)

“Ai ele é mais normal né, assim entre colegas tem menos vergonha de falar sobre sexualidade... “ (12-E1-M- 17 anos)

Essa naturalidade não foi destacada por outros quatro jovens da escola privada que afirmaram que o tema sexualidade vem acompanhado de preconceitos e, quando surge, é em forma de brincadeiras e recheado de tabus, principalmente, quando o assunto relaciona-se à virgindade. *“Eu acho que o tabu é falar quem é virgem e quem não é... Assim... Isso nunca é aberto entre as pessoas, no geral do colégio.” (7- E2- F- 17 anos).* Segundo eles, outro tema cercado de preconceitos é a homossexualidade. *“Acho que muitos alunos daqui ainda vêem com maus olhos, por exemplo, o homossexualismo, ou até o heterossexual que é muito... muito radical, assim. Eu acho que as pessoas não aceitam o ponto de vista das outras pessoas.” (1- E2-M-17 anos).*

Segundo alguns jovens da escola pública, até entre eles, a sexualidade é tratada com tom de malícia e brincadeiras. Uma das jovens da escola pública relatou que existem algumas posturas que ela considera inadequadas: *“Ah, a gente é muita ‘putaria’. Assim... a que nem as meninas ficam tipo abraçando os meninos, sentando no colo, sei lá, coisa que não é normal para mim.” (2- E1-F-16 anos).*

Foi evidenciada na fala da jovem da escola pública que, assim como ela, muitos outros jovens que possuem concepções de valores tradicionais, demonstram certos preconceitos relacionados à temática e dão certo valor às atitudes dos colegas, como afirma Vidal (2008), em sua pesquisa.

Apenas uma jovem da escola pública descreveu que as questões sobre a sexualidade discutidas entre os jovens estão relacionadas à gravidez e às doenças: *“Ah, eu ouço bastante coisa, tipo, sobre gravidez, doenças, esses negócios assim...” (4- E1-M-18 anos).* Outra jovem da escola pública falou que informações sobre prevenção não são destacadas entre os temas que os jovens conversam entre si e, sim, suas vivências sexuais. Nenhum dos jovens da escola privada relacionou que o assunto entre eles seja prevenção ou gravidez.

“Sim existe uma liberdade, é vamos supor assim:” Aí a gente saiu, foi para um motel. Aconteceu isso, a gente fez assim... Ah compramos um creminho!” É uma coisa entre amigas, vamos dizer assim, é aquela coisa...” Ah, foi tão bom e tal”. Não é aquela coisa” Ah, tem que tomar cuidado com isso”. É mais

solto, vamos dizer, a gente usa uns termos mais adolescentes, mais vulgares, vamos dizer assim. né.”(1- E1-F-19 anos)

Com relação à faixa etária, foi demonstrada uma diferenciação entre os jovens. Uma jovem da escola pública destacou que não escuta muitos comentários sobre sexualidade entre seus colegas, pois acredita que os jovens falam mais sobre sexo na faixa de 15 e 16 anos. Uma jovem da escola privada relatou que é na faixa dos 17 anos que o assunto surge mais entre os seus colegas.

“Jovem de 15, 16 anos comenta mais do que jovem de 18 a 19 anos.” (8- E1-F-19 anos)

“Ah é, tirando dúvidas assim porque, na verdade, agora no segundo, terceiro ano, 17, 18 anos a gente tá começando essa vida, assim de, de querer se estabilizar. As minhas amigas mais próximas, como eu, tão namorando e a gente tá querendo compartilhar as nossas ideias em relação a isso. Eu tenho muita liberdade, eu pelo menos... Tem algumas que não, mas eu tenho muita liberdade em relação a isso, de querer saber o que as outras pessoas acham sobre algum tema, de perguntar se já fez e o que aconteceu, como foi.” (8-E2-F- 17 anos)

3.2 Por que e quando os jovens fazem sexo;

Quando questionados por que e quando os jovens fazem sexo, os entrevistados tanto da escola pública como da escola privada apresentaram diferentes opiniões; mas o prazer foi destacado como o principal motivo, além da curiosidade, diversão, competição, desafio e busca da maturidade. Outros jovens responderam que sexo é um fator hormonal e que a vontade de fazer sexo está relacionada ao querer explorar, crescer, descobrir-se e, além disso, ao aparecimento de oportunidade e até por medo do sentimento de “amar” (quadros 9 e 19 dos Anexos 5 e 6):

“Então, a maioria, hoje em dia, é mais jovem, adolescente que quer sair para balada, quer curtir as meninas, então praticamente os jovens, ele quer curtir. O que é curtir? “Ah eu

quero ficar com aquela menina, quero fazer sexo com a aquela menina e pronto”. É hoje em dia, a meu ver, é tipo uma, uma competição. É um prazer, não quero nada sério agora, eu quero curtir, então pega, faz sexo e sai, sabe? Joga fora.” (8-E1-F-19 anos)

“Eu acho que... Sei lá, 70 % das pessoas que dizem que tão só em busca do prazer e “Ah todo mundo está fazendo.” Acho que pelo menos 50% desse 70% realmente têm medo de, sabe, não achar alguém que goste o suficiente, tem medo de enfrentar esse sentimento.” (4- E2- F- 17 anos)

Outro fator, destacado pelos jovens da escola privada, foi o fato de que muitos jovens fazem sexo para imitar os amigos e também muitos sofrem pressão do grupo por serem virgens. Um jovem da escola privada relatou que a afetividade nas relações sexuais perdeu o sentido e o sexo está relacionado a um tipo de “status social”, servindo de comparação entre os sexualmente ativos e os que não tiveram relações sexuais ainda.

“Então, acho que grande parte também faz sexo por que: “Ah, chegou minha hora, eu achei a pessoa certa e pronto.” E outros faz para falar: “Eu fiz, pelo menos eu não sou mais virgem!” Porque eles acham que ser virgem também é uma vergonha, e não é...” (5- E2- F- 17 anos)

“Eu acho que o sexo já perdeu um pouco do sentido do relacionamento de amor e carinho entre as pessoas e está passando mais para um status social entre os jovens, assim. Por exemplo: “Eu não sou mais virgem e você ainda é virgem, eu sou melhor que você que eu sou mais gostoso”, sabe. Eu acho que tem muito disso as pessoas querem fazer sexo só porque elas têm vergonha de ser virgem, mas eu acho que eu sou virgem, não me preocupo com isso, sabe?” (1- E2-M-17 anos)

A dissociação entre sexo e amor nos relacionamentos entre os jovens foi evidenciada por Borges (2007), que relaciona isso aos padrões de masculinidade que

estão sendo transpostos à iniciação sexual, o que revela a diversidade nos modos de viver a sexualidade na adolescência.

A mídia foi citada por um entrevistado da escola privada como um fator que estimula os jovens a fazer sexo, pois, na televisão ou em filmes, são vistas muitas cenas relacionadas à sexualidade e isso acaba despertando nos jovens o interesse pelo tema.

“Eu acho que eles fazem, não sei, porque eles escutam os amigos falando. Claro que tem um hiper extinto, chega ao ponto que o jovem tem vontade, assim não sei... Eu acho que muito hoje em dia, na mídia influencia muito assim... Hoje, quase todo dia, algum filme que você assiste, ou tem um pouco de sexo ou alguma insinuação, nem que seja implícita, mas tem... Já está assim dentro da cultura, insinuação de, qualquer filme, mesmo se for um filme infantil tem um pouco de insinuação, menos os desenhos assim... Todos os filmes normais eu acho que tem essa insinuação e que deixa as pessoas muito... Como é que eu posso falar? É... Despertadas para isso”(10- E2- M-17 anos)

Um entrevistado da escola pública relatou que há jovens que têm suas experiências sexuais em casas de prostituição onde, além de mulheres, servem também muita bebida alcoólica e permitem a entrada de menores de 18 anos:

“Ah, é mais assim, você ouve muitas entrelinhas, né, tipo: “Ontem foi da hora porque em casa rolou solto o sexo, rolou solto tudo.” Hoje a moda agora é Cabaré que é como se fosse uma casa onde tem bastante bebida, som também e muita mulher e para diferentes caras. Entendeu? Ai rola solto. E mais esse assunto... assim rola fundo sobre a primeira vez, sobre como foi a primeira vez... É mais essas curiosidades né, que rola, que tem entre os alunos...” (10- E1-M-20 anos)

3.3 Relacionamento entre os jovens (ficar e namorar):

Com relação ao termo namorar, a maioria dos jovens entrevistados de ambas as escolas relatou que *namorar* significa compromisso, uma relação séria que implica em ter uma pessoa fixa, que exige respeito e um envolvimento afetivo e fidelidade. Enquanto o termo *ficar* foi explicado como uma relação fugaz, sem compromisso, na qual não existe envolvimento emocional, e que ocorre geralmente por uma noite. Enfim, uma relação menos séria (quadros 10 e 20 dos Anexos 5 e 6).

“Namorar você passa tempos, você gosta, você tem a intimidade de dividir tudo, é muito bom. Ficar é uma noite, pode ser até mais tempo, mas não tem a liberdade de dividir tudo.” (9- E1-F-16 anos)

“Para mim namorar é quando você tem um relacionamento com uma pessoa e você realmente gosta dela e é fiel a ela. Você não vai para balada com seus amigos e pensar em ficar com outras pessoas. Na maioria das vezes o jovem já está namorando e tem uma relação sexual estável, uma vida sexual ativa. E ficar para mim é quando você conhece uma pessoa, acha ela bonita, sente atração visual e sexual ou até mesmo pelos interesses dela, beija, ou pode ter relações sexuais ou não dependendo das duas pessoas, mas você não tem nenhum compromisso assim de fidelidade, você pode ficar com outras pessoas, beijar.” (12- E2-M-17 anos)

4 Vivências da Sexualidade pelos jovens:

4.1 Iniciação Sexual:

Entre os jovens entrevistados na escola pública, dois tiveram sua iniciação com 14 anos, cinco, com 15 anos, três, com 16 anos, uma jovem, com 18 anos e um jovem era virgem aos 17 anos. Na escola privada, uma teve sua iniciação sexual aos 13 anos, dois, com 14 anos, quatro, com 15 anos, duas, com 17 anos e três - dois meninos e uma menina - eram virgens com 17 anos.

Quanto à idade da iniciação sexual, alguns jovens da escola privada achavam que a iniciação sexual tinha sido cedo demais: *“Desde pequeno eu sou muito mulherengo, desde pequenininho, desde a quarta série. Na quarta série foi a primeira vez que eu beijei uma menina. E a medida disso eu fui namorando, fui namorado demais até, desde a quinta série.”* (9- E2-M-17 anos).

Todos os jovens de ambas as escolas tiveram sua primeira relação na sua própria casa ou na casa do(a) namorado(a) e a maioria das iniciações sexuais dos entrevistados não foi planejada.

“Não, não foi planejada porque tipo eu sempre falava pra ele: ‘Espera que não está na hora, eu acho muito cedo...’ Ele sempre me respeitou, mas teve um momento que a gente ficou sozinho e aí aconteceu.” (7- E1-F-16 anos)

“Foi em casa, na minha casa. Minha mãe tinha viajado assim... Daí minha empregada tava de folga, daí não tinha ninguém... Aí ela foi lá pra casa.” (6- E2-M-17 anos)

A metade dos jovens da escola privada namorava há mais de um ano com colegas da mesma classe, sendo que um casal (entrevistados 10 e 11) estava namorando há cinco anos. No grupo, quatro jovens relataram que tiveram a iniciação sexual com os(as) namorados(as) que eram virgens também:

“Foi uma coisa levada muito na boa, sabe? Ninguém forçou, ninguém ficou pressionando pra acontecer e quando aconteceu foi porque os dois queriam, porque a gente tava muito tranquilo pra acontecer. Não foi ‘Ah, vamos, vamos tem que ser agora...’ Não, não foi assim... Os dois se olharam e viram que tinha pra acontecer.” (4- E2- F- 17 anos)

Para a maioria dos jovens entrevistados, das duas escolas, a iniciação sexual é considerada como algo natural: *“Mas eu acho que não sei se posso dizer ‘planejada’... Eu acho que foi assim natural, foi dos dois, ninguém apressou ninguém...”* (10- E2- M-17 anos).

Um jovem entrevistado da escola privada, que era virgem, quando perguntado como pretendia agir para conquistar uma menina, afirmou que agirá de forma natural: *“Ah, acho que isso é natural. “Vou convidar uma menina”... É bem natural. Acho um lugar que eu acho especial... E tem que ser natural, as coisas andam como tão andando.”* (2- E2-M-17 anos). Ele relatou que fala disso com naturalidade com os colegas: *“Falo, falo. Tem gente que tem, tem gente que fez, tem gente que não fez... Pra mim é tipo, é um negocio que uma hora vai acontecer, então eu estou bem.”* (2- E2-M-17 anos).

A jovem da escola privada, que era virgem, falou de suas expectativas sobre a iniciação sexual: *“Ah, eu acredito que seja de prazer. Eu sei que falam que dói, mas eu estou com um pressentimento bom, de prazer e de eu estar com um menino que eu realmente goste. Então, eu acho que vai ser muito prazeroso.”* (7- E2- F-17 anos). Ela relatou que não pretende fazer sexo sem camisinha, sexo anal e relações sexuais sem afetividade.

“Eu acho que sexo sem camisinha pra começar, não. Ah, eu acho que sexo anal eu não faria. Coisa que eu não sou nem um pouco familiarizada... E não sei, tem que ter uma seleção da pessoa assim. Quando eu perder minha virgindade, não é todo menino que eu ficar que eu vou transar, eu acho que tem que ter um sentimento.” (7- E2- F-17 anos)

A jovem entrevistada reforça a associação de sexo e amor ao declarar que pretende só se relacionar sexualmente caso esteja sentimentalmente envolvida, o que ocorre com a maioria das jovens, conforme os dados demonstrados na pesquisa de Vidal (2008).

A importância da afetividade para a iniciação sexual foi salientada pelos jovens de ambas as instituições:

“Então, sempre pra ficar com uma pessoa tinha que ter um sentimento a mais, nunca era uma coisa assim: “Ah vamos ficar e pronto.” (9- E2-M-17 anos)

“Planejado não, mas foi um consenso dos dois, acho que tanto ele quanto eu queríamos. Ele é mais velho, então ele

sempre foi muito amigo, ele sempre me ensinou, tirou minhas dúvidas e tudo. E eu também, sempre me interessei muito por ele, eu sou extremamente apaixonada então, eu acho que foi isso que me levou a falar: ‘Vou fazer, eu quero, sabe? Eu gosto muito dele!’. E ele sempre muito respeitoso comigo e tal, começou assim.” (5- E2- F- 17 anos)

“Eu conheço ele há três anos, a gente ficou uma vez só, mas não rolou nada e depois de um ano só é que a gente começou a ter um relacionamento firme. Aí, depois de um bom tempo, aí que eu tive, eu tive certeza que ele é a pessoa que eu quero estar futuramente, então aí que eu me entreguei um pouco a mais.” (8- E1-F-19 anos)

Reportando aos estudos de Taquette (2008), podemos constatar que, para as jovens, a iniciação sexual, independente do matrimônio, pareceu ser aceita, mas foi largamente relatado o desejo da existência de vínculo afetivo-amoroso com o parceiro da primeira prática sexual.

Além da afetividade, foi também evidenciada por uma jovem da escola pública a vivência da sexualidade da seguinte forma:

“Não, porque assim... É a pessoa sempre, quando quer ficar com uma pessoa, a pessoa se interessa, quer algo a mais numa noite, assim ficar. Só que a pessoa tem que ter conhecimento. Tem que se dar valor a ela, se você sabe que a pessoa não dá certo, não é pra você, não tem que se dar, não tem que se perder no valor. Então foi o que eu coloquei na minha cabeça.” (8- E1-F-19 anos)

Para um entrevistado da escola privada, houve um declínio da afetividade entre os casais:

“Eu acho que o sexo já perdeu um pouco do sentido do relacionamento de amor e carinho entre as pessoas e tá passando mais pra um status social entre os jovens, assim. Por exemplo: “Eu não sou mais virgem e você ainda é virgem, eu

sou melhor que você, eu sou mais gostoso”, sabe? Eu acho que tem muito disso: as pessoas querem fazer sexo só porque elas têm vergonha de ser virgem, mas eu acho que eu sou virgem não me preocupo com isso sabe. Acho que vai ter uma hora e vai ser, mas tem gente que acha que ser virgem é uma preocupação, que se você não fez sexo ainda você é imaturo. Acho que como muitas coisas já, o sexo perdeu seu valor que existia antes. ”(1- E2-M-17 anos)

A fala do entrevistado vai ao encontro das afirmações feitas por Borges (2007), que reforça que os padrões tradicionais de masculinidade, como a separação entre sexo e amor, estão, em muitos casos, sendo transpostos quando se relaciona à iniciação sexual.

Outro fator destacado entre os jovens de ambas as escolas é a importância do diálogo sobre o tema entre os parceiros, quando há respeito nas atitudes e vontade recíproca.

“Então, porque homem, homem é sempre meio difícil e bem mais fraco pra essas coisas, então a gente conversou bastante, ele me entendeu e... Tem que ser na hora certa, com certeza, na hora que você estiver à vontade. Não tem que ser por obrigação, se você tiver a vontade tudo bem sabe, com a pessoa certa. E a agente ficou conversando... e... Até que aconteceu.” (8- E1-F-19 anos)

“Não, a gente, pelo que a gente conversou, a gente quer esperar. Eu pelo menos quero esperar, eu não me sinto pronta pra isso. Eu acho que eu preciso ter total confiança nele e me sentir preparada com meu corpo e comigo assim. Então, a gente conversou que a gente vai esperar um tempo, que eu ainda não estou pronta.” (7- E2- F-17 anos)

Sobre a motivação para a iniciação sexual, existe uma variação entre os jovens entrevistados. Os alunos da escola pública afirmaram que sua iniciação sexual foi movida pela curiosidade: *“Ah, foi tipo uma coisa rápida entendeu, uma coisa pra, só*

pra ver como é que é. Entendeu?” (5- E1-M-16 anos). Outro jovem relatou que foi por algo novo e não planejado: “Foi meio estranho, é que eu nunca tinha feito isso, né? Quando você faz a primeira vez é diferente.” (6- E1-M-17 anos). Além disso, foi destacada a necessidade de perder a virgindade por pressão de amigos: “Foi meio que um alívio, sei lá, porque eu não sabia com é que era, eu fui com uma amiga minha. Aí nós dois... nenhum tinha ido ainda. Ah, sei lá, foi um alívio por causa dos amigos ficar zutando assim...”(4- E1-M-18 anos).

A iniciação sexual pode, ainda, ser uma experiência satisfatória, agradável, engraçada, planejada e ligada ao desejo da descoberta:

“A primeira experiência é sempre mais engraçada também, a gente sempre dá risada de tudo. A experiência foi na minha casa mesmo. É, a gente planejou de fazer. “Vamos fazer tal...” Ah, tipo ela tinha vontade eu também tinha... Foi. Foi bom, foi bom...”(11- E1-M-18 anos)

Entretanto, nem sempre a primeira relação vai ao encontro das expectativas do jovem, como relatou uma aluna da escola privada: *“Mas não foi como eu imaginava, né? tipo... Porque é obvio que você sempre, não sei explicar, mas você sempre coloca a mais, você sempre idealiza e não foi assim.”(4- E2- F- 17 anos).*

Outro jovem da escola privada declarou que foi “bem estranho”, porque era algo novo e, quando percebeu, já estava acontecendo, pois os dois não tinham experiência sexual:

“Não, porque ainda mais quando nenhum dois sabe como é que é... É uma coisa que fica meio difícil a gente saber se aconteceu ou se não aconteceu. Aí, depois que a gente foi descobrir que tinha acontecido mesmo tal, mas pra mim foi muito tranquilo. Eu tentei passar segurança pra ela, mesmo eu não tendo a minha própria segurança, porque eu não sabia como é que era, eu nunca tinha feito nada.” (9- E2-M-17 anos)

Alguns dos jovens entrevistados declararam que tiveram maior satisfação com outras experiências posteriores a sua iniciação sexual. Uma jovem da escola privada, que estava com o seu segundo namorado, há um ano, declarou que se sentia muito satisfeita e realizada com a nova relação e que pratica sexo com mais liberdade e criatividade do que com o parceiro de sua iniciação sexual.

”Ah com o segundo tem... A gente tem assim, uma relação muito, muito legal um com o outro assim, muito divertida, sempre. Ele compra algumas coisas, eu compro algumas coisas e a gente... É coisas diferentes que, às vezes, a gente experimenta. Algum óleo, alguma coisa assim...” (8- E2- F-17 anos)

Outro jovem da escola privada relatou que retornou com sua namorada, com quem teve sua primeira experiência sexual há três anos, e declarou um maior amadurecimento em relação à primeira vez em que se relacionou com ela.

“Eu acho que principalmente agora tem muito menos inibição. Porque quando eu tinha 14 anos eu falava de sexo de um jeito meio receoso assim... Ficava meio, às vezes, até um pouco tímido. Agora uma coisa que eu acho que é muito mais íntima, muito mais esclarecida assim... Até pela maturidade.” (12- E2- M-17 anos)

Outra jovem da escola pública relatou que se sentiu incomodada na primeira relação, por ter sentido dor. Essa relação aconteceu na casa do rapaz e, segundo a jovem, *“foi numa escada, porque a casa dele tava vazia. Só que aí apareceu uns parentes dele. Aí, como ele queria e eu queria, a gente fez numa escada do prédio.”* (2- E1-F-16 anos). A jovem fez uma comparação entre a primeira relação sexual e as relações sexuais com o atual namorado: *“A primeira foi... pronto, é... eu só fui perder pra irritar meu pai. Pra mim, transar assim de verdade foi com o meu namorado”* (2- E1-F-16 anos).

Foi, também, demonstrado por outra jovem da escola pública um pouco de arrependimento com relação à sua iniciação sexual, pois sente que pulou uma fase de

sua vida, em que deveria viver coisas típicas da idade, sair com as amigas, se divertir e, não, ficar ligada a uma relação com um homem 20 anos mais velho.

“Por ser uma menina ainda. Porque eu queria ter essa fase de adolescente que eu não tive, então foi como se tirasse minha adolescência. Entendeu? Eu queria viver, queria ter essa parte de criança, de adolescente, daquela fase irritante dos quinze e eu não tive.” (1- E1-F-19 anos)

“Não é que traumatizou, mas quando você pensa você fala, poxa, devia ter segurado mais, devia ter brincado de boneca ainda... Poderia ter sido uma menina ainda, ainda mais com um cara tão mais velho do que eu assim... Você meio que para pra pensar...” (1- E1-F-19 anos)

Essa relação durou um ano e até hoje a família não sabe, porque o homem é parente e a única pessoa que sabe é uma prima que acobertava os encontros. A jovem resolveu terminar esse relacionamento quando percebeu que se sentia como um “trofeuzinho” para ele, que nunca assumiu a relação mesmo sendo solteiro e “rico”. Essa relação ia contra seu desejo de ter uma relação vivenciada integralmente e não às escondidas.

“Porque eu pensei assim... olha ele viaja muito, então, obviamente, ele não está sozinho. Pensa num Tony Ramos, aquele jeitão galante: é a mesma coisa, ele conquista qualquer mulher pela lábia e eu queria uma coisa fixa, vamos dizer assim: eu quero passar o final de semana junto, assistir um filme na minha casa. Aí pra onde você tá indo, to saindo com tal pessoa, namorado vem buscar em casa, tendeu? Eu quero por um aliança no dedo, dizer que é meu namorado, tendeu? Quero uma coisa pro futuro, não quero uma coisa escondida. Quando você cria um juízo na cabeça...” (1- E1-F-19 anos)

Depois do término desse relacionamento, a jovem quis “*curtir minha adolescência um pouco atrasada*“, como se tivesse perdido muito tempo. Neste

momento, ela começou a sair com as amigas, mas não quis ficar com ninguém. Após “um bom tempo”, acabou ficando com um menino que morava em frente da sua residência, mas se arrependeu, pois foi, segundo ela, por impulso. *“Aí eu falei assim, sabe quando você se sente nojenta, sei lá, alguma coisa assim... Ah, como eu sou louca!... mas passou... E aí... eu comecei a namorar com [o atual]...”* (1- E1-F-19 anos).

Atualmente, com o seu atual namorado e sentindo grande satisfação com esse relacionamento, confessou o arrependimento de não ter perdido a virgindade com ele, pois descobriu o sexo “com amor” e “com paixão”:

“Foi, foi engraçado. Te confesso que eu preferia ter perdido minha virgindade com ele porque foi com amor. Eu falei pra ele: “Vamos fazer como se fosse a primeira vez”. Como se fosse a primeira vez e foi lindo, foi com amor, sabe, foi com paixão, vamos dizer assim... Era uma coisa que os dois queriam, mas foi com amor, eu senti amor, sabe quando no final você abraça, né, fica junto... Coisa que eu não tinha antes, era uma coisa... “ Ah tem que fazer mesmo, né. Vamos.. né, Fazer o quê? “(1- E1-F-19 anos)

Outro jovem da escola pública declarou estar arrependido de sua iniciação sexual, que foi por curiosidade e após a insistência da menina.

“A minha primeira vez, a minha primeira vez foi muito... Foi com uma pessoa que eu odiava, foi por, por... Só por sexo, só por isso... Não é que eu odiava é porque assim ela me amava, ela chegava assim, vivia falando que me ama e tal... Eu não, queria só amizade... “Porque eu não gosto de você,entendeu? É só por curtição... “Ai acabei ficando com ela e acabou rolando alguma coisa. Depois eu me arrependi.” (10- E1-M-20 anos)

O jovem se arrependeu, porque a menina engravidou e afirmou que ele era o pai. Ele não aceitou a gravidez e até duvidou que o filho fosse dele, porque, segundo ele, a menina tinha relações com outros jovens: *“Não sei se foi de mim que ela engravidou*

porque era meio safadinha, entendeu? Aí acabou engravidando. Depois ela tirou, entendeu? Eu passei um bocado, foi logo no Ano Novo, ainda tava no interior de São Paulo.” (10- E1-M-20 anos).

Ele culpou a menina, porque falou para ela tomar a pílula do dia seguinte, pois não tinham usado nenhum método contraceptivo durante a relação. Além de não aceitar a gravidez, ele a rejeitou e com isso, segundo ele, acabou estimulando para que ela fizesse o aborto.

“Eu concordei com ela, então, de um certo modo, eu to concordando, a partir do momento, com o aborto. Entendeu? E a partir então, depois na escola, eu me afastei totalmente de todo mundo da escola, de todo mundo... Eu chegava na escola, sentava na frente, porque eu sentava no fundo antes..” (10- E1-M-20 anos)

Ficou por um bom tempo sem ter relações sexuais com outras jovens, porque achava que iria engravidar outras meninas: *“Tava sozinho... nesse dia, eu já cheguei e falei:” Meu, será que eu vou ficar com alguém ainda? Será que...” Eu comecei a pensar nesse momento entendeu?” (10- E1-M-20 anos).* Quando conheceu a atual namorada, conseguiu desabafar suas angústias e voltou a ter relações sexuais normalmente.

“Aí o relacionamento foi aprofundando, aprofundando e eu acabei gostando mais dela. Acabei pedindo ela em namoro e quando pedi ela em namoro eu contei a minha história. Eu contei aquilo que tinha acontecido comigo, que eu tava muito mal em relação a sexo, essas coisas. Não que... mal assim no sentido de criança, essas coisas, eu não queria no momento, né? Eu tava muito inseguro ainda pra fazer.” (10- E1-M-20 anos)

No começo, a namorada começou a usar pílula e, como não se adaptou, o casal acabou não usando nenhum método contraceptivo, porque surgiu o desejo de ter um filho.

“Sem camisinha. Eu só usei uma vez camisinha com ela que foi na minha casa, pra não ter... Depois porque como ela começou a menstruar normal, apresentava sintomas normais de uma mulher, como se tivesse tomando pílula. E a gente... Acontecia... Quando acontecia a gente ficava tranqüilo, eu fiquei com minha consciência tranqüila desde então... Até que, como eu tava passando por muito problema familiar, muito mesmo, demais, eu comecei a querer ter um filho, com ela, justamente com ela, a gente não conseguiu, a gente nunca conseguia, sempre tentava e não conseguia.” (10- E1-M-20 anos)

Ele tinha consciência das mudanças que uma gravidez iria trazer para a sua vida, mas o desejo de ser pai foi maior.

“A única coisa que me passou pela cabeça é que assim... A mudança radicalmente vai ter. Isso já, sempre passou pela minha cabeça desde o primeiro momento que eu falei assim: “Ah, eu quero ter um filho junto com você.” A partir do momento que eu falei isso já mudou o pensamento.” (10- E1-M-20 anos)

A fala do jovem reforça o que Gonçalves (2006) confirmou em sua pesquisa: a gravidez nem sempre é considerada como negativa pelos jovens, pois pode ser desejada, pode ser um motivo de união e de um maior envolvimento afetivo, tornando-se um motivo de autonomia social.

Uma jovem da escola pública, mãe aos 15 anos, falou que a sua primeira relação não foi planejada, mas foi diferente por ser algo novo e de descoberta: *“Foi meio estranho é que eu nunca tinha feito isso, né? Quando você faz a primeira vez é diferente.” (7- E1-M-16 anos)*. Segundo a jovem, a única vez que se esqueceu de tomar o anticoncepcional, o preservativo estourou e, com isso, ficou grávida após oito meses de relações com o seu namorado.

*“É, teve um dia que eu esqueci de tomar o remédio [anticoncepcional] e a camisinha estourou e aí eu engravidei”
Não, nunca tinha esquecido, foi por que... Não sei o que aconteceu. Acho que passou o horário, não lembrei... Não lembro o que aconteceu. Só sei que eu não tomei o remédio.”
(7- E1-M-16 anos)*

Ela afirmou que, em nenhum momento, pensou em aborto e que esta proposta não foi dada nem pelo seu namorado, nem pelas famílias. Mostrou-se contra o aborto, relatando exemplos familiares como situações negativas consequentes do mesmo.

“Não, importa... Você está dando uma vida, se você tirar você vai ficar com aquilo na cabeça pra sempre. Minha tia fez um aborto, está aí até hoje, com problema de rins, sofrendo pra caramba... Devido o que? O aborto... Ela não só matou uma vida como prejudicou a dela. Nunca aborte, nunca aconselho isso pra ninguém.” (7- E1-M-16 anos)

Das lembranças negativas que a jovem tinha daquela fase de sua vida, estava a lembrança da não aceitação da gravidez pelo seu pai. Este só aceitou a gravidez da filha quando morreu um sobrinho e percebeu o abalo de sua irmã com a perda do filho.

“Foi as brigas em casa, meu pai virou a cara pra mim, não falava comigo, queria me botar pra fora de casa, essas coisas. Depois que foi normalizando tudo... Quando eu tava lá pro sétimo mês, quando o meu primo morreu. Foi preciso acontecer uma tragédia na família pro meu pai voltar ao normal. ”(7- E1-M-16 anos)

Quando questionada se houve mudanças em sua vida após a gravidez, a jovem relatou que teve de parar de estudar por uns meses, mudou de turno e, agora, estuda à noite, para que sua mãe fique com a filha, enquanto vai à escola.

“Mudou em relação aos estudos. Eu terminei o primeiro ano, deu pra terminar porque eu estava só com quatro meses. Agora, quando começou esse ano eu já perdi muita coisa né, porque foi o ano que eu tive neném e agora tá normalizando.”
(7- E1-M-16 anos)

Atualmente, mora com os seus pais e seu quarto foi adaptado para receber o filho. O seu namorado mora com a família dele, pois sua mãe acha que são imaturos para terem uma vida independente.

“Minha mãe chamou pra morar em casa porque ela falou que era muito cedo pra gente alugar uma casa pra nós dois, porque ia ser... Muito cedo... Ela falou que a gente é muito novo pra tá morando junto e a gente não tem experiência. Ela falou:” Fica aqui por enquanto, quando vocês tiverem mais experiência, quando ela [a criança] tiver grandinha vocês mudam de casa. ”(7- E1-M-16 anos)

Com relação aos seus sentimentos, quando soube que seria mãe, a jovem relatou que sentiu medo do desconhecido e da maternidade: *“Eu fiquei com medo porque eu não sabia como ia ser ter neném. Eu não sabia como ia ser mãe”* (7- E1-M-16 anos). Contudo, ela relata que recebeu o apoio de sua mãe.

Como mensagem para as demais jovens, a entrevistada diz: *“Ah, que elas nunca desistam dos seus sonhos, mesmo que aconteça uma gravidez precoce, que corra atrás e que lute, pois dá pra conseguir.”*(7- E1-M-16 anos).

Outra jovem da escola pública, grávida de cinco meses, demonstrou-se um pouco confusa em relação aos seus sentimentos. Destacou, ainda, que tem medo de não ter condições de dar ao filho o que ele precisa e de educá-lo sozinha. Apesar de sentir a perda da liberdade, relatou que estava feliz.

“Então, que nem eu te falei, meu medo é de um dia não estar junto. É esse meu medo, de a gente não estar junto... Sei lá, do que o mundo... Eu posso dar a melhor educação tudo e o mundo oferecer as coisas de errado que o mundo tem... e de

eu também perder também um pouco agora minha liberdade, ter perdido. Mas não, não me arrependo, to feliz.”(9- E1-F-16 anos)

Segundo a jovem, a ideia de aborto não foi cogitada por ela, nem pelo namorado e nem pelas famílias. Ela demonstrou arrependimento e se culpava por estar grávida: *“É porque, sei lá... Se eu pudesse ter evitado de ter ficado grávida eu teria evitado. Eu sei que é uma coisa... é lindo...”*(9- E1-F-16 anos). A mensagem que a jovem deixou para os outros jovens foi: *“Não troca o preservativo por nada, por nenhum medicamento...”* (9- E1-F-16 anos).

Outra jovem entre as entrevistadas da escola pública teve sua iniciação sexual aos 15 anos, na casa do menino e, depois de três meses, o jovem foi morar em sua casa por convite da própria avó. Ele ajuda na renda familiar e estão juntos há dois anos e meio, morando na mesma casa. A jovem relatou que não se sentia bem com esta relação estável e que gostaria de mudar a situação, mas não tinha coragem, pois tinha medo de se arrepender: *“Ah, eu não sei, eu gostaria de tomar uma atitude, mas só que vem a questão da coragem, eu fico pensando o que vai ser depois, sei lá... Arrependimento...”* (3- E1-F-17 anos). Outro fato relatado foi que estava se sentindo atraída por outro jovem da escola e declarou que nada tinha acontecido entre ambos ainda, além de olhares.

Um jovem da escola pública declarou que, na noite anterior à entrevista, tinha frequentado uma casa de prostituição: *“Não foi com uma menina assim de ficar, foi num... ‘puteiro’. Meus amigos me chamou. Aí eu falei ‘Ah, então vou, então’”*. (5- E1-M-16 anos). Nessa relação, foram cobrados R\$ 20,00, por 20 minutos. Ele descreveu o local como uma casa comum, não identificada externamente, e que funcionava no período da tarde. As meninas desfilavam com roupas íntimas ou muito curtas e os jovens podiam escolher a jovem de sua preferência e, após a escolha, a própria jovem encaminhava o cliente até o quarto.

Quanto à sua preferência, o jovem declarou que prefere as jovens com quem fica, mas afirmou que nunca namorou até então. O jovem já foi em casas de prostituição cinco vezes, não porque gostava, mas porque seus colegas o convidaram.

“Ah tipo, eu faço isso, tipo, não porque eu gosto assim... Só que os moleques me chama, aí eu sempre vou, eu acho bom

também, só que não é mesma coisa de pegar uma menina assim... Entende? Com calma, não tem aquela negócio de tempo, dinheiro... Entendeu?” (5- E1-M-16 anos)

Ele declarou que vai frequentar a casa de prostituição enquanto for solteiro e pretende parar quando encontrar “a mulher certa”.

“Ah, eu to no “puteiro” enquanto eu sou solteiro, sabe. Solteiro, pra ficar zuando, curtir a vida. Entendeu? Ai, tipo quando eu arrumar a mulher certa assim, eu paro.” (5- E1-M-16 anos)

Três jovens da escola pública confirmaram as influências dos princípios religiosos na iniciação sexual. Um jovem demonstrou remorsos por ter tido relações sexuais e ir contra a religião de sua família, cujos membros são evangélicos e não permitem relações sexuais antes do casamento. Ele gostaria que a família aceitasse suas vivências, mas “como isso não vai ocorrer”, preferiu não comentar com os seus familiares sobre suas experiências sexuais: *“Gostaria que eles me ajudassem né, liberassem isso pra mim, mas não dá, então deixa quieto.” (6- E1-M-17 anos).*

Outro jovem entrevistado (12) da escola pública, que era virgem, afirmou que sentia vontade de ter relações sexuais, mas desejava realizá-las somente após o casamento: *“Sinto vontade, também, ao mesmo tempo me sinto bem e me guardo pra depois do casamento.” (12- E1-M-17 anos).* Achava que isso era correto, porque era uma forma de valorizar o casamento perante a sociedade: *“Ah, porque é o certo né, assim nós vivemos na sociedade que tanto faz ser casado... ter relação sexual após o casamento, ou antes, mas pra mim o certo é depois do casamento.” (12- E1-M-17 anos).*

Sua família era evangélica, mas falou que pensava assim não só pelos princípios religiosos, mas também pelos ensinamentos recebidos de sua mãe: *“Tem um pouco pela religião e também tem um pouco da minha mãe que também me ensina sobre isso. Ela falou que é melhor você se guarda pra sua esposa, num sair com nenhuma e aí depois, só depois do casamento” (12- E1-M-17 anos).*

Ele assumiu para os colegas a sua escolha e muitos levam na brincadeira e outros tentaram convencê-lo a ser igual a eles: *“Muitas vezes eles querem que você seja igual eles, né. Muita vez tem uns que já tiveram relação e quer que eu seja diferente ou*

pensando que isso é ser mais maduro” (12- E1-M-17 anos). Ele admitiu que já se masturbou: “Já. É que aí depende dos hormônios. Os hormônios assim dos meninos, é dos meninos, são mais ativos e estão à flor da pele como o médico fala. Parece que eles tem que liberar...” (12- E1-M-17 anos).

Segundo Silva (2008) a abstinência do sexo antes do casamento para os evangélicos é uma construção social e os meninos reproduzem mais a visão ligada ao comportamento a partir dos hormônios e da pulsão. Segundo os resultados da pesquisa de Leite (2001), entre os adolescentes, a masturbação é mais frequente entre os meninos. Em seus resultados, 86% dos rapazes e 31,1% das moças já se masturbaram.

Com relação às práticas sexuais, uma jovem da escola privada relatou que praticou sexo anal e sexo oral, que ocorriam com mais frequência quando não tinha, ainda, praticado relação sexual. *“... isso foi antes. Pelo menos o sexo oral foi antes da gente ter transado assim... Até por ser uma coisa, não rápida ... Não era muito outra opção. Ah, agora com menos frequência eu também não gosto muito” (11- E2- F-17 anos).*

Uma jovem da escola privada relatou o medo que sentia quando pensava em casamento:

“E, às vezes, me bate aquele medo, sabe? Vou casar eu vou ter ficado com um homem na minha vida inteira. E eu queria casar com ele tudo, a gente faz planos pro futuro. Aí, às vezes, me bate aquele medo, mas depois a gente pensa: “ Não é só sexo sabe, tem todas as outras coisas!” Aí o medo vai embora.” (5- E2- F- 17 anos).

Para alguns jovens da escola privada, o sexo não é considerado essencial:

“Conheci outras meninas, mas não cheguei a ter outra relação. Porque pra mim não era... Eu via a relação não como uma coisa necessária, aquela coisa que não é mais legal, vai me dar prazer, essas coisas... Eu vejo mais o sexo como uma ferramenta pra juntar mais duas pessoas” (9- E2-M-17 anos).

Outra jovem da escola privada não teve mais relações depois da primeira experiência sexual, por um período de quatro meses. Isso porque, segundo a jovem, estão “curtindo o momento”, e também devido à dedicação aos estudos, que ocupa muito o tempo dos dois. Segundo ela, o casal não se sente na obrigação de ter relações a todo o momento.

“Então eu acho que sei lá... Eu acho que a gente ainda ta curtindo muito esse momento, foi uma felicidade que está se estendendo eternamente assim. “Nossa é incrível!”Tipo, não é que a gente precise “Nossa meu se a gente não transar essa semana meu a gente vai morrer!”É tipo, também não é que a gente tenha tempo sobrando. “Humm, o que a gente vai fazer?”. “Sexo”. Não a gente estuda pra caramba!”(4- E2- F- 17 anos).

4.2 Impressões e Fantasias Sexuais:

Tanto na escola pública como na escola privada, alguns jovens demonstraram certa dificuldade em relatar suas fantasias. Dois jovens, de cada escola, falaram que não possuíam fantasias sexuais, sendo que uma jovem justificou a ausência dessas fantasias por seu relacionamento ser tradicional e estar, ainda, em período de descoberta: *“É, eu não sei, a gente nunca pensou assim: “Ah, vamos fazer no cinema, vamos colocar uma fantasia!”Não, isso nunca. Eu acho que sei lá, a gente gosta do tradicional” (4- E2- F- 17 anos).*

Outros três jovens da escola privada afirmaram que não tinham fantasias sexuais, mas sim, o desejo de ter um tempo a sós com o(a) parceiro(a), com mais privacidade. Essas necessidades não foram destacadas pelos jovens da escola pública.

“Ah, não exatamente uma fantasia. Mas, eu sou, acho que não com outra pessoa, com ele, com a pessoa que eu to agora, acho que eu gostaria de poder ta mais tempo junto, ter uma cama nossa... Essas coisas assim de afetividade mesmo, de ta junto, de poder curtir um dia inteiro e essas coisas. Mas fantasia, fantasia assim, não” (5- E2- F- 17 anos).

Uma jovem da escola privada relatou como única fantasia a vontade de ter relações sexuais na praia, mas demonstrou como se fosse algo sem muita importância: *“Sim. Ah... Não sei se eu gostaria de fazer... Mas já passou... assim na praia, acho que é um clima assim, de romance”* (7- E2- F-17 anos).

Já outros jovens demonstraram uma naturalidade maior para expressar suas fantasias e, entre as fantasias realizadas pelos jovens, ir ao motel foi a fantasia mais citada, em ambas as escolas. Essa fantasia foi realizada por uma entrevistada da escola pública e por um jovem da escola privada. Ela acrescentou que realizou fantasias de ter relações sexuais em vários lugares de sua casa. Além de fazer a fantasia de ir a um motel, uma jovem da escola pública relatou também a vontade de ter relações sexuais dentro de um carro.

“Então quando eu tava morando em outro lugar com a minha mãe, a gente fazia lá porque não ficava ninguém. Mas também ele já me levou no Motel, mesmo sendo menor de idade, a gente conseguiu entrar” (2- E1-F-16 anos)

“Ah, sempre em... Ou na casa dela assim que não tem ninguém, ou na minha casa. Teve uma vez que a gente foi no motel. Ah nossa! Foi uma vez na minha casa que não tinha ninguém assim, foi na sala, depois foi no quarto, depois foi na cozinha” (6- E2-M-17 anos)

“Ah, até gostaria de ir [ao motel], mas só que como eu sou de menor, eu fico meio assim, sei lá, às vezes, me pegam. Eu fico meio assim, então ele resolve não ir. Fala: “Melhor não ir, né”. Aí no ano que vem que eu já sou de maior a gente vai” (3- E1-F-17 anos)

Entre os jovens entrevistados foram citados outros lugares variados, como escolhidos para a realização de fantasias. Foram relatadas, por um jovem da escola privada, as fantasias de ir a uma sauna e de ter relações sexuais com uma menina loura, uma vez que sua namorada era morena. Além disso, ele já se imaginou tendo relações sexuais com outras pessoas, enquanto estava com sua namorada e, também, ter relações sexuais em posições diferentes das praticadas com a namorada.

“Pensar numa coisa que eu queria fazer... Ah sei lá um 69 assim... Ah, que ela é meio tímida, ela é difícil... (6- E2-M-17 anos)

“Ah, na piscina... No elevador! Nossa eu me acho louca quando penso nessas coisas! Foi rápido assim, só pra gente dá risada depois e ter uma história pra contar, a gente sempre faz as coisas. A gente já foi no drive também, porque ele dirige” (5- E2- F- 17 anos)

A escola também foi citada como um local desejado para a realização de fantasias por um jovem de cada escola:

“A única coisa que eu tenho é de fazer sexo na escola... Sei lá, na sala assim... Todo mundo no intervalo e eu na sala...” (5- E2- F- 17 anos)

“Lógico que eu [virgem] também tenho vontade, faz parte, é hormonal, a gente esta crescendo, numa boa”. E, em relação às fantasias, citou algumas como: ter relação num canto, meio descoberto, no carro... Ahhh, até na escola, se for pensar, sei lá, no banheiro da escola” (2- E1-F-16 anos)

Dois jovens da escola pública citaram a utilização de determinadas vestimentas e lingerie como fantasias e fetiches sexuais:

“Tenho a vontade que ela usasse espartilho e ficasse assim sedenta, ficasse com desejo. E o outro fetiche que eu tenho é que ela usasse branco, não na nossa lua de mel, mas quando a gente casasse, quando a gente fosse viajar”(10- E1-M-20 anos)

“A única coisa que eu tinha assim era de ir pro Motel ou de vestir fantasia... ah, não sei, eu gosto de bombeiro, é divertido” e com relação ao rapaz “A única coisa que eu gosto

assim de menino é vestir cueca preta. Eu tenho esse fetiche, desde cedo” (2- E1-F-16 anos)

A fantasia de ter relações com uma menina virgem apareceu na fala de um jovem da escola pública:

“Que eu queria ter ficado com uma menina já virgem, entendeu? Por quê? Porque a menina vai conhecer, ela tá na fase de mais carinho, mais carência. Não pelo fato de, poh meu, vou me aproveitar dela, não, porque vai ser um momento único pra ela. Entendeu? Não vai ser uma coisa, poh, não vai ser igual aos outros caras, entendeu?” (10- E1-M-20 anos).

Um entrevistado da escola privada destacou o fato de assistir a filmes pornográficos como uma ferramenta que serve de inspiração para a criação de fantasias sexuais.

“De pensamento, de pensar em fazer, acho que até a gente pensa. E a gente vê através de filme, por exemplo, a gente acaba tendo, olhando e falando: Nossa será que isso é legal, será que isso não é? Mas nunca tipo tive uma... A única coisa que eu fantasio é justamente do sexo. Mas de algo a mais só pelo filme assim...” (9- E2-M-17 anos).

Outro jovem da escola privada afirmou que tinha a fantasia de ter relações sexuais com atrizes famosas e com pessoas com as quais isto seria impossível:

“Eu acho que nada além do, da maioria do comum, de pessoas “Ah de atrizes famosas...” De pessoas que você vê que seria praticamente impossível você ter relações sexuais, você idealiza. Em relação ao local tinha o fetiche de transar na piscina, mas já realizei!” (12- E2-M-17 anos).

A afetividade foi demonstrada como um fator importante para a realização de fantasias, bem como os princípios religiosos as impediam.

Um jovem da escola pública, que não teve sua iniciação sexual devido aos princípios religiosos, declarou que a sua única fantasia estava relacionada à lua de mel com a noiva: *“Eu já imaginei a noite de núpcias assim, na própria casa, viagem, hotel...”* (12- E1-M-17 anos). Um jovem virgem da escola privada imaginava que a sua primeira relação sexual seria com uma pessoa com quem tivesse uma boa relação afetiva: *“Relação sexual, fazer com uma pessoa que eu goste, que eu admire, que eu tenha relação, um negócio legal, um negocio especial”* (2- E2-M-17 anos). Outro jovem da escola privada declarou que a sua fantasia era viajar com a namorada: *“Ah sim, com ela tudo bem assim... Não, normal, de viajar junto pra algum lugar e não sei..., esse tipo de coisa assim... Mas normal, nada muito...”*(10- E2- M-17 anos).

4.3 Uso de Anticoncepcionais:

Entre os 20 jovens sexualmente ativos das duas escolas, 19 relataram que usavam métodos anticoncepcionais. Os 10 entrevistados da escola pública afirmaram que usavam métodos contraceptivos, sendo que três utilizavam somente preservativo, três exclusivamente o anticoncepcional oral e quatro afirmaram que usavam os dois métodos juntamente. Apenas um jovem, entre todos, relatou que não usava nenhum método contraceptivo por escolha dele e da namorada: *“[Não usamos] nenhum, porque eu já não gostava de camisinh e, ela já não podia tomar anticoncepcional”* (10- E1-M-20 anos).

Entre os 9 jovens sexualmente ativos da escola privada, todos afirmaram usar métodos contraceptivos, sendo que três usavam somente preservativo, dois, somente pílula, e quatro usavam anticoncepcional oral e preservativo.

Entre os 20 jovens sexualmente ativos, 19 deles declararam usar métodos anticoncepcionais, sendo que sete de cada escola afirmaram usar o preservativo. Reportando aos dados da última edição da PCAP (2008), constatamos que os mesmos demonstram que os jovens, hoje, têm comportamento sexual mais seguro.

Os métodos anticoncepcionais mais conhecidos e utilizados em ambas as escolas foram a pílula e o preservativo, o que é confirmado pelos resultados das pesquisas dos autores Camargo (2009), Leite (2001) e Romero (2008).

Uma jovem da escola pública afirmou que tomava pílula e que, às vezes, o seu namorado não usava o preservativo: *“Não a gente já fez sem, mas a maioria das vezes, quando tem, a gente usa. Ele é muito protetor, assim ele fica muito na neura quando faz sem camisinha, por mais que eu tome remédio...”* (2- E1-F-16 anos).

O fato de não usar sempre o preservativo está associado ao sentimento de confiança entre os parceiros, bem como ao tempo de duração do namoro, como afirma Alves (2009).

Segundo a pesquisa PCAP (2008), quando os jovens têm uma relação mais estável, as meninas passaram a usar a pílula e os meninos não usaram preservativos. Os dados mostram que apenas 25,1% delas utilizam a camisinha com regularidade; entre eles, o percentual é de 36,4%. Isso demonstra que as meninas estão mais vulneráveis ao HIV. Cinco das meninas entrevistadas, sendo duas da escola privada e três da escola pública, relatam que os seus parceiros deixaram de usar preservativo a partir do momento em que consideravam a relação estável.

As jovens da escola pública foram sozinhas, sem a presença da mãe, ao posto de saúde à procura de orientação do ginecologista após a iniciação sexual: *“Não, a gente só usava camisinha. Aí depois da primeira relação sexual, uma semana depois, eu fui no ginecologista e comecei a tomar [pílula]”* (7- E1-F-16 anos).

Enquanto isso, três jovens sexualmente ativas da escola privada procuraram as mães antes da iniciação sexual e pediram para levá-las ao ginecologista para serem orientadas quanto ao uso de anticoncepcional. Uma das mães reagiu de forma assustada ao pedido da filha, como afirmou a jovem: *“Meu, se for pra gente transar não vai ser sem pílula nem sem camisinha. Então, com a minha mãe eu falo muito. Quando eu pedi pra tomar pílula, ela ficou meio assustada...”* (4- E2- F- 17 anos).

Entre as jovens da escola privada, foi demonstrada uma maior preocupação com uma possível gravidez do que em relação às jovens da escola pública. Duas jovens da escola privada relataram a preocupação com o uso de anticoncepcional oral e de preservativo, quando iniciassem sua vida sexual, para evitar a gravidez na adolescência.

“Porque a gente começou a conversar disso e a gente achou: Meu, se for pra gente transar não vai ser sem pílula nem sem camisinha. Então, eu já comecei a tomar, até pro meu corpo ir se acostumando porque não é uma coisa que de um dia pro

outro seu corpo se acostuma. Sim, mas isso já faz muito tempo. Foi uns seis meses...” (7- E2- F-17 anos).

“Eu já tomava pílula, já tinha conversado com a minha mãe sobre isso. A gente já tinha ido ao médico, eu já tomava pílula. E camisinha também. Porque eu sabia que uma hora ou outra ia acontecer. E eu, minha prioridade assim é se prevenir porque eu quero ter filho na hora que eu decidir ter filho” (5- E2- F- 17 anos).

O vínculo afetivo e amoroso com a mãe, bem como a abertura de diálogo entre pais e filhos, serve de estímulo para o uso de cuidados que geram maior proteção, como afirma Taquette (2008) em sua pesquisa.

Algumas jovens têm dificuldades de diálogo sobre anticoncepção com os pais. Uma jovem da escola privada demonstrou receio em relação à reação dos pais quanto à sua iniciação sexual e, por isso, adiou por um ano e meio a conversa com a mãe. Quando a escola promoveu uma viagem com os alunos, na qual iria com o namorado, a mãe levou-a ao ginecologista. Naquele momento, achou oportuno falar com a mãe sobre prevenção. Outras duas jovens, também da escola privada, começaram a utilizar o anticoncepcional oral por iniciativa própria.

“Eu fiquei meio assim por quão cedo eu fiz, de ser no começo do primeiro colegial, fim da oitava... Até hoje a minha mãe não sabe quando eu fiz. Ela sabe que eu fiz, mas eu nunca quis contar pra ela que eu fiz cedo, sei lá por medo de repressão, sei lá, mas...”(11- E2- F-17 anos)

“Eu não falei e eu comecei a tomar[anticoncepcional]... Eu só ia no ginecologista assim periodicamente, eu comecei a tomar pílula só falando com o ginecologista, sem falar com a minha mãe. E, na verdade, eu fiquei com medo de contar pra ela que, no começo ela não era... Não aceitava. Quando ela descobriu ela ficou muito chateada, muito brava” (8- E2- F-17 anos)

Entre os meninos entrevistados na escola pública, quatro afirmaram que receberam dos pais orientações para o uso de preservativo “*É acho que sim, sempre tem aquela participação da mãe: “Se cuida, usa camisinha... Sempre tem essas coisas”*” (4-E1-M-18 anos). Apenas dois jovens (meninos) da escola privada afirmaram ter recebido orientações dos pais sobre a utilização de preservativo:

“Mas, com a minha família sempre foi abordado, desde que eu era pequeno” (9- E2-M-17 anos).

“Parte delas[das orientações] acredito que sim, grande parte delas acho que foi pela educação da minha mãe e do meu pai” (12- E2-M-17 anos).

A relação entre pais e filhos torna-se às vezes difícil, mas não irrealizável como afirma Augusto (2005). Existe um distanciamento entre os adultos que aparecem, muitas vezes, como portadores da experiência, e os jovens, que aparecem como portadores de inexperiência. Essa é a realidade dos jovens entrevistados que não dialogam com os pais, devido aos receios quanto às atitudes e reações desses pais em relação as suas vivências sexuais.

Quando questionados se já tiveram relações sexuais sem preservativo, dois jovens da escola privada e quatro jovens da escola pública afirmaram que sim, sendo que dois deles disseram que tal fato aconteceu somente na primeira relação, que não foi planejada.

Esses resultados vão ao encontro da pesquisa de Romero (2008), que constatou uma baixa frequência no uso de métodos anticoncepcionais na iniciação sexual, que é, na maioria, impulsionada pelo desejo.

Em contrapartida, um jovem da escola pública afirmou que usou preservativo somente na primeira vez, pois não gosta de usar: “*Eu só usei uma vez camisinha com ela, que foi na minha casa*” (10- E1-M-20 anos).

Um jovem da escola privada relatou que não usou preservativo por duas vezes com diferentes parceiras e foi orientado pelo pai, que é médico, sobre a utilização da pílula do dia seguinte para a prevenção de uma gravidez indesejada. Na segunda vez, ele comprou o medicamento por iniciativa própria, destacando que, nas duas vezes, a preocupação em usar e comprar a pílula do dia seguinte partiu dele e não das meninas.

“Aí eu fui na farmácia comprar pílula do dia seguinte. Nos dois casos. É mas... Eu fiquei mais preocupado, nos dois casos, do que a menina. É a vontade de comprar a pílula, na verdade, foi minha. Ela estava...” Ah, não precisa e tal...” Mas aí eu achei melhor... Por questão, né... Tomei a iniciativa” (12-E2-M-17 anos).

O relato deste entrevistado vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Bataglião (2011), que evidenciaram que a utilização do método contraceptivo de emergência ocorre de forma recorrente, devido ao não uso de qualquer outro método regular.

Sem o uso de preservativos, alguns jovens tomam atitudes arriscadas quanto à prevenção de doenças e gravidez. Como relatou um jovem da escola privada, durante o namoro, ejaculou ao trocar carícias com sua namorada e, como não estava com o preservativo, procurou ficar longe do corpo da menina: *“A gente costuma ficar mais longe e quando eu sinto que pode ser que aconteça ejaculação, eu tento me afastar um pouco dela, pra justamente ter esse maior cuidado” (9- E2-M-17 anos).*

6 . ANOTAÇÕES FINAIS:

A abordagem sobre o jovem e sua relação com a sexualidade vem ganhando relevância, tanto no campo da educação como no campo da saúde. Entretanto, os estudos realizados revelaram que, mesmo com as políticas públicas atuais, existe um distanciamento entre as necessidades e a oferta de programas na área da sexualidade para a juventude.

A falta de informação dos jovens entrevistados sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e sobre sexualidade de um modo geral reforça a necessidade de capacitação dos profissionais da saúde e da educação. Evidencia-se, neste sentido, que é necessário, portanto, um maior investimento nas políticas públicas, para que sejam feitas mais campanhas atuantes nessa área e para que seja possível a formação tanto de professores e profissionais da saúde quanto das famílias dos adolescentes.

A análise das entrevistas com os jovens confirma que o tema sexualidade, tanto na escola pública como na escola privada, não é abordado de forma sistematizada, embora esteja contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) desde 1998 como um dos temas transversais. No Ensino Fundamental, nas duas escolas onde esta pesquisa foi realizada, o tema é abordado na disciplina Ciências e, no Ensino Médio, na disciplina Biologia. Neste sentido, observa-se que não há o cuidado com a educação sexual, mas, sim, com a consecução do programa de ensino.

Todos os jovens entrevistados consideram que é necessário abordar a temática de maneira mais aprofundada no Ensino Médio e sem tabus. Segundo eles, existe um despreparo dos professores para falar sobre sexualidade, além de um distanciamento entre suas expectativas e o que a escola oferece sobre o assunto.

Os entrevistados de ambas as escolas sugeriram que o tema da sexualidade deveria ser trabalhado de forma diferenciado das aulas tradicionais, ou seja, através de dinâmicas e debates, o que propiciaria a ocorrência de uma maior integração entre os jovens. Sugeriram, ainda, a realização de palestras, de reuniões de discussão, e a criação

de um espaço na escola para o atendimento individualizado, em que os jovens pudessem discutir, apresentar suas dúvidas e, para os mais tímidos, de forma anônima.

Em relação à busca de informações sobre sexualidade, os jovens entrevistados geralmente procuram os amigos para falar sobre o tema. Em menor proporção, procuram informações com a família, na internet, com o ginecologista, em programas de TV, em livros e em revistas especializadas no assunto. O tema é tratado entre eles com um tom de malícia e brincadeiras e muitos têm vergonha de falar sobre sexualidade com outras pessoas que não sejam seus amigos. As informações sobre prevenção de doenças não são destacadas entre os temas que os jovens trocam entre si.

Foi demonstrado que as entrevistadas da escola privada têm preocupação com a gravidez e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Entre os métodos contraceptivos mais utilizados pelos jovens das duas escolas estão o preservativo e a pílula. A maioria dos jovens sexualmente ativos declarou que usava métodos anticoncepcionais, mas seis jovens afirmaram que tiveram relações sem o uso de preservativo. Portanto, constata-se que a prática sexual entre alguns jovens entrevistados não obedece às orientações dos órgãos de saúde e prevenção das DSTs.

O diálogo sobre o tema nas famílias é difícil e a maioria demonstrou ter grandes dificuldades de relacionamento com os pais. A mãe, em geral, é a pessoa com quem os jovens mais dialogam, mas a maioria sente que o assunto não é abordado com naturalidade. A família dos jovens sexualmente ativos sabe que eles têm relações sexuais, mas preferem fingir que não sabem e não falam sobre o assunto, principalmente, entre os jovens da escola privada. Os jovens da escola pública e que são de famílias de evangélicos têm na religião mais um fator que agrava o distanciamento entre eles e os pais, uma vez que o assunto sexualidade se converte em tabu, sendo reprimido quando surge.

Quanto às diferenças entre os sexos em relação ao tema sexualidade, elas ficam mais evidenciadas entre os jovens da escola privada: para os jovens entrevistados do sexo masculino falar sobre a sexualidade é mais natural e existe uma pressão entre os amigos com relação à perda da virgindade. Já as meninas são mais recatadas e é possível identificar na fala delas a existência de um preconceito em relação à idade da iniciação sexual. Além disso, foi evidenciada, principalmente entre os jovens da escola privada, a presença de tabus sobre virgindade e homossexualidade, em especial, a masculina.

As entrevistas feitas durante esta pesquisa também apontaram semelhanças entre os jovens da escola pública e os jovens da escola privada quanto à definição dos termos “ficar” e “namorar”. *Ficar* representa uma relação maleável e flexível, sem compromisso, sem ligação e afetividade; *namorar* significa compromisso, uma relação séria, que implica em ter uma pessoa fixa, que exige respeito e um envolvimento afetivo.

Entre as motivações para a iniciação sexual foram destacadas pelos jovens entrevistados a curiosidade e o desejo da descoberta. Para a maioria, a iniciação sexual foi algo novo, natural e agradável. Tanto a afetividade como o diálogo sobre o tema entre os parceiros foram salientados como sendo importantes, para que a relação sexual fosse possível, principalmente, para as meninas. Para alguns jovens da escola privada, o sexo não é considerado essencial e a dedicação aos estudos ocupa muito o tempo deles. Todos os jovens de ambas as escolas, no entanto, tiveram sua primeira relação sexual na sua própria casa ou na casa do(a) namorado(a) e a maioria das iniciações sexuais dos entrevistados não foi planejada.

As descrições que os jovens das duas escolas fazem sobre as questões relativas à sexualidade demonstram que é importante a implantação de programas de educação e orientação sexual nas escolas. Através desses programas, deverão ser promovidos constantes debates de temas sobre saúde sexual e métodos reprodutivos, voltados não somente para os alunos, mas, também, para os pais e para os professores.

Nesse processo, portanto, são essenciais a conscientização e a preparação dos pais e dos professores, para que estes possam responder as dúvidas dos adolescentes e orientá-los no sentido de perceber a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, e que se expressa no ser humano em todas as fases de sua vida.

Os dados apresentados e analisados por esta pesquisa apontam, ainda, que uma educação sexual, vista desta forma, poderá resultar em práticas sexuais mais responsáveis, que se refletirão positivamente no debate de temas relacionados à sexualidade, no uso adequado de métodos contraceptivos, nas taxas de fecundidade e na proteção às DSTs/HIV.

7. ANEXOS:**ANEXO1- MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA 1- (PÚBLICA)**

Bairro: Vila Califórnia

Área: 9,9 km²

Densidade: 97,42 hab./há

Subprefeitura: Vila Prudente

Distrito de Prudente e arredores

População: (49°) 96.441 hab. (**2010**)

Renda média: R\$ 1.345,63

Região Administrativa: Sudeste

Censo(2010)

ANEXO 2 - MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA 2 (PRIVADA)



Bairro: Cerqueira Cesar

Área: 3,7 km²

Densidade: 121,60 hab./há

Subprefeitura Sé: Região Administrativa Centro

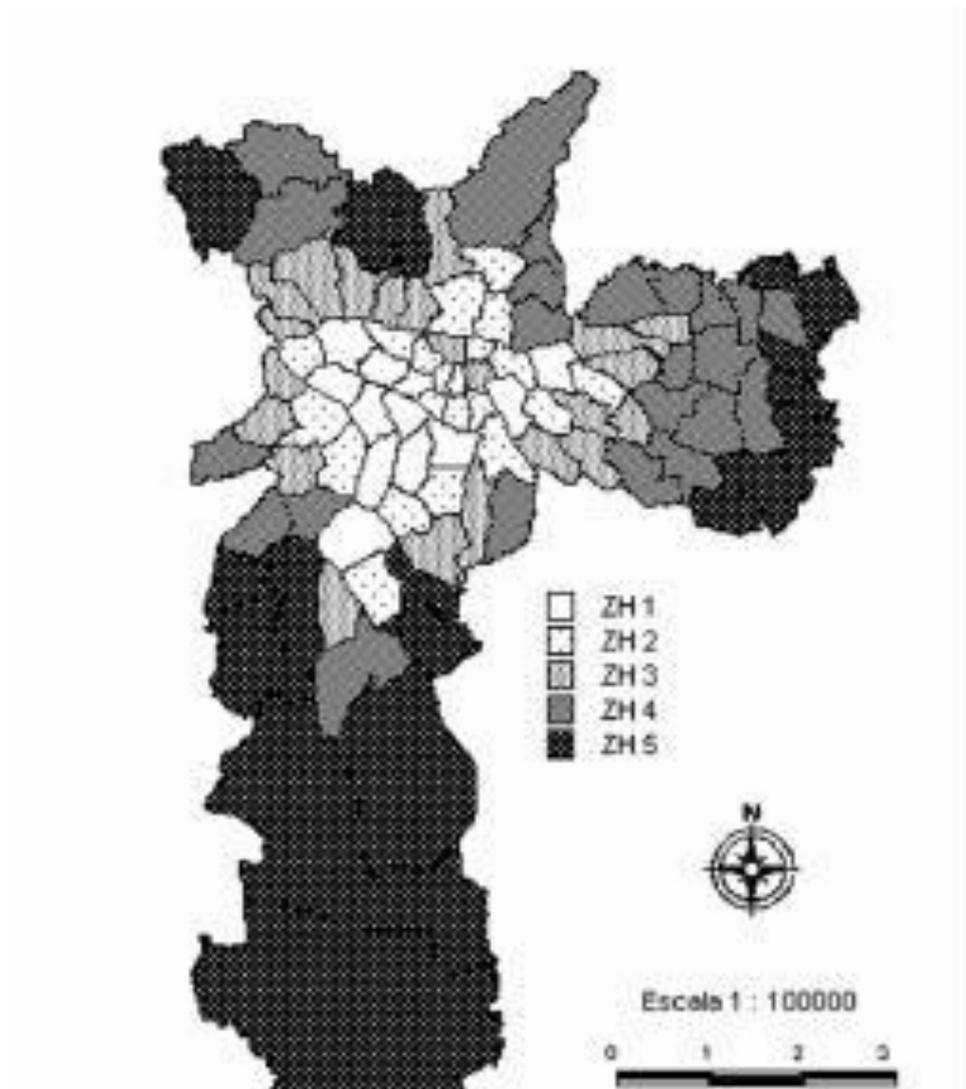
Distrito da Consolação e arredores

População: (81°) 44.99hab. (**2010**)

Renda Média: R\$ 4.094,68

Área Geográfica: Centro Expandido

Censo(2010)

ANEXO 3 - MAPA DA JUVENTUDE DA CIDADE DE SÃO PAULO-2003

Bousquat (2003)

Zonas Homogêneas Juvenis:

ZH1 é aquela que reúne os distritos com as melhores condições para os jovens, e a ZH5, as piores condições. A escola privada localiza-se na ZH1 e a escola pública localiza-se na ZH3.

Na construção do Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo-2003, realizado com a pesquisa de Bousquat (2003), “os 96 Distritos Administrativos do município foram divididos em 5 grupos, denominados de Zonas Homogêneas (ZH), cada uma delas agrupando um conjunto de distritos com perfis semelhantes do ponto de vista da inserção do jovem naquela realidade. A identificação dos distintos perfis dos distritos se baseou na elaboração de um indicador composto, denominado *Indicador Composto Juvenil*, construído a partir das seguintes variáveis:

- Percentual da População Jovem do Distrito.
- Taxa Anual de Crescimento Populacional do Distrito entre 1991 e 2000.
- Percentual de Mães Adolescentes no Total de Nascidos Vivos.
- Coeficiente de Mortalidade por Homicídios na Faixa Etária de 15 a 24.
- Percentual de Jovens que Não Frequentam Escola.
- Coeficiente de Viagens por Motivo de Lazer, por Distrito.
- Índice de Mobilidade da População de 15 a 24 anos.
- Valor do Rendimento Médio Mensal Familiar.”.

ANEXO 4 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital São Paulo

São Paulo, 22 de Outubro de 2010.

CEP 1300/10

Ilmo(a). Sr(a).

Pesquisador(a) LILIA MARIA ROSADO DA FONTOURA

Co-Investigadores: Mara Helena de Andrea Gomes (orientadora)

Disciplina/Departamento: Epidemiologia/Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São

Paulo

Patrocinador: Recursos Próprios.

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA INSTITUCIONAL

Ref: Projeto de pesquisa intitulado: “Sexualidade segundo jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2010-2011”.

CARACTERÍSTICA PRINCIPAL DO ESTUDO: Observacional.

RISCOS ADICIONAIS PARA O PACIENTE: Sem risco, sem procedimento invasivo.

OBJETIVOS: Levantar junto aos adolescentes, informações relacionadas à sua sexualidade, como métodos

anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Levantar dados sobre o papel atribuído à família

e à escola no tocante da sexualidade e da orientação sexual. Comparar os resultados obtidos nas diferentes escolas investigadas.

RESUMO: Estudo descritivo e exploratório, com grupos de adolescentes matriculados na 3ª série do ensino médio de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo. A pesquisa será realizada em duas escolas públicas e duas privadas. A pesquisa será realizada em 4 escolas de São Paulo, sendo duas da rede particular, Colégio São Luis e Colégio Marista Arquidiocesano e duas escolas da rede pública estadual, EE Deputado Silva Prado Maria e EE Prof Brisabella Almeida Nobre, na zona leste.

FUNDAMENTOS E RACIONAL: Questões relacionadas à sexualidade nem sempre são abordadas de modo a

proporcionar as opiniões dos próprios jovens, os quais estão mais sujeitos a cobranças, como disciplina e obediência, do que às orientações para enfrentar desafios cotidianos.

MATERIAL E MÉTODO: Apresenta o instrumento utilizado na coleta de dados da pesquisa.

TCLE: Foi apresentado justificativa para isenção do termo de consentimento livre e esclarecido dos pais.

DETALHAMENTO FINANCEIRO: Sem financiamento externo.

CRONOGRAMA: 12 meses.

OBJETIVO ACADÊMICO: Mestrado.

ENTREGA DE RELATÓRIOS PARCIAIS AO CEP PREVISTOS PARA: **17/10/11 e 16/10/12.**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo **ANALISOU** e **APROVOU** o projeto de pesquisa referenciado.

Rua Botucatu, 572 - 1º andar – conj. 14 - CEP 04023-062 - São Paulo / Brasil

Tel.: (011) 5571-1062 - 5539.7162

21. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido. Nestas

circunstâncias a inclusão de pacientes deve ser temporariamente interrompida até a resposta do Comitê, após

análise das mudanças propostas.

2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.

3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes. **Prof. Dr. José**

Osmar Medina Pestana

ANEXO 5 - Quadros de respostas dos entrevistados da Escola 1 (Pública)

Quadro 1- Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Na escola se fala sobre sexualidade?”

Quadro 2 - Escola 1(Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Como esse assunto é abordado com os professores? “

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“ Na maioria das vezes não, mais entre alunos e tal, mas <u>professores</u> não é assim aquele assunto né... “Ah vamos falar sobre sexologia !” É, mas são mais alunos, a gente conversando entre si: ” Ai meu namorado, marido e tal...”, mas não é aquela coisa certinha, não dá aquele ensinamento.”
2-E1-F 16 anos	“Ah com todo mundo, todo mundo comenta o que faz no feriado, ai tipo vai... foi pra um baile funk, ai comenta o que fez no baile funk, o que acontece no baile funk.”
3-E1-F 17anos	“A gente da risada. Um conta: “Ah! foi assim com o namorado a primeira vez...” Como foi? O que aconteceu no final de semana? Um fala as coisas assim...”
4-E1-M 18 anos	“Se fala mais em linguagem dos jovens mesmo. Entre nós, e os <u>professores</u> só... Raramente.”
5-E1-M 16 anos	“Ah, tipo entre os moleques lá a gente sempre fala como é que foi, quando a gente faz assim...”
6-E1-M 17 anos	“Eu falo com meus amigos, as minhas amigas elas falam ente si... O que eles fizeram ontem, o que fizeram a semana passada, essas coisas...”
7-E1-F 16 anos	“Fala, não é sempre, continuo, mas sempre tem... Quando possível vem um <u>palestrante</u> , fala sobre, dá instruções sobre uso de camisinha, essas coisas. Que eu me lembre foi na oitava série.”
8-E1-F 19 anos	“É, falam mais na área de <u>Ciências</u> , na área de <u>Química e Biologia</u> falam bastante. Falam o necessário do que o jovem precisa ouvir hoje.”
9-E1-F 16 anos	“Foi falado uma vez quando eu tava na oitava série, uma aula e nunca mais.”
10-E1-M 20 anos	“Ah, muito pouco, é mais assim pelos alunos, é mais pelos alunos.”
11-E1-M 18 anos1	“Na escola é sempre com formas de brincadeiras, né. A gente começa o assunto, se a gente fala de sexo, todo mundo já começa brincando, entra na brincadeira já.”
12-E1-M 17 anos	“Aprendi na <u>quinta série</u> , que assim, a professora da biblioteca deu uns livros e começou a falar mais abertamente. Na quinta série, só que assim, depois de lá vai diminuindo as falas assim aos poucos.

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	<p>“A gente geralmente pergunta pra professora Elaine que ela é professora de química e de biologia, então ela tem uma forma de falar assim. Quando a gente tava com problema a gente chega nela e conversa ou então ela explica, mas não naquele jeito malicioso, não, ela explica normal, é um assunto agradável.”</p> <p>“Não, eles são mais fechados, nem quando a gente faz uma brincadeirinha assim, eles são mais fechadão, não falam sobre o assunto.”</p> <p>“Só se surgir o assunto.”</p>
2-E1-F 16 anos	<p>“Bom, eu particularmente eu me abro muito com professor, qualquer dúvida desse assunto eu procuro, porque ginecologista eu vou, só que eu não me sinto muito a vontade. E com professor com eu já conheço faz anos ai eu consigo me abrir mais.”</p>
3-E1-F 17anos	<p>“Sim, eles falam, muitas vezes. Que nem a professora de química, falou de doenças sexualmente transmissíveis esses dias. Falou sobre o nosso corpo, as mudanças que tem nessa idade. Eles comentam muito isso.</p> <p>Só quando a gente conversa mesmo, porque os professores mesmo eles não tocam no assunto, se agente perguntar, ai eles falam.”</p>
4-E1-M 18 anos	<p>“É, ai o professor explica , né. Como não adquirir doenças, essas coisas... Ah, alguns ou outros, uns ou outros, não é todos.”</p>
5-E1-M 16 anos	<p>“A quando a gente fala, de vez em... a maioria das vezes a gente fala sempre baixo. Sabe? Entre nós assim e o professor praticamente nem escuta.</p> <p>Eles não fala nada... Eles falam “olha...”. Porque quando a gente fala nesses negócios sempre rola um palavrão ou outro. A única coisa que eles falam é chamar atenção pra não ficar falando muito alto também.”</p>
6-E1-M 17 anos	<p>“Sim, a professora de química, ela ajuda, ela explica as coisas, fala como que faz tal.</p> <p>Ela ajuda o que está certo o que está errado, ela da opinião dela a gente da a nossa.</p> <p>Só a professora de química, os outros já...”</p>
7-E1-F 16 anos	<p>“Não, a gente não comenta muito com os professores. Os professores mais é pra matéria. A gente comenta mais entre a gente, os professores ficam mais de fora.”</p>
8-E1-F 19 anos	<p>“Não, não são todos os professores, é mais de matéria pra matéria. A gente aprende mais sobre sexualidade mais na área da Biologia. Como agora no ensino médio a gente está aprendendo mais sobre plantas animais essas coisas, então é mais na área fundamental mesmo que fala mais sobre sexualidade.”</p>

9-E1-F 16 anos	Em nenhum momento foi falado.
10-E1-M 20 anos	“Quando tava no segundo ano, acho que é, no segundo ano bem no finalzinho já. Fundamental também, muito. Fundamental mais na parte de Ciências assim, quando todo mundo tava aprendendo o corpo humano, né. A professora acaba falando sobre espermatozóide essas coisas, a gente até teve uma palestra sobre o uso da camisinha e tal, né.”
11-E1-M 18 anos	“Professores pra mim, não tantas vezes, mas a professora explica, conforme o passar do tempo ela explica as coisas que... Tem professores que até relevam, mas tem professor que já não gosta pede pra parar por causa que é muita gíria que o povo fala, muito palavrão. Nem todos, não são todos. Mais Sociologia é... Química, sempre fala. “
12-E1-M 17 anos	“No ensino médio também fala pouco, não muito não.”

Quadro 3 - Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “O que poderia ser feito para melhorar?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“Acho que deveria ter um professor específico para sexologia, um professor já na área mesmo, não um professor de química dando sexologia, ou um de biologia dando sexologia. Um professor específico pra falar só disso. Só em doenças, só como se prevenir. Sabe... Uma vez a cada mês, não sei, trazer um ginecologista, conversar com todo mundo, explicar, botar como você ta fazendo em uma sala reservada pra todo mundo conversar, ter uma certa liberdade...” “Não assim uma vez lá na quinta série...E acabou não se fala mais nisso. Entendeu, porque sai alunos, vêm uns novos a gente não sabe se naquela escola que ele estudou se passaram isso pra ele, eu acho que isso poderia ser frequente.”
2-E1-F 16 anos	“Eu acho que deveria ter... Acho que essa aula seria obrigatória assim nas escolas porque tem gente que fala que não se cuida por falta de assunto. Acho que se cuidar todo mundo sabe que tem preservativo de graça, remédio é só ir no posto, tem como se cuidar. Só que tipo doença, essas coisas a gente é muito desinformado, tem em site, mas a gente gostaria de entender, porque em site a gente só lê, tem coisa que a gente não entende. Ai o professor explicando a gente entende, a gente procura se informar mais. Eu acho que precisa ter aula, assim alguém explicando, falando, comentando.”

3-E1-F 17anos	“Ah, acho que deveria ter aula sexologia, de doenças né, porque a gente fica meio sem graça de falar pros pais né, porque tem pais que não aceita essa coisas né. Então eu acho que na escola você fica mais livre porque tem seus colegas, então eu acho que deveria ser mais...”
4-E1-M 18 anos	“Ah, os professores explicando tudo, mas bem focado mesmo porque tem pessoas que, sei lá, não gostam de conversar assim... Bem focado pra falar... porque tem muita gravidez agora na adolescência agora, né.”
5-E1-M 16 anos	“Ah, se tivesse uma aula sobre só esse assunto assim ia ser legal também, uma aula especifica É que nem uma aula normal só que falando sobre sexo...”
6-E1-M 17 anos	“Tinha que abrir pelo menos uma sala pra tirar as dúvidas de cada um, porque tem gente que não tem dúvida hoje amanhã pode ter. Com uma pessoa que tenha experiência médica, possa dar orientação, tudo certo.”
7-E1-F 16 anos	“Ah, eu acho que deveria separar tipo um tempo pra um profissional vir, pelo menos uma vez por semana, e conversar com os mais jovens, de quinta a oitava série que são os que tão começando mais agora, que tem cabeça mais fraca sobre o uso de preservativo, anticoncepcionais essas coisas... Pra não ocorrer uma gravidez precoce como aconteceu comigo.”
8-E1-F 19 anos	“Como na sala a gente ta tendo a matéria Sociologia, Religião, eu acho que tinha que separar uma parte, pelo menos uma aula por semana pra isso. Porque tem muita gente com 19, 20 anos que tem dúvidas, mas tem vergonha de buscar saber as dúvidas. Tudo tem na internet hoje, você pode saber de tudo, mas, às vezes, você ta sala, você ta fazendo alguma prova, ta fazendo alguma atividade, mas não exerceu aquela dúvida que você tinha, então eu acho que tem que ter pelo menos uma matéria.”
9-E1-F 16 anos	“Dependendo da idade. Deveria ter o ponto certo né, de se falar, não sair falando tudo também que ... É, é necessário. Talvez por eu não ter tido tanto assim, talvez seja por isso que eu não sei.”
10-E1-M 20 anos	“Ah, diferenciadas, assim aulas dinâmicas, com bastante dinâmica, porque hoje eu vejo, da minha parte, eu gosto muito de dinâmica, entendeu? Gosto bastante de dinâmica porque dá pra se interagir, você não fica preso pra você com você mesmo, tem conversa né. Ah, como se fosse um debate.”
11-E1-M 18 anos 1	“É mais práticas, não prática assim... Mostrando como se deve usar a camisinha, o professor ensinando com cartazes alguma coisa do tipo.”
12-E1-M 17 anos	“É hum, com pessoas instruindo na escola ou tendo uma aula, muitas vezes uma vez por semana. Assim instruindo né, aos poucos porque ai, pelo menos no final do ano letivo aprendeu bastante coisa e sabe sobre

	o assunto.”
--	-------------

Quadro 4 - Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Você recebeu informações sobre esse assunto?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“De ginecologista. A escola deu, mas eu tava, se não me engano, na quinta ou na sexta série, quando trouxeram umas folhas mostrando doenças sexualmente transmissíveis, como usar uma camisinha. Só, mas isso faz muito tempo...No ensino médio ainda não, nunca mostraram nada assim.”
2-E1-F 16 anos	“Pela internet, a internet acho que é o único meio. Tudo bem que tem ginecologista, tem médico, mas sei lá, acho que a internet divulga muito, qualquer dúvida a gente coloca lá e lá mostra, tem imagem, tem tudo.”
3-E1-F 17anos	“Maior da televisão, mais... E com os amigos.
4-E1-M 18 anos	“Meu pai e da escola. Com os amigos de escola.” “Ah, escola só me da informação de como não pegar, mas... só.”
5-E1-M 16 anos	“Ah eu tento buscar sozinho. Sabe? Com os amigos, falar com os amigos assim, ai eu pergunto.”
6-E1-M 17 anos	“A internet...Amigo, professor que também já ajudou.”
7-E1-F 16 anos	“ Não, porque eu acho que isso vem de casa, vem da educação dos pais, não da escola. A escola é pra você aprender, ter uma educação, mas acha que isso vem de casa.Minha mãe. A minha mãe em primeiro lugar porque amigos... Que nem minha mãe fala, meus amigos é ela e meu pai. Porque os amigos se fala uma coisa aqui, chega ali e outro já fala de outro jeito... Aí vai falando, falando, falando, quando vê já está todo mundo sabendo.” “Deveria... Deve né, porque muitos não têm pais que falam sobre o assunto por medo. Tem pais que tem medo de comentar isso com o filho, por isso manda pra escola. Mas eu acho que deveria, sei lá, nos dois ambientes. Tanto na escola quanto em casa.”
8-E1-F 19 anos	“Olha! Eu procuro pessoas experientes, pessoas mais velhas, como procurar a irmã dele, a irmã dele é bem mais velha que ele, tem seus 30 anos, bem mais experiente. Eu converso com ela “Oh Lucia tem alguma dúvida?” Eu pesquiso na internet também ou falo com a ginecologista.Procuro com a minha mãe também.A primeira coisa que procuro é a internet.”

9-E1-F 16 anos	“Amiga, agora a minha mãe e o médico. Eu sempre fui pro médico desde cedo.”
10-E1-M 20 anos	“Meu primo, mas na escola, na escola nem aprendi tanto. Nem aprendi tanto na escola, aprender assim realmente porque... A minha primeira eu já sabia, né. Já assisti muito filme pornô. Entendeu? Era muito...”
11-E1-M 18 anos1	“Não, eu costumo ficar quieto na minha de boa assim, normal... Amigos. Ah, é mais internet mesmo.”
12-E1-M 17 anos	“Ah, eu procurei na internet.”

Quadro 5 - Escola1 (Pública)

Obtenção de informações sobre sexualidade

Fontes de Informações	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Amigos			x	x	x	x			x		x	
Internet		x				x		x			x	x
Família				x			x	x	x	x		
Ginecologista	x	x						x	x			
Escola				x		x	x					
Televisão			x							x		
Sozinho					x							

Quadro 6 - Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Você conversa com sua família sobre suas dúvidas e anseios relacionados a esse tema?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“Ninguém, eu simplesmente deito e choro.” “Mas não teve... Não tem essa... é porque assim a minha mãe ela não tem..., ela não sabe chegar. Ela não tem esse sentimento de mãe, ela não tem essa coisa é minha filha eu vou sentar, vou conversar. Ela nunca teve isso pelo fato de eu vim morar com ela eu tinha 12, 11 anos, quando eu vim morar com ela.”
2-E1-F 16 anos	“Pra minha mãe ela levou na brincadeira. “ Ah! Se ta brincando né?”. Eu falei: “ Não é sério, eu perdi”. Ai ela pensou que era com meu

	namorado, só que eu falei que não era, ai ela meio que ficou em choque, mas depois, minha mãe não é de conversar sobre isso, então pra ela, ela ficou quieta na dela, foi trabalhar... “
3-E1-F 17anos	“A eu comentei com a minha avó neh, porque eu falo mais com a minha vó do que com a minha mãe. A minha mãe trabalha muito pra fora então eu tenho mais contato com a minha avó. “
4-E1-M 18 anos	“ Eu só converso com meu pai pela internet porque ele mora longe. Ai tipo, eu conversava com ele normal, tipo falava o que eu tinha dúvida e ele me explicava.”
5-E1-M 16 anos	“Minha família não. Minha família não fala sobre isso. Ninguém... Não, eu tenho um primo, então a gente sempre fala é que nem aqui na escola, sabe, sempre fala... Só o meu pai. Meu pai a única vez que ele falou pra mim foi me alertar. Entendeu? Ele sempre me alerta. Pra mim sempre usar camisinha, pra coisa de doença, engravidar uma menina também. Entendeu? Esse é o alerta que meu pai me dá. Esse negócio meu pai tem vergonha de falar comigo. Ele não tem coragem de falar sobre sexo. Não, porque o pessoal lá eles são evangélicos né. Só que ai, evangélico é sempre é um pouco mais tímido pra falar sobre essas coisas, ai...”
6-E1-M 17 anos	“Minha mãe nem pode saber disso. Não porque é família evangélica, ela não aceita esse tipo de coisa. Só depois do casamento. E como a gente segue a religião, eu quebrei uma regra dela e da religião.”
7-E1-F 16 anos	“Falei porque eu era muito aberta com a minha mãe, tanto é que ela me levou no ginecologista e disse: “Não, vamos no ginecologista, pra tomar anticoncepcional, pra não acontecer uma gravidez...” Porque ela falou: “Não, você é muito nova, mas é normal porque hoje em dia...” Não, ele sabia porque a minha mãe falou. Eu não falei pro meu pai, mas minha mãe falou, ai senta os dois e conversa.”
8-E1-F 19 anos	“Não, assim eu sou... Eu minha mãe a gente é muito amigas e eu não consigo esconder nada dela. Ai depois de um tempo, depois de dois meses que aconteceu, ai eu contei pra ela. Porque eu sempre fui uma pessoa de família. Nunca fui uma pessoa de ir pra balada, eu nunca tive essa mente aberta pro mundo. Então é sempre da escola pra casa, sempre fui uma pessoa de casa mesmo, então a influencia foi mais pela família. Entendeu?... Pela minha mãe principalmente, foi mais pela família mesmo.”
9-E1-F 16 anos	“Ela também não contou. Ele, eu acho que ele desconfiava, mas também nem falou nada. Só veio ter a certeza assim depois que ele ficou sabendo que eu tava grávida. Senão até hoje eu também não iria falar. Não agora ela ta praticamente grudada em mim. A minha mãe só teve conversa sobre relação, essas coisas depois que ela ficou sabendo que

	eu já tinha perdido [a virgindade] “
10-E1-M 20 anos	“Só com a minha mãe. Pra ninguém, por quê? Como meus pais... Meu pai é pastor de Igreja. O que ele ia falar pra mim? Ele já ia começar a me dar sermão, começar a me dar sermão, ele não ia querer entender algumas coisas...”
11-E1-M 18 anos	“Pra minha mãe.Ela falava pra mim tomar muito cuidado. Usar o métodos certos e tipo depois de um tempo ela falava pra mim falar pra menina falar pra família dela também que ela tava tendo relações sexuais. “
12-E1-M 17 anos	“Com meu irmão mais velho. Ele é casado.Ele respeita as minhas opiniões, também fala que eu to certo.A minha família conversa, mas também é pouco.”

Quadro 7- Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Como foi a aceitação de sua família em relação às suas vivências sexuais?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“Bom, com a minha mãe não, porque minha mãe é muito fechada. Ela sabe, mas ela finge que não sabe, vamos se dizer, eu saio de casa com o cabelo solto, seco e volto com ele molhado. Ela finge que não sabe... não é o cabelo todo, mas isso daqui sabe, a pontinha molhada, alguma coisa assim, entendeu? E ela sabe que eu amo muito ele. Ta o dia inteiro sentado no sofá, do nada os dois saem, fica três horas fora e volta, então ela meio que sabe entendeu? Ela não é boba...”
2-E1-F 16 anos	“Não, meu pai não sabe.Da família dele a única pessoa que sabe é a irmã e a mãe, que eu também converso muito com elas. Agora o pai e o irmão não sabem. Não, mas a porta fica a aberta, ele fica deitado no colo, mas sem nada a mais assim... Não é que ele não permite, é que ele é meio a moda antiga... Ah! Eu falo: “ Cheguei tarde, vou dormir na casa dele.” Eu avisando tudo bem.”
3-E1-F 17anos	“Sim, ele mora em casa agora.Ah! Foi tranquilo sim porque eles conversaram tudo direitinho, minha avó, minha mãe. A minha vó que falou pra ele morar lá porque ele mora longe, ai fica melhor o acesso né...”
4-E1-M	“O pai meu mora longe e tenho contato com ele pela a internet, tenho

18 anos	uma boa relação com a minha família. Ah, me ensinaram a tratar com mais respeito né. Tratar com respeito, educação” ..
5-E1-M 16 anos	“Ele [o pai] não tem coragem de falar sobre sexo. Minha mãe também não fala. Não, porque o pessoal lá eles são evangélicos né. Só que ai, evangélico é sempre é um pouco mais tímido pra falar sobre essas coisas, ai...”
6-E1-M 17 anos	“E como a gente segue a religião, eu quebrei uma regra dela e da religião. Gostaria que eles me ajudassem né, liberassem isso pra mim, mas não dá, então deixa quieto.”
7-E1-F 16 anos	“Não, ela falou: “Também não vai ser assim... Chegar em qualquer lugar e já tá né...” Ela falou:” Eu sei como que é... Eu já passei por isso. Ah, vai ter uma hora que vai acontecer, mas eu quero respeito na minha casa e respeito na casa dele. E quando vocês quiserem vocês dão o jeito de vocês, avisa, sai, vai pra qualquer lugar assim.”
8-E1-F 19 anos	“A reação foi normal, foi: “Nossa a minha filha não é mais aquela menina de antes, agora ela é uma mulher”. Entendeu? Mas ela com a preocupação de mãe falou os cuidados que tem que ter com essas coisas...Então dormir na minha casa ele não pode devido à faculdade e o trabalho dele, fica longe pra ele chegar até lá. Então no final de semana quando eu não trabalho e não tenho nenhum trabalho da escola pra fazer eu vou pra lá e durmo no final de semana.Na minha casa ele não dorme por conta dele mesmo.”
9-E1-F 16 anos	“Ela chorou muito. Perguntou se eu tinha usado camisinha. É... perguntou se ele já tinha feito teste de HIV que eu tinha visto, essas coisas Ele sabia também que eu namorava, mas não sabia da relação. Ah, pra mim nem pra ele, ele não falou nada. Ele sempre... tudo o que ele tinha que falar ele falava pra minha mãe. Sempre, nunca falou nada pra mim. Ah que era culpa dela, essas coisas, sempre culpa a mãe. Não, não cobra, mas também não fala nada... Nem um “oi” pra mim.”
10-E1-M 20 anos	“Não, não. Meu pai... Meu pai, a única vez que ele falou comigo foi sobre masturbação que ele falou: “Ah, que não sei o quê, você sabe que é pecado.” Ai, eu fiquei quieto na hora, não falei nada. Não porque... A minha mãe ela perguntou uma vez: “Você já teve relações?” Eu falei:” Ah, mãe eu tive, eu tive já, eu tive e não vou mentir pra você. Ai ela não perguntou, não entrou em detalhes mais... Meu pai sempre comentou isso “Você não viveu, você não tem vida, você não sabe como é a vida.” Eu falei” Oh pai você não conhece minha vida direito, quando você quiser me conhecer mesmo você chega e conversa comigo, não me julgue.” Ai que eu não conversei

	mais com meu pai e foi maior atrito com ele.”
11-E1-M 18 anos	“Eu já falei com a minha mãe. Acho que depois de seis meses que a gente ficou de namoro, seis, sete meses a gente já...”
12-E1-M 17 anos	O jovem é virgem.

Quadro 8 - Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Como esse assunto é abordado pelos seus colegas?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“Sim existe uma liberdade, é vamos supor assim : “ Ai gente saiu , foi pra um motel. Aconteceu isso, a gente fez assim... Ah compramos um creminho!” É uma coisa entre amigas, vamos se dizer assim, é aquela coisa...” Ah foi tão bom e tal”. Não é aquela coisa” Ah tem que tomar cuidado com isso”. É mais solto, vamos dizer, a gente usa uns termos mais adolescentes, mais vulgares, vamos se dizer assim. né.”
2-E1-F 16 anos	“Ah, a gente é muita putaria assim... A que nem as meninas fica tipo abraçando os meninos, sentando no colo, sei lá coisa que não é normal pra mim.”
3-E1-F 17anos	“A gente da risada. Um conta: “Ah! foi assim com o namorado a primeira vez...” Como foi? O que aconteceu no final de semana? Um fala as coisas assim...”
4-E1-M 18 anos	“Ah, eu ouço bastante coisa, tipo, sobre gravidez, doenças, esses negócios assim...”
5-E1-M 16 anos	“Ah, tipo falar na malícia,entendeu? Falar na malícia com dois sentidos. Ai todo mundo começa a rir, tudo...”
6-E1-M 17 anos	“Ah depende do momento, eu tava falando com as pessoas, comentar assim do fim de semana.”
7-E1-F 16 anos	“Surge, porque tipo começa a falar de namoro, pergunta como que é a relação um com o outro, surge o assunto do sexo né.”
8-E1-F 19 anos	“Assim, eu, particularmente, eu não ouço gente falando isso, entre os meus amigos eu não ouço. Mas jovem de 15, 16 anos comenta mais do que jovem de 18 a 19 anos.”

9-E1-F 16 anos	“Ah, às vezes, às vezes... Comentários sobre meninas. “Ah, bonita...” Isso, sabe que envolve o corpo físico.”
10-E1-M 20 anos	“Ah, é mais assim, você ouve muitas entrelinhas, né, tipo: “Ontem foi da hora porque em casa rolou solto o sexo, rolou solto tudo.” Hoje a moda agora é Cabaré que é como se fosse uma casa onde tem bastante bebida, som também e muita mulher e pra diferentes caras. Entendeu? Ai rola solto. E mais esse assunto... assim rola fundo sobre a primeira vez, sobre como foi a primeira vez... É mais essas curiosidades né, que rola, que tem entre os alunos...”
11-E1-M 18 anos1	“Alguns sim, outras não por causa de vergonha. Ou então vai, ao correr do tempo eles vão falando o que já fizeram ou não.”
12-E1-M 17 anos	“Ai ele é mais normal né, assim entre colegas tem menos vergonha de falar. Sobre sexualidade... Deixa ver. É esses negocio de fazer sexo. Eles falam, mas assim não o que eles fizeram. Fala assim, como que é, por ter visto um ou outro.”

Quadro 9 - Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Por que e quando os jovens fazem sexo?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1- E1-F- 19 anos	“Por... Ah... Eu vejo fazendo eu quero fazer também porque eu vou me sentir uma mulher, eu vou me sentir um homem. “Eu sou homem, eu pego ela e pronto”. Eu acho que fazem por isso.”
2-E1-F 16 anos	“Oh eu perdi minha virgindade porque meu pai me chamou de vagabunda e eu fui mostrar que eu era uma vagabunda. Ai eu perdi com um moleque que eu conhecia a uma semana, eu fui e perdi. Mas eu me senti mal depois, só perdi por perder. Agora com meu namorado não, eu fiz porque a gente tava namorando durante um tempo eu conheci ele, ele me conheceu ai eu me senti a vontade.”
3-E1-F 17anos	“Por prazer. Não É... Eu acho que hoje em dia ta mais assim, neh?”
4-E1-M 18 anos	“Ah, pra mostrar que cresceu. Que agora, tipo, virou homem, virou homem/mulher, é pra isso...”
5-E1-M	“Ah, na maioria das vezes é ansiedade, porque tipo... Um faz e ai o

16 anos	outro ainda não fez, ai ele vai contando, contando, ai o que não fez fica curioso e quer saber, ai sempre vai passando adiante. Entendeu? Curiosidade é...e a necessidade da descoberta. E também se vai crescendo assim e se vai sentindo alguma coisa assim... Certo...Entendeu? Ai... É por impulso.”
6-E1-M 17 anos	“Diversão né. Às vezes, popularidade, essas coisas.”
7-E1-F 16 anos	“Muitas vezes não é isso, muitas vezes o jovem ta namorando, ai ta os dois sozinhos em algum lugar, ai acontece. Não é “Eu quero fazer sexo, vou fazer”, não é bem assim.”
8-E1-F 19 anos	“Então, a maioria, hoje em dia, é mais jovem adolescente que quer sair pra balada, quer curtir as meninas, então praticamente os jovens ele quer curtir. O que é curtir? “Ah eu quero ficar com aquela menina, quero fazer sexo com a aquela menina e pronto”. É hoje em dia ao me ao ver é tipo uma, uma competição. É um prazer, não quero nada sério agora, eu quero curtir, então pega, faz sexo e sai, sabe? Joga fora. Então eu acho que isso vem também de dentro de casa, entendeu? Hoje em dia eu acho que dentro de casa não é muito falado sobre isso como antigamente, como eu tive, entendeu? Por isso eu acho que agora nas escolas tem que ter mais.”
9-E1-F 16 anos	“Corpo físico da pessoa.”
10-E1-M 20 anos	Não relatou nada sobre isso.
11-E1-M 18 anos1	Não relatou nada sobre isso.
12-E1-M 17 anos	“Prazer...A busca do prazer, os hormônios ta tudo ativo, sei lá, estão mais forte.”

Quadro 10- Escola1 (Pública)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Qual a diferença entre ficar e namorar?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1-E1-F- 19 anos	“Acho que ficar é mais uma diversão. “Eu fico com ele, ele é bonitinho, vou dar uns beijinhos nele e acabou”. E namorar é uma coisa séria é quando você realmente gosta da pessoa, você leva ela até sua família, todo mundo conhece, você põe uma aliança no dedo, ali você vai estar namorando é como se fosse um passo pra vida a dois.”
2-E1-F 16 anos	“Ficar é quando você sai pra ir em algum lugar, em um show, em um barzinho e fica com alguém, sem compromisso assim. Agora, namorar é algo mais sério tem que respeitar.”
3-E1-F 17anos	“Sim, existe diferença. Ficar você fica um dia e não tem mais nada com a pessoa, agora namorar não, namorar é sério, você vai na casa dele ou ele vai na casa dela. Assim, ele conhecer os pais, uma aliança, ficar junto...”
4-E1-M 18 anos	“Namorar é tipo... você ta com uma pessoa fixa, ficar já é qualquer uma, você fica com qualquer uma.”
5-E1-M 16 anos	“Ah namorar é uma coisa séria, compromisso. Ficar é você ficar aqui pá, depois partir pra outra.”
6-E1-M 17 anos	“Ficar é você fica com uma pessoa e não fala mais com ela, ou você não tem mais contato, ela mora longe. Namorar é você ter uma coisa séria com a pessoa e você poder ver ela todo o dia, conversar com a família, essas coisas.”
7-E1-F 16 anos	“Namorar é você ter um parceiro fixo, só ta com ele. Ficar você pode ta com um hoje, outro amanhã.”
8-E1-F 19 anos	“Ficar é curtidão, é o momento. Namorar já é uma coisa mais séria.”
9-E1-F 16 anos	“Namorar você passa tempos, você gosta, você tem a intimidade de dividir tudo, é muito bom. Ficar é uma noite, pode ser até mais tempo, mas não tem a liberdade de dividir tudo.”
10-E1-M 20 anos	“Só pegação, né.[ficar] É uma coisa mais séria[namorar]”
11-E1-M 18 anos1	“Ficar é tipo ficar com a pessoa vai tipo eu fiquei com uma pessoa na balada ontem, tipo to ficando com aquela pessoa, ficar é uma semana, namorar já é coisa de meses, anos.”
12-E1-M 17 anos	“Ah, ficar é se namora uma menina por uma semana sem muito interesse ou compromisso com ela e namorar se já tem mais compromisso, é se gosta realmente da menina ou ama.”

ANEXO 6 - Quadros de respostas dos entrevistados da Escola 2 (Privada)

Quadro 11- Resposta imediata dos jovens entrevistados à pergunta “Na escola se fala sobre sexualidade?”

Jovem:	Resposta imediata à pergunta:
1-E2-M 17 anos	“Acho que na escola o assunto sexualidade é meio restrito ainda, as pessoas não tem muito o que falar sobre isso porque sexualidade... Você quer dizer, por exemplo, homossexualismo, essas coisas?”
2-E2-M 17 anos	“Se fala, se fala, tem até um momento de se falar bastante que eu acho que é na oitava série. Se fala sobre juventude e sexualidade, fala de tudo, fala de relação, relacionamento, fala qual é... Mostra uma pessoa tentar conscientizar e mostrar o que eu o aluno tem que saber, responsabilidade, mostra de tudo o colégio, acho que é presente nesses assuntos.”
3-E2-F 17 anos	“É...Ah, eu acho que esse tema não é muito abordado. Mas, ou seja, a gente não teve nenhuma aula específica sobre isso, talvez acho que mais em Biologia que é a própria matéria do professor. Mas acho que a escola assim, nunca da uma informação.”
4-E2-F 17 anos	“Eu acho que fala mais naquela época, tipo, em que a menina ta menstruando e essas coisas. Mas, tipo, depois no ensino médio, eu acho que não fala muito disso. Depois em Biologia quando a gente aprende ciclo menstrual só, é uma coisa bem biológica. Mas eu acho isso, é mais voltado principalmente pra quarta, quarta até sexta série e depois sei lá... Não acho que eles falem muito disso, eu não vejo, aliás, eu nunca vi.”
5-E2-F 17 anos	“É como eu to no terceiro ano eu acho que a gente já ta mais englobado com o assunto. Mas o que a gente fala de sexualidade aqui dentro é com as pessoas que a <u>gente tem mais afinidade</u> . E é muito difícil, as aulas que a gente tem são voltadas pra vestibular. Então o que a gente fala sobre sexualidade são das coisas que a gente tem que aprender em relação a hormônio, por exemplo, as pílulas anticoncepcionais ou até mesmo a proteção pela camisinha e tudo, é isso, o ciclo menstrual, são coisas que a gente aprende em Biologia. Tirando isso, sexualidade aqui dentro só com quem você tem mais afinidade, do mesmo jeito que a gente falaria lá fora, com uma amiga, um amigo, uma irmã, uma mãe, enfim. “
6-E2-M 17 anos	“Em questão de nível acadêmico, assim não tem muita... Tem mais orientação tipo DST, doença sexualmente, nessa parte assim mais de doenças, né. Relações mais que você vê, em Biologia assim, mais pra

	estudo mesmo. Mas sexualidade mesmo em si assim, falando de sexo, essas coisas, a gente fala mais entre amigos, é entre a turma assim.”
7-E2-F 17 anos	“Na minha opinião se fala. Eu acho que a gente tem uma relação aberta com nossos professores, eles falam a respeito, mas eu acredito que não seja dada nenhuma sugestão, ou alguma coisa mais direta pra gente. A gente fala sobre isso, não existe nenhum constrangimento, eu acredito entre nós alunos e os professores. Mas eu não acho que seja dada sugestão ou ajuda, e assim, eu acho que não.”
8-E2-F 17 anos	“Ah... Nas duas escolas que eu estudei, eu senti que num... Eu na verdade não tive nenhuma aula sobre isso, porque algumas instituições colocam uma carga horária é... Educação familiar, essas matérias que são pra sexualidade, mas eu... Nas duas escolas que eu estudei não tive nenhum tipo de aula sobre isso.”
9-E2-M 17 anos	“Diretamente assim não, tipo... Os professores não tentam, não abordam muito assim esse tema. Só que entre os amigos, entre os colegas a gente sempre acaba conversando em relação a isso dentro do colégio.”
10-E2-M 17 anos	“Eu acho que fala, mas eu acho que fala assim... Eu acho que os professores, não sei... Tem meio que um tabu assim. Eu acho que já falaram, mas muito pouco assim. Eu achei, quando a gente é menorzinho, a gente até fica pensando essas coisas. Eu achei assim, até as pessoas também que convivem junto à gente também achou que ia falar mais assim. A gente teve, uma vez ou outra que se fala assim... Quando você já chega no ensino médio os professores já conversam normal e tudo. Mas assim no ensino fundamental eu acho que poderia ter um pouco mais de... Falar um pouco mais sobre isso, que eu acredito que seja a época que as pessoas vão descobrindo as coisas, tudo isso. Eu acho que deveria ter... Não que não teve uma orientação, mas poderia ter uma orientação maior assim. Eu acho que a gente teve duas aulas de religião, algo assim”
11-E2-F 17 anos	“Se fala mais entre os próprios amigos assim né, assim... Ah, entre nós colegas, entre nós amigos. Entre os professores e coordenador é mais difícil, mesmo porque assim, eu tenho muita vergonha quanto a isso de falar com uma pessoa mais velha do que eu, falar com uma pessoa que, sei lá, impõe respeito. Seus colegas, eles vão vivendo a mesma coisa que eu, eles são mais... Não sei, é mais natural você conversar sobre esse tipo de coisa. Mas eu sou uma pessoa bem recatada, eu não gosto de falar sobre isso assim com Ah... Nunca, nem com... Sei lá, com os meus pais é muito difícil... Com até assim... Eu namoro há 5 anos, e até com meu namorado é difícil de conversar sobre isso, eu não gosto de conversar. A minha psicóloga assim, eu faço psicóloga também to com ela há muito tempo e é muito difícil. Eu não consigo ficar conversando... Eu sou muito, não sei... Isso me dá vergonha.”
12-E2-M 17 anos	“Se falava muito antigamente assim... Quando eu falo antigamente, antes do Ensino Médio, na verdade, quando a gente tinha aula de sexualidade, de assuntos sexuais mais na quarta série, quando a gente

	<p>tinha apenas uma introdução assim... A vida sexual ao como era o corpo humano e como se dava toda essa relação. Hoje em dia se fala muito pouco, somente entre os amigos assim... Em relação aos professores muito pouco.”</p>
--	---

Quadro 12 - Escola 2 (Privada)

Resposta imediata dos jovens entrevistados à pergunta “Como esse assunto é abordado com os professores?”

Jovem:	Resposta imediata à pergunta:
1-E2-M 17 anos	<p>“Aqui na escola? Eu acho que não se fala muito. O colégio, às vezes, repreende porque é se o colégio ta preocupado com a sexualidade do aluno. A única vez que eu vi, o máximo que fez foi ligar pra casa do aluno e falar com os pais porque fica se beijando de uma forma meio inapropriada no corredor, assim.... Mas eu acho que, acho que isso é uma atitude errada até porque acho que na vida pessoal do aluno, não tem que se intrometer assim.”</p>
2-E2-M 17 anos	<p>“Olha, aqui tem diferentes tipos. Tem aquele professor mais jovem que se formou faz pouco tempo que também é natural, sai, o assunto flui. Não é nada... E tem professores mais ortodoxos, não sei se é ortodoxo a palavra, que tão a mais tempo que na aula, não tem... É aula, você presta atenção, o professor ta lá e não sai muito outros assuntos. Você pode até comentar notícias, essas coisas, mas outros assuntos não. Com professores que são mais novos, mais eu não sei se é “relaxado” a palavra, mas acontece , sai mais natural.”</p>
3-E2-F 17 anos	<p>“Ah eu acho que o assunto não surge muito e quando surge, às vezes, por meio de uma piada mais sobre isso, meio vulgar talvez... Mas é feito meio que uma brincadeira, não é uma coisa muito séria que é uma conversa.”</p>
4-E2-F 17 anos	<p>“Eu acho que deveria, mas eu acho também, tipo, pra aquela idade eu acho que foi suficiente. Pra aquela idade porque, tipo, não é qualquer... Todo professor que quer falar disso, não é todo o professor que sabe falar disso. E também, é uma coisa muito feita em grupo, que nem a gente já conversou, ninguém se sente muito a vontade é coisa muito estranha. Principalmente quando você ta na quinta série, tipo, são várias mudanças ao mesmo tempo. É a primeira vez que você usa sutiã e você não quer que ninguém perceba. Então é uma coisa que fica desconfortável tanto pro aluno quanto pro professor. Mas eu acho que, tipo, depois podia ser feita alguma coisa sabe, sei lá... Quando a gente ta no ensino médio, tratar mais desse assunto não como se fosse um tabu como eles tratam.”</p>

5-E2-F 17 anos	“Ah, eu acho que se o aluno tem a liberdade suficiente com o professor pra dialogar sobre isso eu acho que o diálogo é bom. Aqui os professores são muito sinceros, muito amigos, diferente de alguns outros lugares. Eu acho que o professor te conhece pelo nome e também não te julga, vai entender se você tiver alguma coisa pra perguntar. Mas eu acho que dentro de sala de aula, exatamente pelas diferenças dos níveis de maturidade o assunto não é tratado tão assim tão profundamente, mesmo porque a gente tá voltado pra assuntos de vestibular e tudo. Então, não seria uma matéria, um tópico. Mas eu acho que sim, com os professores, se você tiver liberdade suficiente pra se informar e se você quiser, eu acho que sim. “
6-E2-M 17 anos	“Ah, eu acho que ainda é muito tabu assim o assunto. Ainda é meio não totalmente livre e aberto, que nem fala que hoje em dia é tranquilo. Eu acho que ainda tem muita, muito... Pela escola você fica muito com o pé atrás de falar abertamente assim. Não passa daquela tipo: “Usem camisinha!” Eu acho que podia abrir um pouco mais assim.”
7-E2-F 17 anos	“Na minha opinião se fala. Eu acho que a gente tem uma relação aberta com nossos professores, eles falam a respeito, mas eu acredito que não seja dada nenhuma sugestão, ou alguma coisa mais direta pra gente. A gente fala sobre isso, não existe nenhum constrangimento, eu acredito entre nós alunos e os professores. Mas eu não acho que seja dada sugestão ou ajuda, e assim, eu acho que não.”
8-E2-F 17 anos	“Hum... O que eu aprendi no colégio sobre isso foi em Biologia, o sistema reprodutor, como colocar uma camisinha numa banana, essas coisas. Eu acho que devia começar na oitava série. Porque no terceiro ano nem Sociologia, nem Ética, coisas assim que, não digo que não são tão importantes, mas que não são de tanto peso nos vestibulares. A gente acaba tendo uma aula por semana porque é tudo muito corrido no terceiro ano, por isso que eu acho que eles deviam focalizar enquanto a pessoa ainda tá aprendendo, não chegou na parte da curiosidade, entendeu?”
9-E2-M 17 anos	“Não, os professores acabam até brincando com a gente porque quando surge na aula, surge mais como brincadeira. Então a sexualidade, como sempre aparece: “Você que é gay tal.” Mas tipo brincando e os professores riem tal e acabou e pronto, continua a aula normal. “
10-E2-M 17 anos	“Ah, no ensino médio já fala de uma forma mais aberta, mas não como uma orientação, como foi... Eu acredito que foi na sétima série. Os professores falam mais de, de um modo como se a pessoas já, já tivessem um conhecimento prévio.”
11-E2-F 17 anos	“Então, por mais que a gente não tenha o conhecimento assim total sobre isso, o encaminhamento que o colégio dá por menor que seja, mas da uma noção. Eu penso que é importante as escolas abordarem esse tipo de assunto, principalmente pensando no pessoal de classe mais baixa, que às vezes, não sabe, por exemplo, do risco de você não usar camisinha e também o índice de eles pegarem doenças, deles

	ficarem grávidos é muito alto. Mas eu também não limito isso só pra eles, porque vira e mexe você escuta caso de menina que é rica, que tem dinheiro e que engravida porque não tem essa noção que acha que, sei lá...”
12-E2-M 17 anos	“Sim, na maioria dos professores sim. Eles comentam o assunto... De repente a brincadeira não é uma brincadeira de bom gosto, eles comentam o perigo da brincadeira. Ou assim se alguma duvida que, às vezes, ta na sala, às vezes, o professor até esclarece, mas assim, não aprofunda muito a ideia.”

Quadro 13 - Escola 2 (Privada)

Resposta imediata dos jovens entrevistados à pergunta “O que poderia ser feito para melhorar?”

Jovem:	Resposta imediata à pergunta:
1-E2-M 17 anos	“Ah tenho, acho que nunca parei pra pensar direito nisso, mas eu acho que deveria ter uma coisa mais explorada pelo colégio também.”
2-E2-M 17 anos	“Eu acho que seria uma boa, eu acho que a... Com... Não precisa daquele mesmo jeito, mas algo até com... Como a gente vai crescendo e se desenvolvendo e entrando mais na sociedade, eu acho que algo que vai andando conforme a gente vai entrando na sociedade seria bom.”
3-E2-F 17 anos	“Ah eu acho que talvez o colégio pudesse fazer palestras relacionadas a isso. Mas não na aula assim, porque quando surge é por meio talvez de uma brincadeira ou de alguma coisa que foi subentendida pelo o que professor falou. Mas não ter uma coisa mais contínua na aula, talvez com uma palestra ou coisa do tipo.”
4-E2-F 17 anos	“Por exemplo, deve ser tratado porque aqui a gente, no Ensino Médio a gente não tem mais aula de Religião, agente tem aula de Ética e de Sociologia. Eu acho que deve ser tratado como um ponto ético. “Por que você tem preconceito com isso e com aquilo? Mas por quê? Você acha que é errado?” Especialmente por a gente estar em um colégio católico eu vejo muito a influencia da religião, muito, inclusive os meus amigos até brincam que a gente não tem aula de Ética, a gente tem aula de Religião. Eu acho que, às vezes, por causa desse enfoco, os professores ficam meio acanhados de falar alguma coisa que supostamente via contra a Igreja. Isso que é um pouco chato, às vezes.”
5-E2-F 17 anos	“Ah, eu acho que até o primeiro ano, apesar de ter uma diferença pequena, eu acho que é a mentalidade muda muito. O segundo ano

	<p>como não tem uma carga horária tão grande em relação aos vestibulares e estamos mais perto do fim. Mais estamos amadurecendo mais ao longo do tempo. Eu acho que seria sim interessante falar sobre isso. Talvez não obrigar como se obriga a aprender português, ou dar palestra, ou sugerir encontros e conversas. Eu acho que isso é bem interessante, eu acho que é legal.”</p>
6-E2-M 17 anos	<p>“Ah, não sei. Ter tipo umas reuniões de discussões a respeito, nem que seja extracurricular pra quem tiver mesmo dúvida, ou quiser saber como funciona, ou como fazer, sabe? Pra tipo... Abrir mesmo! Pra não ser um assunto que você tenha que ficar conversando baixo com os amigos e ser aquela coisa de “Ah ninguém pode ouvir”.</p>
7-E2-F 17 anos	<p>“Acho que poderia ter uma aula de Biologia, ou qualquer outro professor e sentar o pessoal numa roda e conversar sobre isso. Ter uma conversa assim aberta mesmo! Eu acho que é o que falta, uma conversa informal. Não que seja assim professor e aluno, mas uma pessoa que esteja lá falando sobre assunto, sobre coisas que sejam certas ou erradas, enfim.”</p>
8-E2-F 17 anos	<p>“Ah, eu acho que devia ser... Uma coisa assim... Sem livros porque isso é uma coisa que deve ser debatida com a própria experiência, exemplos e com casos. Eu acho que tem que ter uma interação muito grande, se houver isso na escola... Uma interação muito grande do professor com os alunos, alguém que possa acolher os alunos, que possa escutar ou acertar nos assuntos... Assim, prática, entretenimento, porque não como se fosse uma matéria com nota e ter que escrever e fazer redação e pesquisa sobre isso... Mas uma coisa assim de conhecimento, de curiosidade, de trazer pras crianças.</p> <p>Eu acho que deviam colocar dentro do colégio Educação Sexual com um professor mesmo. Claro que eles teriam que procurar uma pessoa aberta, com bastante liberdade de expressão porque no começo ia ser um pouco marginalizado isso no colégio sabe... Um professor de Educação Sexual... Porque o pessoal falaria: “Nossa porque que ele não ta dando aula de saúde ou de alguma coisa?” Entendeu?”</p>
9-E2-M 17 anos	<p>“Então, eu acho deviam... As palestras, às vezes, ajudam, até a aula de Biologia acaba abordando quando vai estudar o corpo humano, essas partes, partes íntimas tal, agente acaba abordando sexualidade, conhecendo melhor até o sexo oposto. Mas eu acho que a gente devia tipo fazer... É porque, às vezes, o jovem se sente, principalmente quando ta na frente dos outros, muito preso, ainda mais na frente dos amigos, pra ter essa liberdade de falar. Mas eu acho que na medida em que você vai tornando isso mais comum, os jovens não iam se sentir tão presos. Então, eles iam acabar falando mais, conversando e dividindo.”</p>
10-E2-M 17 anos	<p>“Eu acho que poderia ter do mesmo modo como eu tive. Eu acho que eu tive. Eu acho que poderia ter como a gente vê ter aula de Educação Sexual. Eu acho que nós nunca tivemos aqui e se teve foi uma só, uma vez. Eu acho que poderia ter mais vezes pra... E também as pessoas...”</p>

	<p>Eu lembro que quando nós tivemos as aulas, que as pessoas também ficavam com vergonha de perguntar. Mas eu acho que poderia ser feito de um modo assim... As pessoas, não sei... Perguntarem as suas duvidas por meio de um papel anônimo e o professor respondendo, eu acho que pode ser uma coisa assim. Eu que, mas eu acredito que foi bom o que nós tivemos, mas que poderia ser com uma frequência maior, com uma carga maior.”</p>
11-E2-F 17 anos	<p>“Eu acho que tem que ser em ambiente de aula porque é muito difícil você marcar atividade extracurricular, as pessoas não têm tanto interesse, parece que quando é compulsório a pessoa tem mais vontade de, não vontade, mas ela tá lá. E se ela tá lá, aí podia entrar a questão de ser um meio didático mais descontraído, não uma aula que a pessoa põe na lousa quais são os métodos, siga isso, não... Mas eu acho que uma conversa, quem sabe trazer um especialista, uma coisa assim... Claro que o Biólogo professor tem conhecimento, isso é tudo de bom, não tem o que falar. Mas eu penso, às vezes, em trazer assim, sei lá, uma mulher, uma médica ginecologista, que tem muita menina que eu conheço que tem muita vergonha de ir no médico ginecologista e de pedir pra mãe pra ir e tudo... Então, sei lá, às vezes se trouxesse no colégio e pudesse depois ter um tempo de tirar dúvida particular, seria um modo de instruir a pessoa sem que ela precisasse passar por um constrangimento por parte da família, ou até dos amigos sei lá, se a pessoa se dispusesse. Porque o problema meu com o professor é que quando o professor, por exemplo, dá aula pra gente e também perguntar sobre essas coisas pra mim particularmente, sei lá, eu acho meio estranho. O professor saber da intimidade, depois ele vai dar aula pra mim, é meio estranho, eu tenho um pouco de vergonha. Por isso que eu acho que o papel de chamar uma pessoa especialista ou alguém de fora, é bom, porque cria um pouco de... Sei lá, imparcialidade, distanciamento entre as pessoas, entendeu?”</p>
12-E2-M 17 anos	<p>“Eu acho que colocando aulas mesmo sobre, sobre a sexualidade. E falar pros professores abordarem também o tema de maneira não tão formal assim... Pra ter uma proximidade maior com os jovens, pra eles conseguirem entender.”</p>

Quadro 14 - Escola 2 (Privada)

Resposta imediata dos jovens entrevistados à pergunta “Você recebeu informações sobre esse assunto?”

Jovem:	Resposta imediata à pergunta:
1-E2-M 17 anos	“Ah, eu acho que, eu acho que eu to explorando, como todo jovem, a gente ta explorando esse campo meio que sozinho e se a gente diverge muito do que é considerado correto é trabalho dos nossos pais falarem: “Olha isso aqui ta errado, para de fazer isso, precisa adequar isso”. Mas eu acho que assim, a vida não vem com manual de instrução, então a gente tem que se adequar a ela. Eu acho que quem realmente nos ensina sobre sexualidade é realmente a própria pessoa.”
2-E2-M 17 anos	“Putz difícil. A gente conversa livre mesmo com os amigos. Até menor a gente começa... A partir dos 13, a gente começa a ouvir dos amigos. Ah ai o colégio entra naquela fase de sexta, sétima, oitava série pra... Têm muita palestra sobre sexualidade essas coisas. Minha família também falou principalmente meu pai. Não sei quem é que mais me deu informação sobre sexualidade.”
3-E2-F 17 anos	“Ah, eu acho que mais amigos que você conversa e fica mais sobre outra coisa, talvez a escola tenha ajudado um pouco em aulas, por exemplo, de Biologia que fala sobre isso, mas eu acho que mais em amizade...”
4-E2-F 17 anos	“Ah minha mãe me passou, acho que colégio passou... Eu acho que também, desculpa, mas ler Capricho ajudou. Porque sei lá é uma revista que eu assino desde a quinta série. E eu me senti muito velha quando a minha prima, que agora ta na sexta série, ganhou da minha mãe a assinatura o ano passado. Porque eu acho que, meu porque, às vezes, tem coisas que você não quer falar com sua mãe, entendeu? Vou falar de sexo com a minha mãe, é meio tabu, sei lá não me sinto muito confortável de falar de sexo pra ela, com ela. E ai meu, tem coisas que você sabe aprende lá, entendeu?”
5-E2-F 17 anos	“Da minha mãe, a maioria, eu converso muito com a minha mãe sobre isso, a gente é muito aberta. E também eu tenho amigas que a gente divide informações, lógico isso sempre acontece com poucas amigas, lógico aquelas que levam a sério. Mas a maioria das informações eu recebi pela minha mãe. Também quando eu tenho uma dúvida eu ligo pra minha médica, ou na internet. A internet ajuda muito eu acho, hoje em dia.”
6-E2-M 17 anos	“Amigos. Ah, amigos assim... Tipo coisas que meus amigos, amigos da minha namorada que a gente aprendeu meio que um com o outro assim... Que não é aquela coisa chega em casa “E ai como é que é?” Diálogos com os colegas e internet também.”
7-E2-F 17 anos	“ Os meus amigos. Amigos... Eu acho que... Sim até a televisão, que a gente vê bastantes coisas sobre isso, reportagens e tudo mais. Então seria acho que a família, a TV e a escola. Você tem como amigos que já tiveram experiências que eu nunca tive.” Não, eu acho que a gente é estimulada sim, diariamente acredito. Por

	<p>filme, por TV, por diferentes mídias, até... Eu acho que a gente é estimulada o tempo inteiro a pensar mais na sexualidade. É um assunto que não envergonha você a pensar no assunto. Eu acho que é uma coisa que ocorre diariamente. Então, eu acho que quando você se sente a vontade já ta acostumada a ver, ouvir falar...</p> <p>É querer evoluir, esse algo a mais, é querer avançar digamos.”</p>
8-E2-F 17 anos	<p>“Ah, eu acho que eu tenho mais liberdade assim mais... Acaba acontecendo de eu conversar mais com as minhas amigas tanto porque eu passo mais tempo com elas atualmente assim.</p> <p>Ah sim, já procurei na internet... Tranquilamente... Além das minhas amigas e com a minha mãe, mas eu converso bastante com elas sobre isso”</p>
9-E2-M 17 anos	<p>“ Prioridade primeira meus pais. Eu converso com eles e meus amigos também porque meus amigos eu acho até uma coisa, a questão da maturidade... Eu não sei, por eles conhecerem minha namorada tal, eu acho que até meio desrespeito em relação a ela. “</p>
10-E2-M 17 anos	<p>“Ah, acho que eu recorro... Ah, não sei... Acho que pros meus amigos primeiro como conversa normal. Mas assim de modo não que de, como eu sou muito fechado, não que dê a entender que eu queira saber, entendeu? Mas de modo mais discreto.”</p>
11-E2-F 17 anos	<p>“Ah, eu não sei direito porque assim... Todo mundo sempre me falou desde criança que eu sou mais tímida de falar com essas coisas. Então eu não sou muito afetiva, e não pergunto sobre as coisas de sexualidade. Mas eu acho que o que ajudou bastante foi assim... Os meus pais, eu sempre fico pensando, pensando assim no que eles aprovam e no que eles não aprovam entendeu? Claro que eles nunca vão imaginar eu fazendo qualquer coisa sexual com alguém. Mas assim... Eu sempre fico pensando se não ia ser uma coisa meio, que eles iam falar: “Meu Deus quem faz isso é só menina vulgar, só menina assim...” Eu penso mais esse tipo e também assim, é muito pelo que eu escuto. Eu tenho primas mais velhas e tudo, então, era muito do que elas falavam: “Que menina suja, menina não suja, mas menina que não se dava respeito fazia.” O que é mais assim... Eu me movo muito família assim... Eu acho.”</p>
12-E2-M 17 anos	<p>“Eu acho que assim... Os meus amigos. Depende do assunto assim... Eu acho que a maioria do tempo os meus amigos ou até procuro em algum livro e na internet. Ou se for um assunto que eu tenho mais liberdade pra falar, eu falo até mesmo com os meus pais. “</p>

Quadro 15 - Escola 2 (Privada)

Obtenção de informações sobre sexualidade.

Fontes de Informações	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Amigos		x	x		x	x	x	x	x	x		x
Família		x		x	x		x	x	x		x	x
Escola		x	x	x			x					
Internet					x	x						x
Ginecologista					x							
Televisão							x					
Revista				x								
Livro												x
Sozinho	x											

Quadro 16 - Escola 2 (Privada)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Você conversa com sua família sobre suas dúvidas e ansiedades relacionados a esse tema?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1-E2-M 17 anos	“Ah falo com os meus amigos na verdade, acho que essa conversa sobre sexualidade com o meu pai eu nunca fui tão aberto. Eu acho que quando eu conversei com o meu pai sobre sexualidade foi ele que puxou a conversa. Eu nunca tive com o meu pai, eu sempre falava com os amigos. E meu pai, alguma coisa errada ele falava comigo. Não, ele só queria orientar assim porque se ele achava estranho algumas atitudes minha e ele falava comigo, só.”
2-E2-M 17 anos	“Olha, normalmente a gente fala entre amigos. Já falei com os meus pais, mas nada muito de dúvida assim. Já falei com os meus pais, principalmente com o meu pai e aparece assunto. Meu pai, preocupado comigo me fala, mas não é nada de dúvida. O que se fala é mais entre amigos e não é dúvida em si, é mais assunto, é mais...”
3-E2-F 17 anos	“Ah, eu acho que minha mãe ela tem uma cabeça muito fechada. Ela acha que se eu fizer sexo eu vou engravidar, assim sabe. E como os meus pais são separados ela tem meio que medo porque se acontecer alguma coisa comigo ela pode perder minha guarda.”
4-E2-F 17 anos	“Ah não sei, pro meu pai eu vou morrer virgem! Meu pai sabe que eu vou ter meus filhos e vou continuar virgem... Pro meu pai eu vou continuar até eu morrer. Meu pai ele não consegue conceber, até levou um tempo pra ele se acostumar com meu namorado, mas ele ta melhor agora. Então, com a minha mãe eu falo muito.”
5-E2-F 17 anos	“Minha mãe, minha mãe. Se é uma coisa que eu acho que não tem necessidade de preocupá-la. Ai eu procuro ou minha médica ou a internet ou minhas amigas. Mas a maioria, eu sou muito certinha em relação a isso, ainda mais por ela, que ela sempre me ensinou tudo,

	então eu procuro ela.”
6-E2-M 17 anos	“Minha mãe sempre ficava perguntando assim... Isso e aquilo... Aí falei pra minha mãe quando... Não quando foi ou como foi porque ela ia ficar meio brava, entendeu, porque ela viajou... “
7-E2-F 17 anos	“Tenho. Com a minha mãe eu tenho mais. A minha mãe a gente conversa bastante sobre o assunto, mas nunca sobre mim, é mais sobre outros casos, sobre coisas que aconteceram... Que se vê no jornal, que se ouve falar, é mais sobre isso, nunca é sobre mim. Então assim, a minha sexualidade é um assunto que nunca foi tocado.”
8-E2-F 17 anos	“Minha família quem mais eu me sinto livre pra conversar é a minha mãe. Não, eu não falei e eu comecei a tomar... Eu só ia no ginecologista assim periodicamente, eu comecei a tomar pílula só falando com o ginecologista, sem falar com a minha mãe. E, na verdade, eu fiquei com medo de contar pra ela que, no começo ela não era... Não aceitava. Quando ela descobriu ela ficou muito chateada, muito brava.”
9-E2-M 17 anos	“A gente conversou pra aprender, pra saber como é que era né. Mas com a minha família sempre foi abordado desde que eu era pequeno. Até a questão das drogas e do sexo, sempre foi um tema abordado que é importante usar camisinha, que é importante respeitar a menina, com certeza.”
10-E2-M 17 anos	“Ah, eu acho que a gente nunca... Assim, minha namorada já falou pros pais delas. Mas meus pais também assim... Eu não gosto muito de falar disso né, então... Eu nunca falei nada explicitamente assim, mas eu acho que tanto os meus pais quanto os pais delas percebem assim, mas é normal também assim. Meus pais entendem... Eles só falam daquela preocupação de pais: “Ah usa camisinha” ou eles ficam perguntando:” Ah, sua namorada usa algum método anticoncepcional, ou pílula?” Normal assim.”
11-E2-F 17 anos	“Não, eu esperei bastante tempo, eu esperei praticamente um ano e meio pra falar pra minha mãe. Fui e aí pra médica eu contei. Aí eu queria manter segredo, daí a médica é amiga da minha mãe e falou que manteria, não tem problema nenhum, sigilo médico. Mas aí ela falou que ela como, como assim... Achava melhor eu contar pra minha mãe, que a minha mãe não ia ficar brava, não ia fazer nada disso... Daí eu acabei contando pra minha mãe. E aí minha mãe sabe, tomo remédio, minha mãe que compra o remédio e tudo. Mas o meu pai ele ou sabe ou ele não sabe, ou também sabe e não quer saber, ele é mais assim.”
12-E2-M 17 anos	“Então hoje em dia ela não, num chega, não comenta assim muito abertamente com a mãe dela, nem com a família dela, mas a mãe dela sabe. Sabe, pois ela já contou que teve relações sexuais, mas não fala muito sobre a vida sexual ativa dela. Então, normalmente na minha casa.”

Quadro 17- Escola 2 (Privada)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Como foi a aceitação da sua família em relação às suas vivências sexuais?”

Jovem:	Resposta à pergunta:
1-E2-M 17 anos	O jovem é virgem.
2-E2-M 17 anos	O jovem é virgem
3-E2-F 17 anos	<p>“Então eu acho que ela não acaba falando muito disso porque ela tem medo assim. E eu também não vou falar porque eu tenho medo que isso acabe prejudicando meu namoro. Então, acho que acaba nenhum dos lados puxando o assunto.</p> <p>Ah, eu acho que eu to bem, tirando fato da minha mãe não saber... Assim, minha mãe é mais conservadora, ela não gosta que a gente fique dormindo sozinho na minha casa. Mas ele sempre vai na minha casa e eu frequento a dele.”</p>
4-E2-F 17 anos	<p>“Ah sei lá, eu não falei nem pras minha amigas... Eu acho que é uma coisa muito minha e dele, sabe? Eu não tenho necessidade de sair espalhando pras minha amigas. E por mais que eu goste muito da minha mãe, eu amo a minha mãe de paixão, ela é a pessoa que eu mais amo nesse mundo, eu não acho que... Talvez até tentando proteger um pouco ela, depois da reação que eu vi que ela teve com eu ter pedido pra tomar pílula. Não que ela ia conseguir levar isso muito bem... Talvez daqui alguns anos eu diga: “Ah lembra, em 2011 foi quando aconteceu...” Mas eu não vejo nesse momento que ela precisa saber. A mãe dele é obstetra e ginecologista, então já começa bem né. Não, mas ele não falou nem que eu to tomando pílula pros pais dele.”</p>
5-E2-F 17 anos	<p>“Ah, a gente só se vê de fim de semana, é bem difícil. Então assim, quando a gente ta junto de feriado ou de fim semana, eu durmo bastante na casa dele. A gente é muito respeitoso com as nossas famílias. E os pais deles assim, me tratam como uma filha. E a gente dorme no mesmo quarto, até na minha casa... Como a gente dorme juntos no mesmo quarto, cada um na sua cama porque tem que ter um nível de respeito, né. Mas assim, acho que uma vez por semana porque a gente só se vê de fim de semana.”</p>
6-E2-M 17 anos	<p>“Ah, não! Não é aberto totalmente, sabe-se que tem uma relação e tudo, mas ainda é meio escondido assim as coisas. Não é tipo... É. Então, quando os pais dela tão lá e tudo, eu durmo num quarto, se eu durmo na casa dela, eu durmo num quarto e ela no outro. É ainda tem essas coisas... Mas tipo quando não tem ninguém assim, os pais viajaram, ela ta sozinha em casa, a gente vai.”</p>

7-E2-F 17 anos	A jovem é virgem.
8-E2-F 17 anos	<p>“Não, isso não. É tanto que uma vez a minha mãe, ela viu um pacote de camisinha na minha casa e... Assim, a minha mãe tem consciência, ele quer me ajudar, mas pra ela pensar no momento em si, não é possível ainda</p> <p>. Depois ela acabou aceitando. Depois aos poucos muito devagar eu comecei a conversar com ela, entendeu? Isso que eu falei pra você que agora eu converso muito com a minha mãe é... Foi de um período muito longo de adaptação, de eu conversar pouquinho, de ela brigar um pouco, de ela falar um pouco. Foi se adaptando essa nova etapa.”</p>
9-E2-M 17 anos	<p>“Prioridade primeira meus pais.</p> <p>Mas com a minha família sempre foi abordado desde que eu era pequeno. Até a questão das drogas e do sexo, sempre foi um tema abordado que é importante usar camisinha, que é importante respeitar a menina, com certeza.”</p>
10-E2-M 17 anos	<p>“Não, dormimos em quartos separados. A gente fica quando, por exemplo, vai na minha casa a gente fica junto na sala, depois cada um dorme no seu quarto. Nunca dormimos juntos, nem na minha casa, nem na casa dela, cada um dorme no seu quarto.”</p>
11-E2-F 17 anos	<p>“É, não, os pais assim... A minha mãe e o meu pai também, de certa maneira, querendo manter a imparcialidade, estão mais aceitos, então, por exemplo, de vez em quando, como eu posso já voltar pra casa sozinha. Eu já acabo ficando mais tempo sozinha. Às vezes, o Henrique vai passar à tarde lá em casa e a minha irmã sai pro inglês, a gente fica lá e não cria assim um problema na minha casa de eu ta sozinha com o meu namorado.”</p>
12-E2-M 17 anos	<p>“Então hoje em dia ela não, num chega, não comenta assim muito abertamente com a mãe dela, nem com a família dela, mas a mãe dela sabe. Sabe, pois ela já contou que teve relações sexuais, mas não fala muito sobre a vida sexual ativa dela. Então, normalmente na minha casa.”</p>

Quadro 18- Escola 2 (Privada)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Como esse assunto é abordado pelos seus colegas?”

Jovens:	Respostas dos jovens à pergunta:
1-E2-M 17 anos	<p>“Acho que muitos alunos daqui ainda vem com maus olhos, por exemplo, o homossexualismo, ou até o heterossexual que é muito... Muito radical, assim. Eu acho que as pessoas não aceitam o ponto de vista das outras pessoas.</p> <p>Tipo, os caras que bateram nos homossexuais da Paulista. É, falaram, não sei se é verdade, que um deles é ex aluno do São Luis. Dai, eu não sei...”</p>
2-E2-M 17 anos	<p>“É natural, a gente... É natural, pra gente é bem normal falar, no mundo que a gente vive principalmente, é bem normal falar de sexo. É corriqueiro, tanto que tem gente que tem relacionamento, que já deve ter feito, como tem gente que não fez. Mas é natural, um negócio que pra gente não assusta nem...”</p>
3-E2-F 17 anos	<p>“Acho que sim na sua, na minha roda de amigos assim, não é tipo um coisa que não se fala, mas eu num... Só converso com as minhas amigas.”</p>
4-E2-F 17 anos	<p>“Ah, eu acho que fala mais com as minhas amigas intimas. Eu não saio falando isso com qualquer um que eu encontro no corredor, mas com as minhas amigas eu falo.”</p>
5-E2-F 17 anos	<p>“Existe, por um lado existe um... Não preconceito, mas existem ainda aqueles tabus daqueles que elevam isso como um tema que você não pode abordar ou dão risada do tema ou brincam com coisas que não tem necessidade de brincar. Por outro lado, entre os colegas existe também entre aqueles que são mais sérios que tem maior afinidade, existe também...”</p>
6-E2-M 17 anos	<p>“Ah, de quem acabou transando com quem... Mais tipo do grupo dos meninos... Quem saiu e transou com quem. É que na nossa série tem muito namoro. Tem muita gente namorando há muito tempo, tem gente namorando há cinco ou quatro anos. Eu mesmo to namorando há três anos. Daí já é meio... A gente não fala muito do nosso relacionamento que é mais namoro. Acaba conversando mais quando o amigo fica, sai, sai com menina mais velha, transa depois, leva pra casa, em viagem essas coisas... Agora teve viagem de formatura, todo mundo fala, quem fez com que.”</p>
7-E2-F 17 anos	<p>“Ah, eu acho que ela ocorre durante alguma conversa que seja relacionada algum namorado, alguma história que se contém sobre isso, até sobre sentimentos, sobre o que você ta sentindo. Eu tenho uma relação muito aberta com os meus amigos eu converso sobre isso com eles.”</p> <p>“Eu acho que o tabu é falar quem é virgem e quem não é... Assim... Isso nunca é aberto entre as pessoas no geral do colégio.”</p>

8-E2-F 17 anos	“Ah é, tirando dúvidas assim porque, na verdade, agora no segundo, terceiro ano, 17, 18 anos a gente ta começando essa vida, assim de, de querer se estabilizar. As minhas amigas mais próximas, como eu, tão namorando e a gente ta querendo compartilhar as nossas ideias em relação a isso. Eu tenho muita liberdade, eu pelo menos... Tem algumas que não, mas eu tenho muita liberdade em relação a isso, de querer saber o que as outras pessoas acham sobre algum tema, de perguntar se já fez e o que aconteceu, como foi.”
9-E2-M 17 anos	“É sempre quando tem tipo... Começa a namorar... O pessoal sempre acaba conversando e tal: “Como é que ta com o fulano e se gosta de outra pessoa...” E ai vai fluindo... Com os mais próximos você acaba se abrindo mais, você conversa mais. Se você já tem uma intimidade maior com uma menina ou não... Ai quando você começa a namorar e ai por ai vai...”
10-E2-M 17 anos	“Eu acho que é de modo bem espontâneo, como tem aquela coisa “Ah de ficar ou de ir na balada.” Eu acho que também assim os jovens, eu não sei como são as meninas, mas os meninos são de um jeito bem tranquilo assim... Bem espontâneo que as pessoas conversam. Não é nada... Assim com as pessoas que eu tenho mais afinidade, os meus amigos que eu conheço desde de pequeno falam de modo mais aberto, normal, sem resquício.”
11-E2-F 17 anos	“Ah, hoje em dia é mais assim: “Tal pessoa, ficou com tal pessoa.” Dai você pergunta assim: “Ta, mais eles transaram, mas eles... Mas foi alguma coisa a mais ou eles só ficaram?”. Todo mundo fica perguntando: “Ah, será que aquele casal já transou?” Já fica... É uma coisa mais assim sabe de curiosidade de saber dos outros assim. “Ah, será que eles já fizeram tal coisa, será que eles já fizeram outra?”. E tem assim, a nossa série por mais que a gente seja mais velha, esteja no terceiro, tem muita gente infantil ainda. Tem muita gente que acha engraçado, umas coisas, tipo ficar sabendo que, sei lá, ficar imaginando, eles ficam achando graça. Não é uma coisa engraçada, é uma coisa natural, é uma coisa que um casal geralmente tem tudo, e as pessoas, tem algumas pessoas que acham que é engraçado. Por isso que eu acho que eu ainda não converso com todo mundo sobre isso, mas quando a pessoa vem perguntar eu falo.”
12-E2-M 17 anos	“Ah, eu acho que de maneira íntima e pessoal, porque quando ele é abordado normalmente entre amigos mais próximos, não costuma se falar com todo mundo se você teve relações sexuais no fim de semana ou sobre sua vida sexual. Normalmente você fala mais com os amigos assim mais próximos, os amigos ou amigas e de uma maneira assim íntima.”

Quadro 19 - Escola 2 (Privada)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Porque e quando os jovens fazem sexo?”

Jovens:	Respostas dos jovens à pergunta:
1-E2-M 17 anos	“Eu acho que o sexo já perdeu um pouco do sentido do relacionamento de amor e carinho entre as pessoas e ta passando mais pra um status social entre os jovens, assim. Por exemplo: “Eu não sou mais virgem e você ainda é virgem eu sou melhor que você que eu sou mais gostoso”, sabe. Eu acho que tem muito disso as pessoas querem fazer sexo só porque elas têm vergonha de ser virgem, mas eu acho que eu sou virgem não me preocupo com isso sabe. Acho que vai ter uma hora e vai ser, mas tem gente que acha que ser virgem é uma preocupação que se você não fez sexo ainda você é imaturo, você não sabe o que é ser um homem de verdade, sabe. Acho que como muitas coisas já o sexo perdeu seu valor que existia antes.”
2-E2-M 17 anos	“Acho que é, é hormonal, é atração, tem gente que... Que sei lá, em um relacionamento chega em uma próxima etapa, tem gente que não ta em um relacionamento direito e faz, não sei, é atração, impulso.”
3-E2-F 17 anos	“Ah, é um tipo de prazer, do mesmo jeito que sei lá talvez alguém goste de mexer no computador ou ver TV... É uma forma de também se divertir, de... Prazer.”
4-E2-F 17 anos	“Eu acho que... Sei lá, 70 % das pessoas que dizem que tão só em busca do prazer e “Ah todo mundo ta fazendo.” Acho que pelo menos 50% desse 70% realmente têm medo de, sabe, não achar alguém que goste o suficiente, tem medo de enfrentar esse sentimento.”
5-E2-F 17 anos	“Ah, eu... Eu não sei... Eu acho que muitos dos jovens fazem sexo hoje só pra dizer: “Eu fiz sexo!” Acredito que muitos jovens, principalmente os meninos. Mas, por outro lado, eu acredito que muitos fazem sexo também porque é nessa idade que se descobre uma pessoa. O primeiro amor, uma pessoa que tenha mais carinho que você namore... É nessa idade que você começa a namorar, passa há ficar mais tempo com uma determinada pessoa, mesmo se não for pra uma vida toda. Então, acho que grande parte também faz sexo por que: “Ah, chegou minha hora, eu achei a pessoa certa e pronto.” E outros faz pra falar: “Eu fiz, pelo menos eu não sou mais virgem!” Porque eles acham que ser virgem também é uma vergonha, e não é...”
6-E2-M 17 anos	“Ah, além da necessidade hormonal, eu acho de sempre querer aparecer tipo adulto e ser tipo, meio que, tá meio que quem faz de quem começa a fazer já ta meio que mudando de fase assim. E o jovem sempre tem aquela coisa de querer ser mais velho, de querer parecer e fazer coisas mais velhas. Ainda mais na nossa idade de 14/15 anos. Você sempre quer sair, quer beber... Por quê? Porque os mais velhos saem e podem beber. Quer sair, quer aparecer, entrar em festa de 18, balada... E acaba entrando por esse nível de sexualidade pra tentar parecer ser mais velho do que realmente é, e acaba... Cada vez mais, eu

	acho que ta tipo pulando essas fases assim... Que as pessoas tão querendo cada vez mais cedo ser mais velhos.”
7-E2-F 17 anos	“Eu acredito que quando eles tão à vontade assim com a pessoa que eles tão... Ou seja, ta com uma pessoa que você gosta e você se sente a vontade com o seu corpo pra poder fazer isso.”
8-E2-F 17 anos	“Porque eu acho que, sem falar dos hormônios, sem falar dessas coisas, eu penso mesmo que é a fase de curiosidade, fase de querer se conhecer, fase de querer... E é quando você ta prestando vestibular, quando você ta ah... Pensado em sair de casa pra fazer a faculdade em outro lugar, pensando em, pensando grande sabe? Pensando em ser independente e fala: “Nossa, eu sou uma mulher! Eu sou um homem! Eu sou algo além das minhas amizades!” E eu percebo que muitas pessoas agora da mudança do segundo ano pro terceiro, muita gente mesmo começou a namorar. Então é uma coisa assim, por exemplo, no meu caso. Ah, e eu acho que é isso, é querer se explorar, querer crescer.”
9-E2-M 17 anos	“Por que e quando... O sexo é uma maneira também de se descobrir, né. É então quando você começa a ter mais uma maturidade, na minha opinião, fazer sexo muito jovem eu acho meio errado. E muito velho, tipo já com 19, 20 anos, eu não acho... Eu acho que uma fase, pelo menos pra mim, entre 16, 17 anos, é uma fase legal de você...” “É então, é porque até esse prazer, né. Você acaba ganhando intimidade com a pessoa, isso daí na minha opinião, tem gente que muito, muitas vezes faz sexo só por fazer, por ver o que é e por saber... Como todo mundo fala... Por saber o que é mesmo o sexo, pra ter esse prazer momentâneo. Só que tem outras pessoas que namoram, são mais sérias, então vêem o sexo como um passo a mais pro casal, entendeu?”
10-E2-M 17 anos	“Eu acho que eles fazem, não sei, porque eles escutam os amigos falando. Claro que tem um hiper extinto, chega ao ponto que o jovem tem vontade, assim não sei... Eu acho que muito hoje em dia, na mídia influencia muito assim... Hoje quase todo dia algum filme que você assiste ou tem um pouco de sexo ou alguma insinuação, nem que seja implícita, mas tem... Já ta assim dentro da cultura, insinuação de, qualquer filme, mesmo se for um filme infantil tem um pouco de insinuação, menos os desenhos assim... Todos os filmes normais eu acho que tem essa insinuação e que deixa as pessoas muito... Como é que eu posso falar? É... Despertadas pra isso.”
11-E2-F 17 anos	“ Eu acho, tem, tem dois grupos. Tem o grupo que faz porque todo mundo tá fazendo e tem o grupo e tem o grupo que faz porque ta no momento de fazer. É, eu e o meu namorado, a gente namora há cinco anos e a gente demorou três anos pra fazer alguma coisa. E não foi... Claro eu tive a sorte de ter um namorado que não me cobre e que não faça nada disso. Mas assim, eu acho que eu to dentro do grupo das que

	<p>fazem porque sentiram que aquele era o momento, porque sentiram que tava com vontade, porque confiava um no outro, porque tinha o amor, não sei se é meio romântico falar, mas porque tinha o amor necessário, mas seu lá tinha a confiança necessária pra isso. E tem o outro grupo que faz porque os outros tão fazendo, porque se não os outros vão falar que é virgem e que virgem é virgem! Ai tem um, eles não precisam, às vezes, nem de menina, vão num puteiro e já resolvem, entendeu. Mas eu acho que tem os grupos. E dentro desse grupo tem até aquelas meninas que acabam entrando, tão namorando o menino e ai o menino fala “Ah vamos fazer não sei que...” Ai a pessoa fala:” Não, não quero.” Mas o menino insiste tanto que ela acaba indo. Eu acho que tem as pessoas que fazem porque são forçadas, porque querem seguir uma moda e tem gente que faz porque eu acho que é um desenvolvimento natural do relacionamento entre duas pessoas. Acho que, como eu comecei a namorar na sexta série, demorou mais pra eu fazer as coisas porque a gente ainda era muito criança, entendeu? Então, precisou esperar uma época que sei lá, a gente tava mais na época de fazer isso, deixou de ser criança, evolui, eu acho que é uma evolução.”</p>
12-E2-M 17 anos	<p>“Quando, quando tem oportunidade, eu acho e porque sentem vontade. A não ser quando são muito jovens talvez por uma pressão que existe de que você tem que perder a virgindade logo. Mas eu acho que a partir do momento que você já tem uma vida sexual ativa, quando tem vontade.”</p>

Quadro 20 - Escola 2 (Privada)

Resposta dos jovens entrevistados à pergunta “Qual a diferença entre ficar e namorar?”

Jovens:	Respostas dos jovens à pergunta
1-E2-M 17 anos	<p>“Mas acho que pra mim ficar é só um namoro sem muito compromisso, um namoro depois vira mais compromisso.”</p>
2-E2-M 17 anos	<p>“Ficar eu posso ficar com... Numa balada eu posso ficar com uma menina que eu acabei de conhecer ou posso até ficar com mais de uma. Namorar é, pra gente é assim, tem os dois tipos, tem o ficar na balada e tem aquela pessoa que você fica por mais tempo. Tem gente que fica com uma pessoa, por exemplo, uma semana, duas semanas, tanto tempo que até que chega um ponto que pede em namoro. Isso tem sido ultimamente, mas isso varia conforme... Mas pra mim é isso, namoro é um caráter mais sério, relação de verdade.”</p>
3-E2-F 17 anos	<p>“Pra mim sim. Ficar você pode acabar ficando com qualquer um, você nem sabe o nome da pessoa. Namorar é uma relação mais séria, você estabelece além da relação de namoro uma relação de amizade, se é</p>

	alguém que você conhece”
4-E2-F 17 anos	“Ah, ficar eu acho que é uma coisa muito de passar por várias pessoas, não ter nenhuma ligação. Eu acho que a partir do momento que você tem uma ligação especial com uma pessoa, você pode até chamar isso de ficar, mas eu acho que já passa a ser um namoro, entendeu? Eu acho que a questão não é de “Ai deu dois meses agora a gente ta...” Não é uma questão de tempo, é uma questão do que você sente pela pessoa e vice versa. “
5-E2-F 17 anos	“É. Ficar pra mim é você beijar uma pessoa na balada, não ta ligado a sexo pra mim. Sexo, lógico beijar também é sexo, se você for pensar. Mas ficar pra mim não tem afetividade, é beijar, curtir e pronto, sabe, acabou. Namorar não, não importa se seja um mês ou ano, namorar pra mim é você criar um laço com uma pessoa.”
6-E2-M 17 anos	“Ah , quando você ta namorando você tem a restrição daquela pessoa, então você só pode estar com a aquela pessoa, você tem um compromisso fixo com aquela, aquela pessoa. Quando você fica, você já não tem esse compromisso fixo, não é que nem...”
7-E2-F 17 anos	“A diferença de ficar e namorar é que ficar é uma coisa menos séria, nem sempre você tem o compromisso de ficar só com essa pessoa. E se tem o compromisso não é assumido, não é a seriedade.”
8-E2-F 17 anos	“Mas eu acho que é mais ou menos... quando você fica com uma pessoa você beija e você não tem um compromisso tão serio, você pode ficar com outras pessoas. E quando você namora você só quer aquela pessoa, tanto você só quer que ela fique com você, tanto você só quer ficar com ela.”
9-E2-M 17 anos	“Ficar não é um compromisso, ficar é uma coisa mais solta, é mais maleável assim, mais flexível. Então é você tem um... Você fica com uma pessoa, mas não coloca pra ela, não é uma coisa séria. Você só ficou com ela, justamente essa coisa só do prazer, então você ficou com ela. Só que à medida que você vai ficando, ficando e começa a ter uma afetividade maior, ai isso pode até levar... Se você conhece bastante a pessoa: “Po vamos dar um passo né, vamos namorar...” Ai você começa a namorar e namorar é isso.”
10-E2-M 17 anos	Não relatou nada sobre isso.
11-E2-F 17 anos	Não relatou nada sobre isso.
12-E2-M 17 anos	“Pra mim namorar é quando você tem um relacionamento com uma pessoa e você realmente gosta dela e é fiel a ela. Você não vai pra balada com seus amigos e pensar em ficar com outras pessoas ou ficar com outras pessoas. Na maioria das vezes o jovem já ta namorando e

	tem uma relação sexual estável, uma vida sexual ativa. E ficar pra mim é quando você conhece uma pessoa, acha ela bonita, sente atração visual e sexual ou até mesmo pelos interesses dela, beija, ou pode ter relações sexuais ou não dependendo das duas pessoas, mas você não tem nenhum compromisso assim de fidelidade, você pode ficar com outras pessoas, beijar.”
--	---

8. REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G., SILVA, L., B.. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AIDS. DTS em números. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/dst-em-numeros>. Acesso em: 10 mar. 2012.

ALENCAR, R.A.; SILVA, L.; SILVA, F.A.; DINIZ, R. E. S., *Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes*. Ciênc. educ. vol.14 no.1 Bauru 2008.

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L.; *A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem*. Acta paul. enferm. vol.22 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2009.

ALTMANN, H. *Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais*. Rev. Estud. Fem. vol.9 no.2 Florianópolis 2001.

ALTMANN, H. *Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção*. Cad. Pesqui. vol.39 no.136 São Paulo Jan./Apr. 2009.

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R.. *Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde*. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2009.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. *Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude*. Tempo soc. vol. 17 no.2 São Paulo Nov. 2005.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1977.

BATAGLIÃO, E. M. L.; MAMEDE, F. V.. *Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem*. Esc. Anna Nery vol.15 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2011.

BORGES, A.L.V et al. *Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes*. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.14 no.3 Ribeirão Preto May/June 2006.

BORGES, A.L.V.; SCHOR, N.. *Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual*. Cad. Saúde Pública vol.23 no.1 Rio de Janeiro Jan. 2007.

BOURDIEU, P. *A juventude é apenas uma palavra*. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. 1983.

BRANDÃO, E. R.. *Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde*. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.4 Rio de Janeiro July/Aug. 2009.1

BOUSQUAT, A.; COHN, A.. *A construção do mapa da juventude de São Paulo*. Lua Nova no.60 São Paulo 2003.

CAMARGO, B.V.; BOTELHO, L.J.. *Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV*. Rev.Saúde Pública v.41 n.1 São Paulo fev. 2007 Epub 28-Nov-2006.

CAMARGO E. Á. I. ; FERRARI R. A. P. *Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção Ciênc. saúde coletiva* vol.14 no.3 Rio de Janeiro May/June 2009.

CAMARGO. A.; ZANCANARO, L. *SProject "Vamos Combinar": the experience of communitarian psychology in schools*. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2), 1-. 2009.

CARVALHO, A.M.; RODRIGUES, C.S.; MEDRADO, K.S. *Oficinas em sexualidade humana com adolescentes*. Estud. psicol. (Natal) vol.10 no.3 Natal Sept./Dec. 2005.

CHAMBOREDON, J C. *Adolescence et post-adolescence: la 'juvénisation*. In: ALEON, MORVAN, LÉBOVICI. *Adolescence terminée, Adolescence interminable*. Paris: PUF, 1985. (Estado do Conhecimento).

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L.. *Subvertendo o conceito de adolescência*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Departamento de Psicologia da UFF, 2005.

COTRIM, B. C.; CARVALHO, C. G.; GOUVEIA, N. *Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo*. Rev. Saúde Pública vol.34 n.6 São Paulo Dec. 2000.

DIAS, A. C. G; GOMES, W.B.. *Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes* Psicol. Reflex. Crit. vol.13 n.1 Porto Alegre 2000.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, UNICEF, Brasília, Linha Gráfica Editora, Setor de Indústria Gráficas- Q.02-nº 460.1998.

EGYPTO, A. C.. *A orientação sexual nas escolas públicas de São Paulo, 2004 - GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual)* <http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Acao&ParentId=308-14/03/1215:00> hs

FREITAS, K. R.; DIAS. S. M. Z.. *Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade* Texto contexto - enferm. vol.19 no.2 Florianópolis Apr./June 2010.

GONÇALVES, H.; GIGANTE, D.. *Trabalho, escolaridade e saúde reprodutiva: um estudo etno-epidemiológico com jovens mulheres pertencentes a uma coorte de nascimento*. Cad. Saúde Pública vol.22 no.7 Rio de Janeiro July 2006.

GROPPO, L.. *A Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, 2000.

HAMANN, E. M.. *Grau de Informação, Atitudes e Representações Sobre o Risco e a Prevenção de AIDS em Adolescentes Pobres do Rio de Janeiro, Brasil*. Cad. Saúde Pública vol.11 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1995.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; KNAUTH, D. R.. *Juventude, sexualidade e reprodução*. Cad. Saúde Pública vol.22 no.7 Rio de Janeiro July 2006.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) *Estimativa da População do Brasil por Sexo e Idade.Censo 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: junh. 2010.

JEOLÁS. L. S; FERRARI R. A. P. *Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado* Ciênc. saúde coletiva vol.8 no.2 Rio de Janeiro 2003.

LEITE, A. P. L.. *Sexualidade na Adolescência: Conhecimentos, Atitudes e Práticas dos Adolescentes Estudantes do Município de Maceió*. Rev. Bras. Ginecol. Obstet. vol.23 no.2 Rio de Janeiro Mar. 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - *Marco Legal : saúde, um direito de adolescente*, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem- Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - *PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais*. MEC, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - *Censo Educacional 2009*.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *SPE - Saúde e Prevenção nas Escolas*
http://gestao2010.mec.gov.br/o_que_foifeito/program_44.php 10/03/12 - 17 hs.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *20 anos de pesquisas sobre aborto no Brasil*, Série B. Textos Básicos de Saúde - Tiragem: 1.^a edição – 2008. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/bvs>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas*
http://gestao2010.mec.gov.br/o_que_foifeito/program_44.php 12/03/12 - 17:00 hs
<http://www.fde.sp.gov.br/PagesPublic/InternaProgProj.aspx?contextmenu=prevensina>

MOIZÉS,J.S.; BUENO,S. M. V.. *Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental*. Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.1 São Paulo Mar. 2010.

MORIN, E.. *Cultura de massas no século XX. Neurose (vol I)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984 (Estado do Conhecimento).

OLIVEIRA, D. C. et al. *Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes*. Esc. Anna Nery vol.13 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2009.

OLIVEIRA, M.C. (ED) *Cultura, adolescência, saúde: Argentina, Brasil, México, Campinas*. Consórcio de Programas em Saúde Reprodutiva e Sexualidade na América Latina (ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO), 1999.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A; *Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.* Psicol. estud. vol.12 no.2 Maringá May/Aug. 2007.

PCAP (Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População). 2009.

PeNSE- *Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar*, 2009, Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: junh. 2010.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE- 2008.

POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE: *Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem)* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm 5/04/12 16:00hs.

PORTAL SAÚDE. *A gravidez na adolescência está em queda.* Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33728&janela=11/03/12 - 15:00 . Acesso em: 11 mar. 2012.

PORTAL SAÚDE . *Programa DST-Aids do MS.* Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33735&janela=110/03/12 20 :00 hs.

PSE- PROGRAMA SAÚDE NAS ESCOLAS
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=241- 10/03/12 – 14:00 hs.

QUEIROZ, R. M F. *Afetividade e Sexualidade na Escola- ação educativa desenvolvida na Fundação Bradesco de Marília.* São Paulo, 2002.

ROMERO, K . T; MEDEIROS, Élide Helena G. R.; VITALLE, Maria Sylvia S.; WEHBA, Jamal. *O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo.* Rev. Assoc. Med. Bras. vol.53 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2007.

ROMERO, H. G.; ARBELÁEZ, M. P.. *Perfil de las condiciones de vida de los adolescentes jóvenes, zona urbana, ciudad de medellín,* 2006. *Investig. andina* vol.10 no.16 Pereira Jan./June 2008.

SCHIAVO, M. R.. *Manual de Orientação Sexual.* São Paulo, Ed:O nome da Rosa, 2004.

SILVA, C. G ; SANTOS, Alessandro Oliveira; LICCIARDI, Daniele Carli; PAIVA, Vera. *Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez.* Psicol. estud. vol.13 no.4 Maringá Oct./Dec. 2008.

SOUZA, M. M. et. al; *Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes.* Rev. bras. enferm. vol.60 no.1 Brasília Jan./Feb. 2007.

SINASC (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde). 2007.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, Marília Mello de. *Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência* Psicol. estud. vol.13 no.1 Maringá Jan./Mar. 2008.

VIDAL, E. I; RIBEIRO. P. R. M.. *Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência.* Fractal, Rev. Psicol. vol.20 no.2 Rio de Janeiro July./Dec., pag. 112-121. 2008.

9. ABSTRACT

The present study aims to describe how young people from two socioeconomic groups in São Paulo's city see issues about sexuality. To achieve the proposed objectives, we conducted a descriptive study using a qualitative approach, using semi-structured interviews with 24 teen students who were in the third grade of high school in a public and a private school. The collected information was grouped into the following thematic categories: 1 - sexuality and school; 2 - sexuality and family; 3 - youth and sexuality; 4 - experiences of sexuality among young people. The analysis of the interviews with young people confirmed that the sexuality theme, in public school and in private school, is not treated in a systematic way, although it is contemplated in the National Curriculum Parameters (PCNs) since 1998, as one of the transversal themes. The teen students from both schools considered that it is necessary to treat the sexuality's issue deeply in high school and without taboos. They also suggested that the theme of sexuality should be worked differently from traditional classes, ie, throughout the dynamics and discussions, which would result in the integration among the teens. The interviews also showed that the dialogue about sexuality in families is difficult and most of the teen students showed to have great difficulty in the relationship with their parents. Generally, they look for friends to talk about the subject. Among the motivations for sexual initiation, were highlighted by young people, the curiosity and the desire to the discovery. For most of them, sexual initiation was something new, natural and enjoyable. The affection and the dialogue about the subject, between the partners were highlighted as being important to the intercourse, especially for girls. The contraception methods known and used by the teen students are the condom and the pill. The information collected and analyzed in this study, called the attention to highlight the necessity for awareness and preparation of parents and teachers, to enable dialogue with teens, answer their questions and guide them to realize their sexuality as something inherent to life and health and that is expressed in the humans at all stages of their existenc



10. APÊNDICES

APENDICE 1- AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

São Paulo, ____ de _____ de 2010.

Prof. Coordenador

Sr.

Prezado Senhor,

Meu nome é Lilia Maria Rosado da Fontoura, venho solicitar sua autorização para aplicar um questionário junto aos alunos da 3ª série do Ensino Médio desta instituição, como requisito da minha pesquisa de Mestrado sobre *Sexualidade segundo jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2010-2011*, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

O **objetivo desta pesquisa** é levantar os seguintes aspectos:

- informações dos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, como: métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez; e
- valores relacionados ao papel da família e da escola no tocante à sexualidade e orientação sexual.

Este levantamento será realizado em escolas públicas e particulares com o intuito de comparar os resultados obtidos para caracterizar a sexualidade de adolescentes de diferentes grupos socioeconômicos.

Este questionário contém questões fechadas e abertas e será reservado o direito de anonimato tanto do estudante como da instituição.

É importante ressaltar que a participação do aluno neste estudo é voluntária e livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo à continuidade do projeto. Os participantes não são obrigados a responder às perguntas que lhe causem constrangimento, sem que haja necessidade de justificar os motivos.

O Sr (a) também tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, desde que estes tenham sido finalizados.

São Paulo / /

Assinatura do representante legal- Instituição

APÊNDICE 2- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ALUNOS

Meu nome é Lilia Maria Rosado da Fontoura e solicito sua colaboração para preencher um questionário que tem por objetivo caracterizar a sexualidade de jovens da sua idade que freqüentam escolas públicas e privadas. Ao responder esse questionário, você também estará contribuindo para que possamos comparar alunos desta escola com alunos de outras escolas da cidade de São Paulo.

Este questionário faz parte da minha pesquisa de Mestrado, intitulada *Sexualidade segundo jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2010-2011*, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp-EPM).

Sua participação é livre e voluntária. Caso não tenha vontade, você não precisa responder a todas as questões e não haverá qualquer punição se quiser desistir em algum momento. Além disso, seu nome não será citado, pois as informações colhidas por meio deste questionário serão analisadas junto com as respostas dos demais participantes, cujas identificações também não serão divulgadas.

Como pesquisadora principal, comprometo-me a utilizar as informações fornecidas por você somente para esta pesquisa e posso ser encontrada no seguinte endereço: Rua Borges Lagoa, 1341 – 2º andar – Vila Clementino, telefone: 55715000.

Em qualquer etapa do estudo, você poderá ter acesso aos demais profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Se quiser fazer alguma consideração ou dirimir alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º Andar – Conjunto 14, telefone 55711062, Fax- 55397162 e Email: cepunifesp@epm.br.

Desde já, agradeço a sua valiosa colaboração.

Declaro ter recebido informações suficientes para decidir, voluntariamente, participar da Pesquisa sobre **Sexualidade segundo jovens de dois grupos socioeconômicos da cidade de São Paulo, 2010-2011**.

Assinatura

_____/_____/_____
local e data

Lilia Maria Rosado da Fontoura – Pós-graduanda

_____/_____/_____
local e data

APÊNDICE 3 - FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES:

Identificação N° : _____ **Data:** ____/____/____

Sexo: () masculino () feminino **Data de Nascimento:** ____/____/____

Idade: _____ **Bairro que você mora:** _____

Você estuda em escola: () privada () pública

Série do Ensino Médio: () 1° () 2° () 3°

Nacionalidade: _____

Cidade e Estado em que você nasceu: _____

Cor: () branca () amarela () negra () mestiça () outra Qual? _____

Estado Civil: () solteiro (a) () casado (a) () viúvo (a) () separação legal (judicial ou divórcio) () outro Qual? _____

Moradia você ou sua família: () mora em casa própria () não tem casa própria

Mora com os pais: () Sim () Não Com que? _____

Profissão do pai : _____

Nível de instrução do pai: _____

Profissão da mãe: _____

Nível de instrução da mãe: _____

Itens que a família possui:

	nenhum	um	dois	três	quatro ou mais
Computador					
TV em cores					
Rádio					
vídeo ou DVD					
Geladeira					
Freezer					
máquina de lavar					
Celular					
Automóvel					
empregada mensalista					
Banheiros					

Renda familiar mensal de sua casa:

- até R\$ 500,00
- de R\$ 500,00 a R\$ 1000,00
- de R\$ 1000,00 a R\$ 2000,00
- de R\$ 2000,00 a R\$ 3000,00
- de R\$ 3000,00 a R\$ 4000,00
- de R\$ 4000,00 a R\$ 5000,00
- de R\$ 5000,00 a R\$ 6000,00
- acima de R\$ 6.000,00
- não sei
- não quero responder

Número de pessoas que contribuem para a obtenção da renda familiar:

- uma duas três quatro cinco mais de cinco

Número de pessoas que são sustentadas com a renda familiar:

- uma duas três quatro cinco mais de cinco

Ocupação: Somente estudante Trabalha e estuda

APÊNDICE. 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA:

Roteiro de Entrevista:

1-Na sua escola se fala sobre sexualidade? Como?

2-Como esse assunto é abordado pelos seus colegas? E com os professores? Como isso ocorre?

3-Você recebeu informações sobre esse assunto? Quais? Como? Foram satisfatórias? O que poderia ser feito para melhorar?

4-Por que e quando os jovens fazem sexo?

5-Existe diferença entre meninas e meninos em relação ao tema sexualidade?

5-Qual a diferença entre ficar e namorar? Você já ficou ou namoro?

6-Como foram estas vivências? Quais são suas impressões e fantasias sexuais?

7-Você conversa com alguém sobre esse tema? Com quem você se sente ou se sentiria mais a vontade para um diálogo? Por quê?

8-Você conversa com sua família sobre suas dúvidas e anseios relacionados a esse tema? Quem da sua família dá maior abertura de diálogo? A sua família influenciou no seu aprendizado sobre sexualidade? Como? Como foi a aceitação da sua família em relação às suas vivências sexuais?